

LUZIA A. MARTINS YOSHIDA

Este exemplar corresponde a versão final da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas, para obtenção do Título de Mestre em Saúde Mental, pela psicóloga Luzia Aparecida Martins Yoshida. Campinas, 14 de dezembro de 1995.

Prof. Dr. JOEL SALES GÍGLIO
Orientador

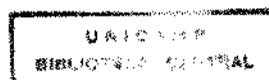
**PREVENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE MENTAL
COM ADOLESCENTES TRABALHADORES DA
UNICAMP**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Saúde Mental.

Orientador: **Prof. Dr. Joel Sales Gíglío**

Co-Orientador: **Prof. Dr. Carlos Alberto Vidal França**

Campinas, 1995



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	Y83p
V.	EL
T.º 030	BC/28768
PROC.	667/96
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	8911,00
DATA	11/10/96
N.º OPD	

CM-00052686-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS - UNICAMP

Yoshida, Luzia Aparecida Martins

Y83p Prevenção primária em saúde mental com adolescentes trabalhadores da
Unicamp / Luzia Aparecida Martins Yoshida. Campinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador : Joel Sales Giglio

Tese (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Prevenção primária. 2. Adolescência. 3. Saúde Mental. I. Giglio, Joel Sales. II Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Banca EXAMINADORA de Tese de Mestrado

ORIENTADOR: PROF. DR. JOEL SALES GIGLIO

MEMBROS:

1.



2.



3.



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

DATA: 14 / 12 / 1995

Agradecimentos

Expresso meu profundo agradecimento a todos que, de forma direta ou indireta colaboraram para a execução deste trabalho.

Em primeiro lugar dirijo-me ao meu marido Luiz e aos meus filhos Fernando, Priscila e Leandro, que com carinho e compreensão possibilitaram que eu perseguisse meus objetivos e também aos meus pais e irmãs, além de Amira e Amanda, pelo afeto jamais negado.

Ao meu orientador Dr. Joel Sales Giglio e ao meu co-orientador Dr. Carlos França que muito me possibilitaram crescer, pois praticam a arte de ensinar com brandura e contagiam com afetividade os que deles se acercam.

A colega e amiga Maria Lúcia Gonçalves Brocanelli pela paciência e carinho que teve ao ler os originais e exprimir suas dúvidas de forma crítica e construtiva.

Aos colegas da Unicamp, especialmente a Prof^a Maria Marta Magalhães Battistoni pelo apoio constante

Ao Serviço de Apoio Didático da Unicamp, através de Emilton e Renata, pela atenção e prestatividade..

A Tânia Maria Micheloni, Priscila e Daniele pela cooperação inestimável na digitação e parte técnica do trabalho.

A Maria Aparecida Lopes pela cuidadosa revisão gramatical.

Aos Adolescentes-Trabalhadores, meus queridos Mensageiros, sem os quais nada teria sido possível.

SUMÁRIO

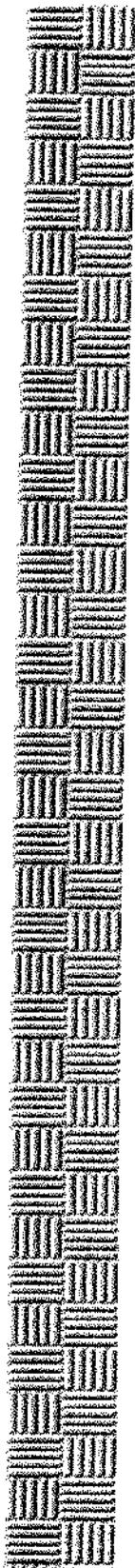
Resumo.....	i
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. HISTORIANDO O 'PROGRAMA DE PREVENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE MENTAL COM O ADOLESCENTE TRABALHADOR NA UNICAMP.....	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3.1. Saúde Mental e prevenção.....	15
3.2. Conceito gerais sobre psicodinâmica da adolescência.....	25
3.3. O grupo na adolescência.....	38
4. MÉTODO.....	44
4.1. Descrição.....	45
4.2. Sujeitos.....	48
4.2.1. População estudada e sua caracterização.....	48
4.2.2. Caracterização dos sujeitos.....	49
4.2.2.1. Perfil do sujeito.....	49
4.2.3. Ambiente e equipamentos.....	51
4.3. Objetivo geral.....	51
4.4. Objetivo específico.....	51

4.5. Instrumentos.....	51
4.5.1. Projeto piloto.....	51
4.6. Procedimentos para coleta de dados.....	52
4.6.1. Coleta de depoimentos.....	55
4.7. Procedimento para análise e interpretação dos dados.....	55
4.7.1. Definição das categorias.....	55
4.7.1.1. Tabela de categorias.....	58
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....	59
6. REFLEXÕES FINAIS.....	87
7. SUMMARY.....	94
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
9. ANEXOS.....	107
Anexo I: Descrição do Cargo/Função - Mensageiro.....	108
Anexo II: Carta de Agradecimento.....	109
Anexo III: Coleta de Depoimentos - Entrevista Aberta.....	110
Anexo IV: Manual do Questionário do Adolescente.....	111
Anexo V: Questionário do Adolescente.....	116
Anexo VI: Gráficos de Ajuste/Desajuste dos sujeitos da pesquisa.....	120
Anexo VII: Roteiro dos G.P.O. (s).....	140

Anexo VIII: Entrevistas dos vinte sujeitos:.....	148
--	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição segundo a idade dos sujeitos, UNICAMP, 1995.....	49
Tabela 2: Distribuição segundo estado civil, UNICAMP, 1995.....	50
Tabela 3: Distribuição segundo sexo, UNICAMP, 1995.....	50
Tabela 4: Distribuição segundo a escolaridade, UNICAMP, 1995.....	50
Tabela 5: Número e porcentagem dos sujeitos que compareceram a cada G.P.O. específico, em relação ao número de sujeitos pesquisados, UNICAMP, 1995.....	53
Tabela 6: Distribuição dos sujeitos da amostra segundo os G.P.O. freqüentados, UNICAMP, 1995.....	54
Tabela 7: Distribuição global do número e porcentagem de sujeitos dentro de cada categoria, UNICAMP, 1995.....	58



Resumo



O presente estudo busca avaliar a viabilidade da prevenção primária em saúde mental com adolescentes trabalhadores da Unicamp, a partir de depoimentos dos próprios adolescentes, a respeito do programa preventivo aplicado em 1987.

A partir de um levantamento dos interesses e necessidades dos jovens, elaboramos tal programa que abordou os seguintes temas: Sexualidade, Relacionamentos Familiares, Estudos e Profissões e Tóxicos. Para embasar as ações preventivas foram levantados pontos teóricos sobre Saúde Mental, Prevenção, Grupos e Aspectos Psicodinâmicos da Adolescência. Esse programa preventivo teve como sua atividade principal os Grupos Preventivos de Orientação [G.P.O.(s)] e foi um trabalho empírico que confirmou os dados da literatura científica sobre adolescência e prevenção primária em saúde mental.

A avaliação dos depoimentos dos adolescentes, que mostrou ser altamente adequada e que enriqueceu a nossa compreensão sobre os mesmos, foi realizada através da Análise de Conteúdo, proposta por Berelson, Bardin, Mynaio e outros autores.

Dessa análise de conteúdo obtivemos as seguintes conclusões:

1 - Os adolescentes fizeram uma avaliação positiva do programa preventivo, percebendo-o como um momento propício à reflexão, à orientação, e à convivência grupal.

2 - Nossos sujeitos sentiram nos G.P.O.(s), predominantemente, continência afetiva, desenvolvendo, então, novos posicionamentos e conscientização de seus papéis na comunidade.

3 - Apresentaram uma percepção de grupo como um espaço adequado para elaborarem seus conflitos.

4 - Vivenciaram mecanismos primitivos de defesa do ego, entre eles a cisão. Projetaram nos pais (aqueles que lhes faziam restrições e davam ordens) a imagem do pai mau e, no profissional (que oferecia oportunidades de convivência grupal), a imagem do pai bom.

5 - Os sentimentos de amor e ódio também estavam cindidos e, através da continência afetiva presente na situação do G.P.O., puderam ser elaborados, favorecendo que os adolescentes se voltassem para as figuras parentais e para novos relacionamentos mais integrados e restaurados.

6 - As informações sobre os temas, transmitidas através do G.P.O., abriram espaço para reflexões e possibilitaram a integração dos objetos bom e mau, até então cindidos.

7 - Os adolescentes sentiram-se atendidos em suas necessidades e interesses e responderam maciçamente terem obtido alguma vantagem na vivência do G.P.O..

8 - Consideraram a vivência grupal com outros jovens como o fator de maior relevância na vivência do G.P.O., confirmando a importância da "identidade grupal" na adolescência.

9 - O fato do agente de saúde mental ser membro da mesma comunidade que os adolescentes é um importante fator para o estabelecimento de uma relação horizontal, harmoniosa e eficaz.

10 - Consideramos adequado que a prevenção primária seja aplicada num momento mais precoce da adolescência.

Após a avaliação do programa preventivo, esperamos contribuir para um maior conhecimento sobre como adequar, ao nosso jovem, ações preventivas que possam efetivamente promover maior saúde mental, maior capacidade de reflexão, de escolhas e de decisões, capacidades estas que promovam o bem-estar do jovem e da comunidade. Almejamos também possibilitar aos demais profissionais um incentivo para trabalharem nas diversas comunidades e estruturas organizacionais, em nível de prevenção.



1. Introdução

O provérbio "*É melhor prevenir do que remediar*" encerra uma sabedoria popular na medida em que realizar ações preventivas significa, em outras palavras, antecipar-se de maneira a evitar danos e males que de certa forma trariam prejuízos ao indivíduo ou à sociedade.

A sociedade moderna e a evolução da ciência têm apontado a necessidade de realizar ações preventivas nas mais diferentes áreas desde a empresarial, escolar, econômica, da saúde, entre outras, pois isso traz benefícios maiores, desde econômicos que revertem para a sociedade, até os progressos no desenvolvimento dos indivíduos.

Nesse sentido, não é por acaso que a Psicologia Comunitária, cujos objetivos, segundo Macedo (1986), são "*prevenir e tratar os distúrbios psicológicos da maneira mais integrada possível com o seu ambiente social*", enfatiza que os atendimentos e programas de Saúde Mental se voltem para o trabalho de prevenção.

É verdade que a prevenção mais verdadeira e efetiva deve ser realizada na infância através de uma família que tenha maturidade afetiva e, portanto, capacidade de dar cuidados aos seus filhos.

Na ausência de ações naturalmente preventivas, a ciência psicológica tem desempenhado um papel fundamental no restabelecimento do equilíbrio e da saúde do indivíduo. Sendo assim, percebemos que ela é um ingrediente crítico em programas destinados a prevenir o sofrimento humano, a desadaptação, a doença. Já se comprovou a necessidade de se montar trabalhos preventivos em larga escala, tal como pioneiros da saúde pública fizeram com doenças endêmicas como foram a poliomielite, varíola, malária, e aplicá-los em comunidades, organizações de trabalho, escolas. (Caplan, 1962).

Há 30 anos atrás, iniciou-se uma revolução na psiquiatria americana. Enfatiza-se, desde então, que a prevenção, o tratamento e a reabilitação dos enfermos mentais devem ser considerados responsabilidades comunitárias.

Autores como E. Erikson (1972) e Ryad Simon (1989) percebem o valor e a importância da intervenção preventiva nas situações de crise do ser humano.

A intervenção preventiva significa preparar o sujeito para lidar com as situações de crises latentes nas quais ele não tem clareza sobre a vivência de suas tensões.

Erikson (1968) enfatiza a importância e oportunidade da ação preventiva do profissional de saúde mental, tanto nas situações onde geralmente ocorrem as crises evolutivas do homem tais como, nos períodos de gestação, momento de entrada na escola, adolescência, primeiro emprego, casamento, como também nas crises situacionais vividas através de agressões, perdas, litígios, abandonos, etc.

Do ponto de vista de Simon (1989), há necessidade de se fazer programas preventivos relativos às situações de crise, mesmo em países em desenvolvimento e com verbas escassas.

Em 1979, sob os cuidados da Organização Mundial de Saúde e Fundo das Nações Unidas para a Infância, durante a "Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde" em Alma Ata - URSS (1978), foram estudados e estabelecidos critérios e normas para o atendimento à comunidade.

Enfatiza-se então a acessibilidade de todos os indivíduos e famílias de uma comunidade a serviços essenciais de saúde, sendo que estes devem oferecer atendimentos de promoção, prevenção, cura e reabilitação.

Esta conferência avaliou que esses cuidados primários de saúde *"... são essenciais para que o mundo alcance, em futuro previsível, um aceitável nível de saúde, como parte do desenvolvimento social e dentro do espírito de justiça social..."* Ela concentrou-se nas necessidades dos países em desenvolvimento e estudou as diversas condições para que os cuidados primários tornem-se viáveis, desde cooperação entre os países, a partir de uma estratégia mundial até detalhamentos válidos e preconizados até hoje, como por exemplo, a descentralização dos serviços de saúde, a importância da ação dos membros da própria comunidade, os sistemas de encaminhamento e preocupação com o transporte dos pacientes e orçamentos. Enfim, traçou toda uma estratégia para possibilitar a efetividade dos cuidados primários.

Durante a década de 60, predominava no Brasil uma política assistencial asilar nos macro hospitais psiquiátricos (Cerqueira, 1968). Já a partir dos anos 70, admite-se que esta solução asilar é onerosa e inadequada e abre-se espaço para propostas de novas diretrizes políticas de Saúde Mental, norteadas pela Psiquiatria Social e Preventiva. Hoje, abrem-se os ambulatórios, porém, estas propostas de prevenção ainda constituem minoria e iniciativas isoladas.

O conceito de Prevenção em Saúde Mental é pouco conhecido e aplicado no Brasil e o treinamento dos profissionais da área tem sido pouco dirigido para uma prática orientada para a comunidade, prevalecendo ainda a antiga diretriz de preparo para o atendimento psicoterápico do indivíduo, ou seja, realizar trabalhos de Atenção Secundária. Assim, estamos aqui enfatizando que, embora seja muito importante não descuidar das pessoas com distúrbios mentais, através da Atenção Secundária e Terciária, consideramos essencial realizar trabalhos de Atenção Primária, isto é, estudar e aplicar medidas de informação e oferecimento de um espaço de reflexão para crianças, adolescentes e adultos.

Com essa Atenção Primária promove-se a compreensão da conduta própria e dos outros e assim fortalece-se a auto-confiança, reduz-se a ansiedade e resulta-se num melhor ajustamento social e maior satisfação pessoal.

Infelizmente, até hoje, tem sido realmente pequena a atenção dispensada, em nível de Saúde Pública, para os trabalhos preventivos voltados para a Saúde Mental, e os únicos assuntos que têm conseguido despertar o interesse das autoridades são Tóxicos e AIDS.

Glissant (1982) nos dá notícias sobre os programas preventivos relacionados com as drogas, desenvolvidos em diversos países, conforme será abordado na Fundamentação Teórica, mais à frente.

Com relação aos trabalhos preventivos relacionados a Tóxicos, a tendência tem sido de duas ordens: primeiramente estabelecer medidas repressivas contra a produção, uso e tráfico de drogas e, em segundo lugar, investir no tratamento de dependências já instaladas.

Moreira (1994), após intensa convivência com drogaditos e estudo aprofundado, passa-nos a idéia de que eles vivenciam sentimentos de terror, solidão e orfandade sem iguais, e afirma que *"não-se consegue tratá-los"*.

Diante de tal inacessibilidade a tratamento e gravidade do problema, o que se pode fazer é tentar prevenir que indivíduos com esta tendência entrem nesse caminho tão auto-destrutivo.

Conforme disse Bucher (1992), o governo brasileiro, juntamente com a sociedade, tradicionalmente tem dado prioridade à repressão com relação ao uso e abuso de drogas, ao invés de propor ações preventivas eficazes e significativas.

Desde 1988, o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEM) publicou apenas um documento programático denominado "Política Nacional nas Questões de Drogas".

No V Congresso Brasileiro de Adolescência, realizado em Aracaju (1995), pudemos também observar que há, atualmente, algumas tentativas isoladas de trabalho preventivo realizadas através de escolas, prefeituras e organizações não governamentais, contando com o auxílio de profissionais interessados e voluntários.

Na área da Educação, temos o conhecimento de ações de natureza preventiva, como por exemplo, o Projeto "Prevenção ao Uso de Drogas - Você não está Sozinho" (1992/1993), realizado pela Secretaria de Estado da Educação - Divisão Regional de Ensino de Campinas, que visava preparar professores para trabalharem o assunto com estudantes-adolescentes, o qual infelizmente já foi interrompido.

Além da importância da aplicação de medidas preventivas, os conceitos psicanalíticos também têm sido relevantes para a elaboração de trabalhos na área da Saúde Mental.

A Psicanálise, enquanto uma "prática libertadora" (Fisch, 1994), na medida em que permite ao homem o descobrimento de si mesmo, oferece técnicas que podem ser muito eficientes para ajudar no processo de desenvolvimento libidinal do homem. Além disso tais técnicas dão subsídios valiosos para os trabalhos preventivos.

Todas estas considerações têm sido extremamente relevantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. Em nossa prática profissional, trabalhando especificamente com uma população de adolescentes, temos confirmado que a Adolescência, tal como a literatura aponta, é uma época de crise, um momento de plasticidade e de flexibilidade e, por estas razões, favorece a reestruturação psíquica. Assim, não podemos perder, nessa fase do desenvolvimento humano, a oportunidade de realizar ações preventivas.

A partir de todas estas considerações, elaboramos um plano de trabalho preventivo denominado "Programa de Prevenção Primária em Saúde Mental com Adolescentes Trabalhadores da Unicamp" (Mensageiros), o qual será historiado mais adiante. Este programa foi aplicado em 1987 com o intuito de promover a Saúde Mental destes jovens.

Ressaltamos que neste programa preventivo tivemos o cuidado de não nos prendermos apenas aos assuntos Tóxicos e AIDS, costumeiramente abordados pelos programas com adolescentes, mas dedicamo-nos igualmente a outros temas, considerados na literatura e apontados no nosso levantamento de interesses como primordiais nesta fase do desenvolvimento, tais como Sexualidade, Relacionamentos Familiares, Estudos e Profissões.

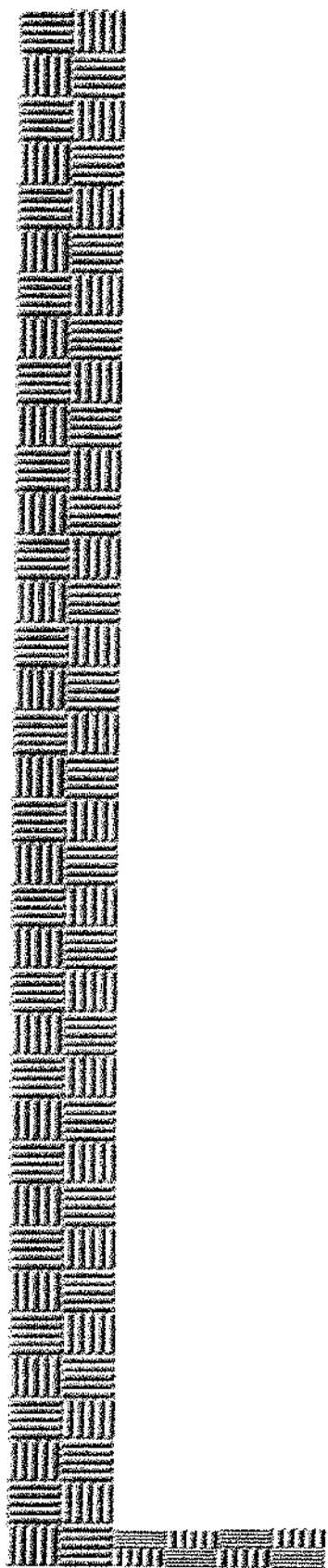
Com este plano, não objetivávamos meramente fornecer informações sobre os assuntos relevantes para o adolescente, mas sim fazer prevenção, o que significa oferecer um espaço continente, adequado, onde o profissional possa interagir com o grupo de jovens, recebendo suas falas, idéias, fantasias, e auxiliando-os na elaboração das mesmas.

Para que ocorra uma interação verdadeira, isto é, uma troca entre o agente de saúde e o adolescente, é essencial, de acordo com Caplan (1962) e Macedo (1986), que o profissional pertença à comunidade e esteja inserido nela¹.

¹ Esses dados foram confirmados também por pesquisa atual realizada em escolas de Porto Alegre, sobre a validade da prevenção contra drogas, onde se conclui: "...O segredo é treinar os próprios professores que conhecem cada aluno e a realidade de suas comunidades..." (Revista Veja, nº 39, 27 de setembro de 1995).

Este programa realizado com o adolescente teve o objetivo de contribuir para a formação de um indivíduo psicologicamente mais estruturado e com capacidade de enfrentar as diferentes situações da vida.

A fim de avaliarmos a eficácia do “ Programa de Prevenção Primária em Saúde Mental com o Adolescente Trabalhador da Unicamp “, elaboramos então, como trabalho de Mestrado, este projeto de pesquisa, através do qual objetivávamos comprovar a importância que ele possa ter tido na vida desses jovens. Esta avaliação foi realizada por intermédio de uma entrevista aberta, onde eram coletados os seus depoimentos, e da Análise de Conteúdo dos mesmos.



2. “Historiando o “Programa de Prevenção primária em Saúde Mental com o adolescente trabalhador da UNICAMP”

No momento da execução desse programa de "Prevenção Primária em Saúde Mental", a Unicamp constituía uma comunidade de 11.000 trabalhadores, sendo que aproximadamente 300 deles, entre 15 e 18 anos, compunham a categoria profissional denominada Mensageiros. Estes constituíam-se nos sujeitos do programa citado.

Ao início da aplicação do programa preventivo, muitos estavam em férias e 47% deles compareceram às primeiras assembléias realizadas. Ficamos então com uma relação de 141 nomes. Organizamos grupos para serem atendidos em 1987 e em 1988, porém, por motivos de mudanças na Diretoria Geral de Recursos Humanos (D.G.R.H.), executamos apenas os grupos de 1987. Sendo assim, compareceram, efetivamente, aos primeiros Grupos Preventivos de Orientação [G.P.O.(s)] 97 mensageiros.

Dentro desse programa, foram realizadas atividades diversas tais como: assembléias, conferências, pesquisas de interesses e de necessidades dos jovens, visitas aos seus locais de trabalho, orientações junto às suas chefias, atividades esportivas e artísticas e a atividade central deste Programa, os G.P.O.(s) aos quais conseguimos, realmente, o comparecimento dos adolescentes.

Estes G.P.O.(s) foram definidos como: *"grupos que, para os seus funcionamentos, usam de técnicas de Psicoterapia Dinâmica Breve e de Dinâmica de Grupo, sempre com um entendimento psicodinâmico de cada situação, que dê base e direção às ações do profissional de Saúde Mental"* (Yoshida, 1987).

Tendo como objetivo o oferecimento de atendimento comunitário e visando à prevenção primária, em áreas já reconhecidas na literatura científica como importantes para essa faixa etária, programamos nossas atividades especificamente para os quatro temas: Relacionamentos Familiares, Sexualidade, Tóxicos, e Estudos e Profissões, conforme haviam sido também as solicitações dos Mensageiros e os resultados obtidos com a avaliação dos Questionários do Adolescente² aplicados.

²

Trata-se de um instrumento criado por Rynaldo de Oliveira, e editado pela Vetor. Este questionário foi utilizado para detectarmos os interesses/necessidades dos adolescentes, através dos seus gráficos de Ajuste/Desajuste. Ressaltamos, porém, que os resultados da reapplicação atual deste instrumento (os quais estão representados pelos gráficos vermelhos do anexo nº V3) e só foram aqui colocados para exemplificar a variação dos "perfis" dos jovens entre 1987 e 1994, já que para a análise dos depoimentos, o instrumento por nós escolhido, foi a "Análise de Conteúdo", descrita adiante.

A seguir, a partir de uma listagem dos 300 mensageiros que nos foi fornecida pela Diretoria Geral de Recursos Humanos (D.G.R.H.), os jovens foram divididos em pequenos grupos para aplicação do citado Questionário.

Este instrumento foi utilizado, neste trabalho, para pesquisar o Interesse/Necessidade, através do grau de Ajuste/Desajuste, de cada adolescente, com relação às áreas: Familiar, Escolar, Social, Sexual, Tóxicos e Individual.

O autor, como pode ser observado no Manual do Questionário do Adolescente, não define os termos Ajuste/Desajuste. Faz-nos pensar, então, que ele se refere à maneira mais comumente usada dentro da Psicologia. Pesquisando o conceito, encontramos: *"Ajustamento é a tentativa do organismo para satisfazer as frustrações"* (Dória, 1974). Observamos também que frustrações estão ligadas às necessidades e interesses. Quando uma necessidade ou um interesse não são satisfeitos pode surgir uma frustração e um conseqüente Desajuste.

Mattiazi (1977) faz um estudo da evolução histórica do conceito de Interesse, onde se reporta a um largo período e a importantes autores como Thorndike, Rousseau (1712-1778), Clarapède (1873-1940), Decroly (1871-1932), Willian James (1842-1910), Dewey (1859-1952), Frier (1931). Este último diz que: *"... o interesse é um comportamento de aceitação ou de rejeição..."* (apud Mattiazi, 1977) e conclui: *"... é direcional porque corresponde às necessidades profundas do indivíduo"*.

Também Bohoslavsky (1977), nos seus estudos sobre a modalidade clínica da Orientação Vocacional, cita Clarapède, o qual define: *"... o interesse é como sintoma de uma necessidade que tende a ser satisfeita"*.

Assim, num entendimento psicanalítico do termo Interesse percebemos que, do Id, surge um Impulso em função de uma necessidade sentida, a qual, no Ego, pode expressar-se como um Interesse e levar a uma ação de busca, para a realização dessa necessidade.

Assim, Necessidade e Interesse são energias motivadoras, mobilizadas no momento em que o indivíduo percebe em si mesmo algum grau de frustração e, portanto, de desajuste.

Sentimos, naquele momento de início da planificação de um Trabalho Preventivo, que o Questionário do Adolescente captava os Ajustes/Desajustes que, como vimos, refletem as Necessidades e Interesses dos Adolescentes. O conhecimento destas necessidades servia como um elemento de aproximação entre estes jovens e a profissional de Saúde Mental.

A partir dos resultados destes Questionários do Adolescente, providenciamos a formação dos seis G.P.O.(s), incluindo os 120 adolescentes que relacionáramos subdivididos, segundo seus maiores interesses, em um dos temas: Sexualidade, Tóxicos, Relacionamentos Familiares e Estudos e Profissões.

Também, durante a primeira assembléia, foi realizada uma explanação sobre "Problemas e Perdas próprias da Adolescência" visando que se sentissem compreendidos e conseqüentemente identificados com a profissional de Saúde Mental. Objetivávamos assim o estabelecimento de uma boa relação horizontal, isto é, que houvesse identificação e sentimento de proximidade.

Houve também um momento destinado à explanação sobre o funcionamento do programa "Prevenção Primária em Saúde Mental".

Foram enviados aos mensageiros convites para participarem dos G.P.O.(s), (aos quais compareceram 97 jovens), e cartas solicitando às chefias que os liberassem para cada reunião, com horário e local pré-estabelecidos.

Elaboramos também um roteiro (anexo nº 7) para os encontros de cada um dos G.P.O.(s), sendo este apenas uma proposta que poderia ser modificada, conforme o transcorrer do trabalho e o surgimento de novas necessidades.

Na segunda assembléia com os mensageiros, convidamos, para participarem conosco, docentes da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Nesta houve, então, uma explanação sobre a importância dos esportes para a saúde física e mental e também foi feita uma consulta aos mensageiros sobre seus interesses em participar de uma das modalidades esportivas que a FEF poderia oferecer naquele momento. Fizemos também contato com o Instituto de Artes que abriu espaço para que alguns Mensageiros fizessem parte de um grupo de dança. Foram, então, formados também os grupos de jovens em função do esporte escolhido, aos quais, no entanto, eles pouco compareceram.

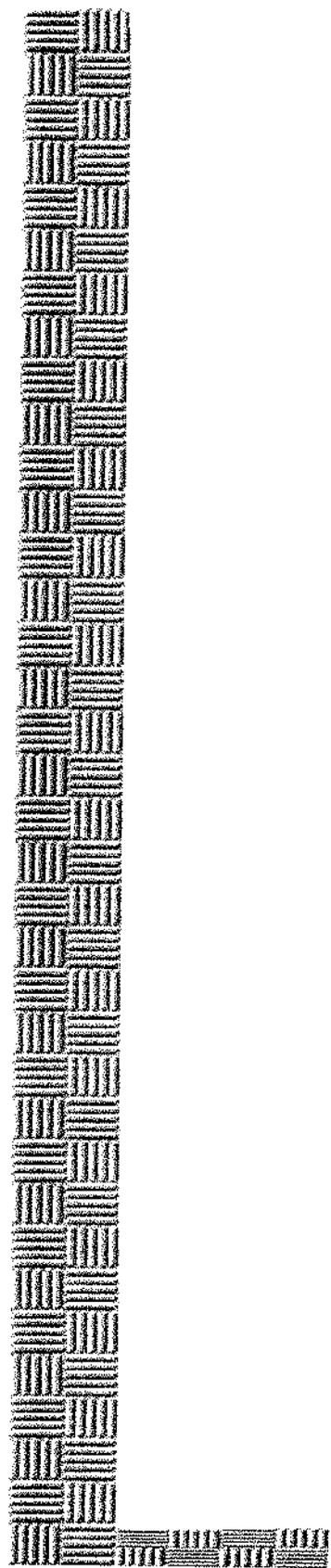
Acreditamos que o oferecimento de um espaço para lazer através das atividades esportivas ou artísticas, levou os Mensageiros a sentirem-se muito acolhidos e, mesmo que poucos participassem efetivamente dessas atividades, este oferecimento fez com que eles percebessem que havia um interesse nos seus desenvolvimentos, uma afetividade de “pai-bom”, que facilitava o seu crescimento emocional.

Oferecemos, neste início do programa preventivo, antes da implantação dos G.P.O.(s), quatro palestras para os Mensageiros: uma com o Prof. Dr. Maurício Knobel sobre as características da Adolescência, uma segunda com a Dra. Raquel Vilela Favero sobre a Saúde Mental de Adolescentes, uma terceira com o Prof. Dr. José Francisco Regis de Moraes sobre o Trabalho do menor e a quarta com a Dra. Sílvia Bellucci sobre AIDS.

Realizamos também uma reunião com as Chefiãs dos Mensageiros, com o objetivo de sensibilizá-las sobre as necessidades próprias da adolescência. Esta reunião constou de duas partes: uma palestra sobre “Adolescência” e um grupo de discussão abrangendo o tema da palestra e o nosso “Programa de Prevenção Primária em Saúde Mental”.

Para que o processo fosse eficaz, sentíamos que era imprescindível que o adolescente tivesse oportunidade de expressar-se, dialogar, perceber-se ouvido, sentir receptividade e continência no profissional orientador.

Pensávamos que o nosso programa como um todo oferecia um espaço e uma oportunidade para o Mensageiro sentir-se acolhido e isto facilitava as condições para a sua participação efetiva e interessada nos G.P.O.(s).



3. Fundamentação teórica

3.1. SAÚDE MENTAL E PREVENÇÃO

A Saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde como: *“um estado de completo bem estar físico, mental e social... resultante de condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a Serviços de Saúde.”* (OMS, 1978).

A partir das contribuições de S. Freud, (1856-1939), atenua-se a barreira entre o doente e o sadio. Isto se deve tanto ao desenvolvimento de sua original e profunda concepção etiológica dos distúrbios mentais, baseada no dinamismo psíquico como à sua percepção da presença de mecanismos de diferentes qualidades e intensidades em cada singular estado psíquico. Também Bion (1988) afirmou que está envolvido mais do que um fator quantitativo na diferença entre personalidade psicótica e não psicótica e concluiu que há diferentes formas de Identificação Projetiva, entre elas uma “anormal” que, juntamente com condições inatas do bebê, propicia o desenvolvimento da personalidade psicótica.

Esse autor descobriu também que a Identificação Projetiva é o primeiro modo de comunicação entre o bebê e sua mãe, dando origem à capacidade de pensar próprio da personalidade não psicótica. Conclui-se que o “Pensar”, para Bion, é característica do indivíduo com “saúde mental”, enquanto que nas patologias o que ocorre são formas de “fantasiar”.

A Saúde Mental é um dos componentes essenciais da saúde e podemos descrevê-la como um estado interno de bem estar que o indivíduo sente em sua interação com o meio social, quando está satisfazendo criativa e construtivamente suas necessidades, desenvolvendo-se e contribuindo para o bem-estar dos outros.

O Prof. Dr. M. Knobel (1986) referiu-se às características da saúde mental afirmando que a ausência de sinais de sofrimento do organismo não é sinônimo de saúde e também que ela não é somente ausência de enfermidade. Este autor considera também que a saúde, geralmente, não é um estado que o indivíduo ganha ou perde de uma só vez, não podendo ser nunca um conceito estatístico.

Também é bastante significativo o que diz E. Fromm:

“A pessoa mentalmente sã é aquela que é produtiva e não alienada, que se relaciona com o mundo com amor e que usa a razão para compreender objetivamente a realidade; que experiencia o seu próprio ser como uma identidade individual única e ao mesmo tempo sente-se unida com seu próximo; que não é sujeita à autoridade irracional e que aceita de bom grado a autoridade racional da consciência e da razão; que está no processo de nascer por tanto tempo quanto viva e considera a dádiva da vida a mais preciosa chance que possui”. (Fromm, 1968)

Ao pensarmos sobre o adolescente lembramo-nos de que ele frequentemente não cumpre os quesitos que Fromm (1968) cita como indicativos de sanidade: nem sempre ele consegue usar primordialmente a razão, mas, sim, é uma pessoa com a emotividade muito intensa, aflorando facilmente e procurando testar o grau de sua força.

Erikson (1972) observa que o conflito neurótico não é muito diferente, no conteúdo, dos conflitos normativos pelos quais crianças e adolescentes passam e cujos resíduos permanecem nas personalidades adultas.

Esse autor constata também que a personalidade ressurgente normalmente de cada crise com um sentimento maior de unidade interior e aumento da capacidade de ação construtiva.

Essa Saúde Mental na nossa população é um objetivo de valor inestimável. E só podemos batalhar por ele, agindo em cada segmento menor da população, de acordo com o almejado.

A Saúde Mental precisa estar inserida no Plano Geral de Saúde e nos serviços gerais, tais como ambulatórios, hospitais gerais, centros comunitários dos bairros e das cidades, postos de saúde, escolas, setores de Recursos Humanos das instituições, etc. Especialmente quando se refere ao nível preventivo, destaca-se a necessidade de cuidados dentro do próprio ambiente onde vivem os sujeitos, quer seja ambiente de trabalho, de estudo, ou de moradia (Macedo, 1986).

Consideramos que a prevenção realmente mais eficaz pode ser feita, desde o nascimento do sujeito, dentro de sua própria família.

A Família é definida por Andolfi (1980) como sendo um *“Sistema aberto (isto é, onde há trocas) constituído por muitas unidades ligadas no conjunto por regras de comportamento e por funções dinâmicas, em constante interação entre elas e intercâmbio com o exterior”*.

Segundo Berge (1968), só quando se compreendeu o alcance da verdade *“A criança é o pai do homem”* e da importância dos estudos psicológicos da primeira idade é que passou a haver preocupações com as profundas necessidades da criança e com o meio mais adequado para seu desenvolvimento, a família.

Consideramos que a família é o primeiro grupo natural, no qual o indivíduo vive, ao qual pertence e que lhe transmite de forma inconsciente todos os valores. Reconhecemos também que, na educação, a influência do inconsciente é muito maior do que a do consciente.

Além disso, a família *“é, ou deveria ser o meio do qual se tem certeza de não poder ser excluído e pelo qual se tem a segurança de não ser renegado”*. (Berge, 1968).

A vivência da criança com a família é que irá estabelecer os futuros padrões de relacionamento com outras pessoas e grupos.

Assim, a família é a *“célula-mater”* de todos os outros grupos. Como um indivíduo ela pode sofrer crises, viver realizações, alegrias, rupturas. É receptáculo para desejos, sentimentos, angústias, projeções, identificações, fenômenos esses que se resolvem em função dos vínculos existentes dentro do grupo familiar.

A chegada, de membros de uma família à Adolescência, pode trazer crises e desequilíbrios. O adolescente vive intensas transformações e provoca que seus pais também revivam muitos dos seus próprios conflitos adolescentes, seus narcisismos, sentimentos onipotentes, conflituosas edípicas, lutos, e inclusive favorecendo o surgimento das naturais fantasias sobre morte e envelhecimento.

Assim, na adolescência dos filhos, a família também vive uma situação muito especial, a qual pode tornar-se privilegiada e levar à obtenção de crescimento emocional, se os filhos puderem, na convivência com o grupo familiar, colaborar para que os pais reflitam sobre o seu novo “status” e papéis a serem desempenhados.

Retomando a idéia de “prevenção” desde o nascimento, pensamos que os programas preventivos devem dirigir-se também aos pais, dando-lhes espaço para que possam refletir sobre o que é uma família e sobre seu papel decisivo no desenvolvimento dos indivíduos.

Isto poderia ser feito, por exemplo, através de grupos de gestantes, onde o casal pudesse participar e não apenas a mãe. Seria importante também haver continuidade desse processo, oferecendo oportunidades de vivências grupais, onde pudessem colocar suas dúvidas, angústias, crenças e certezas para serem discutidas com outros pais e agentes de Saúde Mental.

Glissant (1982) (apud Monte Serrat, 1986) relata-nos sobre os programas preventivos em diversos países, porém percebemos que eles são referentes apenas às drogas. Este autor nos informa que desde 1967 a Finlândia, Dinamarca, Noruega, Itália, República Federal da Alemanha, Iugoslávia e Tchecoslováquia têm programas preventivos inseridos dentro da rede escolar, vinculados às disciplinas do primeiro e segundo graus e destinados a alunos a partir dos 11 anos de idade.

Na França, embora não existam programas específicos, a educação preventiva está também integrada a algumas disciplinas escolares.

Nos Estados Unidos, a prevenção, o tratamento, a reabilitação dos enfermos mentais passam a ser, pela primeira vez, considerados responsabilidades comunitárias e não mais privadas, no governo do então presidente Kennedy.

A época era propícia e iniciava-se um exame dos problemas próprios da psiquiatria comunitária, a fim de começar a construir um corpo de conhecimentos sobre o qual estudantes e profissionais de psiquiatria pudessem apoiar-se.

Assim, na década de 60, surgiram nos E.U.A. serviços comunitários de saúde mental e também aconteceram muitas pesquisas epidemiológicas sobre famílias, relações pais-filhos, gravidez, fatores biológicos, psicossociais e sócio-culturais, concluindo-se que a Psiquiatria Preventiva precisava considerar a natureza multifatorial das forças que podem influir em problemas mentais.

Essa psiquiatria preventiva trabalha com o pressuposto de que, para manter a saúde mental, uma pessoa precisa de suprimentos contínuos: físicos, psicossociais e sócio-culturais. Estas três categorias de suprimentos incluem: alimento, habitação, estimulação, exercícios, interação pessoal em relações contínuas, e satisfação de necessidades pessoais.

Também a Teoria da Crise descrita por Erikson (1959) é considerada como ponto de partida para o entendimento da adequação da ação preventiva na Adolescência, por ser esta uma situação de crise do desenvolvimento humano.

Caplan (1962) aponta, para justificar a intervenção na crise, três aspectos. O primeiro se refere ao fato de a crise geralmente não ser determinada apenas por fatores interiores, mas dependente da interação de forças endógenas e exógenas e, por este motivo, uma intervenção externa pode levar a um bom resultado.

O segundo aspecto diz respeito ao fato de, durante a crise, a pessoa estar mais desejosa e aberta à ajuda, provocando uma resposta solícita pelos que a cercam. Já o terceiro aspecto leva em conta o fato de que, durante o desequilíbrio da crise, a pessoa fica mais suscetível à influência de outros, e pode, com uma pequena intervenção, obter importantes mudanças.

Nos programas preventivos primários pode-se aplicar o que Caplan denomina "ação interpessoal" (1962). Nesta atividade busca-se influenciar as pessoas em crise, no caso os adolescentes, através de uma interação face a face, entre um agente de saúde mental e o indivíduo ou o pequeno grupo. Esta influência refere-se à tentativa de direcioná-los a escolherem respostas saudáveis para superar as crises. Isto pode ser feito na medida em que ampliamos sua compreensão da situação, apoiando-os na expressão de seus sentimentos negativos e ajudando-os a verem o que está dentro deles mesmos e na realidade externa.

Caplan (1962) considera que os melhores resultados, em termos de prevenção, são obtidos quando uma pessoa é ajudada por alguém do seu próprio ambiente. Ele afirma que este não precisa, necessariamente ser um profissional, mas pode ser, simplesmente, um membro da comunidade, assessorado em termos de Saúde Mental. Este autor enfatiza também a importância da pessoa perceber-se empenhada em seu reajustamento social, envolvida em tarefas diversas ao invés de aceitar-se como desajustada e, desta maneira, enfraquecer seu ego. (Op. Cit.). Podemos observar que, embora ainda não se consiga aqui no Brasil, colocar efetivamente em prática o modelo preventivo, existe a preocupação com ele desde longa data.

A O.M.S. definiu:

“Atenção Primária de Saúde é fundamentalmente Assistência Sanitária posta ao alcance de todos os indivíduos e famílias da comunidade, por meios que lhes sejam aceitáveis, com sua plena participação e a um custo que a comunidade e o país possam suportar. A atenção primária, uma vez que constitui o núcleo do Sistema Nacional de Saúde, forma parte do conjunto do desenvolvimento econômico e social da comunidade.”
(O.M.S.- Conferência de Alma Ata, 1978).

Sabemos que todas as pessoas deveriam ter acesso aos cuidados primários de saúde e, além disso, temos consciência da necessidade de medidas preventivas as quais, nas áreas da psiquiatria e psicologia, visam diminuir a incidência de distúrbios mentais na comunidade.

Isto precisaria ser feito através de ações de Prevenção Primária, as quais têm um enfoque comunitário, isto é, não são orientadas para um paciente individual, mas ele é atingido porque é o núcleo que compõe a população. Conceitua-se prevenção primária como: *“a prevenção de um estado indesejável específico, seja um estado de sentimentos perturbados, um estado de pensamentos perturbados, um padrão de reação indesejável...”*
(Kaplan & Sadock, 1984).

Prevenção Primária *"não é procurar impedir que uma pessoa específica adoça, mas sim, procurar reduzir o risco em toda população, de modo que, embora alguns possam adoecer esse número seja reduzido."* (Caplan, 1962).

Foi a partir de 1970 que a UNESCO passou a ocupar-se do problema da prevenção quanto ao uso de Drogas e o fez convocando especialistas de vários países para elaborarem programas destinados às escolas visando uma "Educação Preventiva" (Monte Serrat, 1986)

Kaplan e Sadock (1981), com relação ao assunto Tóxicos, afirmam que: *"...nos E.U.A. existe grande preocupação com programas de tratamento contra o uso de drogas e com os controles legais. A prevenção tem sido negligenciada."*

Estes mesmos autores contam-nos que até a década de 60 tentava-se exercer a prevenção primária pela força de intimidação e de leis severas. Quando isso falhava, tentava-se então fazer prevenção secundária através de intervenções coercitivas na vida da pessoa e só quando isto também não se mostrava efetivo é que se enfatizavam ações a partir da educação e informação.

Um verdadeiro Programa de Prevenção necessita ter também planejamentos de correções de injustiças sociais com relação à estruturação ou desestruturação da família, moradia, raça, distribuição de renda, oportunidades educacionais, etc., para poder ser efetivo.

Nos E.U.A., a prevenção em Saúde Mental parece estar mais restrita às escolas e, talvez, com programas mais informativos do que formativos. A American Psychological Association publicou uma obra denominada "14 Ounces for Prevention: a Casebook for Practitioners" (Price, s.d.), baseada na Teoria Social e na Teoria do Comportamento, relatando quatorze programas preventivos que foram aplicados em diversas comunidades.

Os autores desses programas propõem suas reaplicações constantes em todas as comunidades, principalmente escolas, em função da atenção que o assunto merece e trabalham com a idéia de que é relevante desenvolver nos jovens competência para respostas pessoais e sociais adequadas.

Eles acreditam que as causas que levam ao uso de drogas são de ordem social e pessoal, sendo que as dificuldades pessoais referem-se a conhecimentos, atitudes ou crenças inadequadas. Avaliam também que estratégias bem elaboradas podem prover o jovem de recursos para resistir à uma pressão social que o induza ao uso de drogas, reduzindo a motivação para isto através do treino de habilidades para recusar, isto é, assertividade para dizer não e desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais.

Essa necessidade de atendimento preventivo e integrado à comunidade já é reconhecida dentro da sociedade científica brasileira e está contida e estabelecida dentro dos manuais oficiais dos Serviços de Saúde (Ministério da Saúde, Brasil, 1988). Infelizmente, porém, esta intenção permanece no papel.

Concordamos com Levisky (1995) sobre a cultura moderna estar favorecendo a liberação de impulsos agressivos e sexuais de maneira inadequada, exageradamente direta, favorecendo um individualismo excessivo que se opõe à individualidade consciente e amadurecida.

Nossos governos não têm realizado ações efetivas em termos de prevenção. Observa-se também em nossa sociedade grande dificuldade de estabelecer limites e preservar o grupo social. Percebe-se, nas suas ações preventivas, que não se enfoca a interioridade do indivíduo, a sua auto-destrutividade, mas, dissociativamente, considera-se apenas o perigo externo, como se só ele existisse.

É inquietante a gravidade dos problemas de nossa sociedade, tais como: falta de valores comuns, grandes mudanças na estrutura familiar, isolamento da família nuclear com relação ao meio social, falta de ética e de moral, de controle da natalidade, além de miséria, fome, e destruição do meio ambiente. Há também uma estrutura educacional defasada e sem recursos, submissa a um poder político e econômico, que leva os indivíduos à passividade (Levisky, 1995).

Uma escola e uma sociedade que contribuem para a construção de um sujeito passivo e alienado representam um perigo para a construção da identidade da pessoa e da sociedade.

É preciso minar estas condições inadequadas para a construção do indivíduo através de ações preventivas aplicadas na infância ou na Adolescência, momentos estes tão flexíveis e reestruturantes.

A Prevenção Primária, assim como a Psicoterapia Dinâmica Breve, não é indicada nos casos de perturbações infantis graves não resolvidas e que ressurgem durante a adolescência, pois isto acontece em forma de patologias psicóticas ou borderlines e exige atuações diferentes das aqui enfocadas.

Avaliamos que há indicação de prevenção, como na Psicoterapia Breve, quando acontecem as perturbações próprias do processo adolescente, ou anteriormente a ele, situações de mudança, distúrbios reativos e quando há uma história de saúde mental na infância. (Kusnetzoff, 1975).

Faz-se necessária uma ação positiva que objetive identificar a população em risco, sem espera passiva pela demanda e com um planejamento de condutas preventivas.

No trabalho preventivo, geralmente não existe a queixa como existe na clínica. A pessoa é procurada e comparece ao início de um programa sem saber exatamente por qual motivo. Porém, como é próprio da mente humana não suportar o vazio, ela comparece fantasiando, imaginando algum sentido para o programa.

Medeiros (1986) encara os programas dessa natureza como uma ação de "educação preventiva" e considera que é preciso dar destaque a estratégias tais como: a) promover o crescimento saudável de pessoas e de grupos, através de ações concentradas no terreno sócio-afetivo, por terem estas marcantes influências no comportamento; b) apoiar grupos de ajuda mútua, tais como Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, entre outros, e também incentivar iniciativas dos diversos setores da comunidade que tenham o objetivo de melhorar a qualidade de vida.

O objetivo da prevenção, como o da psicoterapia, é construir indivíduos com capacidade de reflexão e de crítica, que não se deixem levar por mensagens primárias direcionadas apenas aos estados primitivos e regredidos da mente.

Em pesquisa realizada por Monte Serrat (1986), os sujeitos, que também eram jovens, fizeram sugestões ligadas à Prevenção Primária apontando itens tais como: necessidade de uma maior harmonia familiar; de fazer com que o jovem se encontre através de religião; de dar mais amor aos jovens; de fazer campanhas a nível nacional, etc.

Para concluir esta parte da teoria, queremos retomar as conceituações clássicas, claras e sintéticas de Caplan, as quais consideramos que devem ser os norteadores de trabalhos dessa natureza.

Assim, a Psiquiatria Preventiva refere-se a um: *"corpo de conhecimentos profissionais, teóricos e práticos, que podem ser utilizados para planejar e executar ações de Prevenção Primária, Secundária ou Terciária"*. (Caplan, 1962).

Segundo este mesmo autor a Prevenção Primária é entendida como o *"planejamento e a execução de ações destinadas a reduzir a incidência de distúrbios de todos os tipos e a evitar o surgimento de novos casos, numa comunidade"*. Já a Prevenção Secundária consiste em planejar e agir visando diminuir a duração de um número significativo daqueles distúrbios que, efetivamente, ocorrem e, por sua vez, Prevenção Terciária consiste em planejar e agir, tendo como objetivo diminuir a deterioração psíquica, que pode resultar dos distúrbios mentais dos indivíduos, e amenizar suas conseqüências na comunidade.

No nosso programa "Prevenção Primária em Saúde Mental com Adolescentes Trabalhadores da Unicamp, executamos apenas ações relativas à Prevenção Primária.

3.2. CONCEITOS GERAIS SOBRE PSICODINÂMICA DA ADOLESCÊNCIA.

Antes de fazermos a reflexão teórica sobre pontos da psicodinâmica da adolescência, que selecionamos para explorar nesta tese, transcrevemos, com o intuito de ilustrar esta temática, o conto de fadas "As três linguagens" dos Irmãos Grimm, que retrata a luta interna do adolescente para alcançar uma integração de seus impulsos e estruturas psíquicas.

As três linguagens

"Na Suíça vivia, uma vez, um velho conde que só tinha um filho, mas este era tolo e não aprendia nada. Por isso, o pai disse: "Escute, meu filho, eu não consigo botar nada na sua cabeça, por mais que tente. Você tem que ir embora daqui, vou enviá-lo a um professor famoso; ele fará uma tentativa com você" O filho estudou com este professor durante um ano. Quando voltou, o pai ficou desgostoso ao saber que tudo que ele aprendera fora "o que os cães latem". Enviado por outro ano de estudos a um professor diferente, o filho voltou para contar que aprendera "o que os pássaros falam". Furioso por seu filho ter novamente desperdiçado o tempo, o pai ameaçou: "Enviarei você para um terceiro professor, mas se novamente não aprender nada, não serei mais seu pai". Quando terminou o ano, à pergunta de sempre o filho respondeu que aprendera "o que as rãs coaxam". Com muita raiva o pai expulsou o filho, ordenando aos criados que o levassem à floresta e dessem cabo dele. Mas os criados tiveram pena do menino, e simplesmente deixaram-no na floresta.

Assim, o herói de "As três linguagens" parte para o mundo. Nas suas andanças chega primeiro a uma terra que está enfrentando grandes problemas; já que o latido furioso de cães selvagens não permite que ninguém descanse; e, pior ainda, em certas horas deve ser entregue um homem aos cães para ser devorado. Como o herói pode entender a linguagem dos cães, estes falam com ele, contando-lhe porque são tão ferozes e o que deve ser feito para pacificá-los. Quando isto é feito, deixam o país em paz, e o herói fica lá por algum tempo.

Passados alguns anos, o herói, que envelheceu, decide viajar para Roma. No caminho, as rãs coaxam, revelando-lhe seu futuro, e isto lhe dá muito o que pensar. Chegando a Roma, sabe que o Papa acabou de morrer e os cardeais não conseguem decidir quem eleger como novo Papa. Exatamente quando os cardeais decidem que algum símbolo milagroso deveria designar o novo Papa, duas pombas brancas como a neve pousam nos ombros do herói. Quando lhe perguntam se aceitaria ser o Papa, o herói não sabe se é digno de tanto, mas as pombas aconselham-no a aceitar. Assim, ele é consagrado, como as rãs tinham profetizado. Quando o herói tem que rezar a missa e não sabe as palavras, as pombas, que pousam continuamente em seus ombros, lhe dizem todas as palavras ao ouvido” (Bettelheim, 1979).

O psicanalista Bettelheim, em seu livro “Psicanálise dos Contos de Fadas” afirma que: *“este conto eterno fala como se tivesse sido escrito para o adolescente de hoje, a respeito de seus conflitos com seus pais, ou sobre a inaptidão dos pais para compreender o que move os filhos adolescentes”*.

Concordamos com ele, mas pensamos que, mais do que falar dos conflitos com seus pais, o conto está explicitando o conflito do adolescente consigo mesmo, isto é, a luta interior entre Superego, Id, Ego e os valores estabelecidos pela realidade externa, luta esta que ele sente intensamente neste período do desenvolvimento, além da premência em elaborá-la.

Na verdade, é um período de intensa vivência de sentimentos e fenômenos inconscientes, tais como a fantasia do superego sádico, a regressão, a ambivalência, a rejeição, entre outros.

Neste conto, o jovem é alguém que está em busca de si mesmo e os três professores simbolizam, ao nosso ver, aspectos internos e do mundo, que ele quer explorar.

Percebemos que é extremamente difícil para o jovem poder mostrar ao pai as suas capacidades. Ele precisa passar-se por tolo, devido ao medo da retaliação que imagina que virá, se o pai, enquanto representante de seu “superego sádico”, perceber que ele está se desenvolvendo, tornando-se adulto e capaz. Regredido, ele acredita na lei de Talião: “olho por olho, dente por dente”, e agindo em função dessa crença, faz-se de tolo. Só quando o Superego, que também está simbolizado pelas pombas, se torna mais brando e lhe diz o que fazer, autorizando-o a ter também autoridade e sapiência, é que ele pode desenvolver-se e assim assumir o papel de adulto.

É muito difícil para os adolescentes lidarem com a agressividade que sentem surgir dentro de si mesmos. Eles precisam projetá-la nos pais e por isso, nos contos de fadas, as crianças são expulsas de casa e são abandonadas nos bosques. Isto leva os adolescentes a desenvolverem a capacidade de usar as próprias forças para enfrentar os novos impulsos que se expressam e os conflitos próprios desta fase, inclusive o Edípico.

Conforme Giglio (1991), também podemos entender essa frequente ocorrência dos jovens serem postos para fora de casa, presente nos Contos de Fadas, como a expressão da necessidade que o ser humano tem de lidar com o tema da rejeição. Nas palavras do autor essa rejeição pelos pais pode ser interpretada *“como uma experiência traumática que a vida inexoravelmente coloca... Essa rejeição por sua vez remete a Psique ao plano inconsciente...”* (Giglio, 1991).

Assim, esse fenômeno da rejeição, tão frequentemente presente na fantasia do homem, provoca no jovem angústia, mobilizando-o para a reflexão e busca da possibilidade de aprofundar-se no conhecimento do próprio inconsciente, podendo ressurgir então como alguém mais integrado.

Ao mesmo tempo que o pai é sentido como a pura agressividade que mata, expulsa para fora de casa, ele se expressa também como figura cindida, através dos criados, que são representantes paternos, quando estes não matam, mas apenas abandonam os jovens na floresta. Isto pode estar significando também que o pai (criado) abre espaços, nos momentos difíceis do crescimento do filho, passando-lhe uma mensagem de fé em sua capacidade. Não podemos deixar de perceber que essa expulsão representa também o

desejo e a ansiedade do adolescente de ser empurrado para a independência.

Os cães, os pássaros e as rãs do conto estão representando situações da realidade externa, as quais, durante o crescimento, foram assimiladas pela criança através da Identificação Introjetiva, e passaram a fazer parte da estrutura psíquica do adolescente.

Após essa introjeção, os cães representam o ego e exercem a função de ajudar o homem a afastar os inimigos. Já os pássaros, aqueles que voam alto, simbolizam a liberdade e o superego, o qual já não é mais primitivo e sádico, mas sim justo. Quando se integra ao jovem, e “ensina-lhe” as palavras que ele precisa saber, o superego autoriza-lhe o uso da sabedoria.

Já as rãs, que vivem imersas na água, símbolo do inconsciente, representam, por sua vez, o Id, os desejos e a energia do Inconsciente. Esse Id, ao final do conto, já está também integrado e funcionando de uma maneira harmônica dentro do psiquismo. Ele não causa então conflitos internos e segreda ao jovem o seu potencial, fornecendo-lhe, assim, energia para continuar caminhando na busca da sua realização e promovendo o seu desenvolvimento psíquico.

Ao nosso ver, entender a linguagem dos três animais significa que o adolescente conseguiu integrar seus diversos aspectos e estruturas psíquicas e, ao alcançar esta integração, tornar-se apto aos mais destacados papéis adultos na sociedade.

O conto pode, enfim, ilustrar-nos bem a idéia de que a adolescência é um período da vida do homem de profundas transformações psicológicas e sociais.

A palavra Adolescência deriva do latim: “adolescere” e significa crescer. De acordo com Knobel (1984), a adolescência é conceituada em termos de processo:

“... é a etapa da vida durante a qual o indivíduo busca estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objetivas-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso de elementos biofísicos à sua disposição e que, à sua vez, mantém a estabilidade da personalidade em um plano genital, o que só é possível se faz o luto pela identidade infantil” (Aberastury e Knobel, 1984).

Entende-se que a adolescência se refere a segunda década da vida, 10 a 20 anos, etapa em que se estabelecem novas relações do adolescente consigo mesmo, com seu meio social, com sua família, além de nova imagem corporal. Vemos, portanto, o adolescente, como um ser em transformação.

No campo da psicologia formal, o primeiro autor a abordar o tema foi Stanley Hall, em 1904, que escreveu sobre a preocupação do adolescente com a própria identidade e com a descoberta de si mesmo (Stone e Church, 1979).

Já, desde os primeiros autores, a adolescência tem sido apontada como um período de “tormenta e dificuldades”, caracterizada pelo idealismo, agitação interna, rebelião, transformações intensas, dessimbiotização das figuras parentais, entre outras.

Do ponto de vista de Ferreira (1978) Freud *“é criticado pelo fato de ter negligenciado a adolescência nos seus estudos”*. Já sua filha Anna Freud dedicou-se ao estudo da adolescência e escreveu o livro *“Psicanálisis del Desarrollo del Niño y del Adolescente”* (1976), onde ela enfatiza a instabilidade, a busca de adaptações internas e a revivescência da problemática edípica, como próprias da Adolescência.

Erikson (1978), por sua vez, contribuiu com sua idéia fundamental de que há um conflito básico em cada etapa evolutiva do ser humano. Teoriza sobre a Identidade como algo jamais estabelecido, permanente e estático, mas sim em constante evolução até a morte e destaca a “crise normal da Identidade” vivida na adolescência. Ele identifica como conflito básico deste período a “Identidade versus Difusão de Papéis”.

Anna Freud (1983) disse também que é muito difícil pontuar o limite entre normal e patológico na Adolescência e assinala toda a intensidade deste período da vida como algo que deve ser considerado normal, pois anormal seria a presença de um total equilíbrio neste momento.

Aberastury e Knobel (1984) descrevem a adolescência como um período do desenvolvimento no qual o jovem passa por “desequilíbrios e instabilidades extremas”, quadro este denominado “Síndrome Normal da Adolescência”, cuja descrição, bastante conhecida no nosso meio científico, é feita através de dez itens, dos quais destacamos, como

os mais relevantes para o nosso estudo, a busca de si mesmo e da identidade; a tendendência grupal; evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; contradições sucessivas nas suas condutas; separação progressiva dos pais; constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

A busca e estabelecimento da Identidade é objetivo fundamental deste período e nesse processo de Identificação o adolescente passa por perdas, ansiedades e lutos.

Frente às transformações corporais, perda da bissexualidade e da identidade infantil, além da perda dos pais da infância, o adolescente, na sua busca de uma nova identidade, vive longo e intenso processo de elaboração desses lutos.

Knobel (1991), em seu trabalho "Pesquisa em Adolescência: Cultura e Sociedade; Normalidade e Psicopatologia", aponta, em 90% dos 1000 adolescentes pesquisados, *"claros traços psicóticos", os quais são referidos pelo autor como: "condutas transitórias de irracionalidade, difusão temporal, episódios fugazes, porém marcados pela despersonalização, depressão ou mania, violência indiscriminada ou expressão de pensamento claramente ambíguo ou de características psicopáticas sem discriminação consciente"* (Knobel, 1991)

Na busca da Identidade, observamos que o Adolescente vive progressões e regressões. Trata-se de um processo evolutivo onde ele vivencia aspectos que lhe são muito próprios, sendo que alguns destes aspectos fazem também parte das vivências psicóticas.

Neste processo evolutivo de Identificação ele revive situações muito primitivas, dentre elas, a de relação com a mãe como o primeiro objeto, na qual pode haver indiscriminação entre "eu-não eu", e a vivência do conflito edipiano precoce (Klein, 1981), que é, na verdade, o principal conflito revivido na Adolescência.

Estas situações primitivas aparecem na adolescência onde a organização psíquica está num estado flexível, único na vida. Há, então, emergência de mecanismos característicos da infância e dos estados primitivos da mente tais como: Cisão, Negação, Onipotência, momentos de indiscriminação, dificuldades na dessimbiotização, Narcisismo,

Primário. Todo este processo primitivo pode favorecer o surgimento de quadros clínicos psicopatológicos, os quais seriam equivalentes aos transtornos psicóticos ou psicopáticos, porém teriam caráter de transitoriedade.

Neste período de intensificação narcísica e instintual observa-se que este interjogo entre o funcionamento do Processo Psíquico Primário e Processo Psíquico Secundário favorece não só o surgimento desses quadros clínicos, mas também a criatividade e, ao seu final, aumenta a força do Ego e sua influência sobre o Id e o Superego, possibilitando, assim, o estabelecimento de uma nova Identidade.

Convém aqui lembrar que o Processo Psíquico Primário é regido, principalmente, pelo Princípio do Prazer e o Processo Psíquico Secundário, pelo Princípio da Realidade. Lembramos também que o Princípio do Prazer refere-se a um modo de funcionamento psíquico em que há uma tendência do organismo a evitar a dor e procurar o prazer através da descarga de tensão, por caminhos os mais diretos e rápidos possíveis.

Já o Princípio da Realidade leva em conta as condições impostas pelo mundo exterior e intervém no Princípio do Prazer, modificando-o, desviando e adiando a realização da ação prazerosa. Na verdade, o Princípio da Realidade, como um princípio regulador do funcionamento psíquico, aparece secundariamente, estabelecendo-se paulatinamente, com uma série de adaptações que o aparelho psíquico vai sofrendo, ao mesmo tempo que vão se desenvolvendo as funções do Ego (Laplanche, 1983)

O adolescente, narcisicamente³, coloca-se como o centro do mundo e onipotentemente, se imagina aquele que tudo pode, colocando os adultos na posição dos que nada sabem. Observamos também que ele se conduz a partir da citada “atemporalidade”, visto que perde a noção de tempo e acha que pode, por exemplo, estudar um livro inteiro de física para o dia seguinte. Na verdade, ele sabe que não pode conseguir isso, mas usa o mecanismo de Negação, isto é, Nega a realidade do “tempo”, tenta viver regido apenas pelo Princípio do Prazer, agindo assim de uma maneira “psicótica”.

³ Segundo Laplanche (1983), Narcisismo é um termo introduzido na psicanálise por Freud e refere-se ao amor que se tem pela imagem de si mesmo.

Já para Klein (1971), o conceito indica uma identificação com o objeto idealizado, internalizado.

Parece-nos relevante apontar que o modo do funcionamento psíquico do adolescente assemelha-se ao dos indivíduos com patologias psicóticas já estabelecidas. Queremos apenas lembrar que nos referimos a um entendimento psicodinâmico do termo, "Psicose", isto é: *"uma perturbação primária da relação libidinal com a realidade."* (Laplanche, 1983).

Observamos que as defesas que o ego utiliza para enfrentar as angústias despertadas pelas transformações corporais e psíquicas da adolescência levam esse jovem a ter reações muito semelhantes às de um psicótico.

Os fenômenos psicológicos normais de transformação da personalidade, no início da adolescência, são parecidos com o início de um estado psicótico. Tanto em um como em outro, o ego encontra-se enfraquecido, podendo estar regredido e parcialmente desintegrado ou indiferenciado.

Um sinal importante, que poderia diferenciar um indivíduo psicótico de um adolescente, está no fato de que, mesmo no ápice de sua crise, este mantém um contato adequado com a realidade. A estranheza do comportamento do adolescente fica limitada à observação de seus familiares e de pessoas muito próximas, mas passa despercebido e considerado como normal perante seu grupo de iguais.

Para distinguir uma crise normal da adolescência de uma psicose não se pode considerar apenas um fator isolado, mas é preciso fazer um estudo avaliativo completo, no qual se observam a sua conduta e o significado desta no seu funcionamento mental, a sua história de vida e seus antecedentes pessoais e familiares.

Em ambos os casos estes indivíduos apresentam condutas onde há alterações de humor, ficando às vezes deprimidos e às vezes eufóricos, em resposta a uma ansiedade invasora que surge em função da vivência do sentimento de perda da identidade.

Tanto no adolescente como no psicótico há uma exacerbação das tendências egocêntricas e, conseqüentemente, apresentam condutas de oposição às figuras parentais, à lei e às normas socialmente estabelecidas.

É importante destacar que, mesmo no caso de um desenvolvimento normal, o adolescente atravessa períodos de retração narcísica, chegando à perda do objeto interno e da identidade.

Parece-nos relevante retomar autores que estudaram o desenvolvimento do ser humano, desde o bebê, o qual é um ser essencialmente narcísico.

Refletindo sobre o desenvolvimento psicosssexual, Klein (1971) aponta que há um importante relacionamento com o primeiro objeto oral que é o seio materno, além da considerável importância que esta autora confere à constituição da criança. Essa “constituição” refere-se à tendência da criança de voltar-se ou para si mesma ou para objetos externos. Essa constituição, no entanto, não diminui a influência da relação com o seio materno, o qual irá satisfazer necessidades biológicas de alimentação e necessidades afetivas tais como o prazer da sucção oral e a sensação do calor do corpo e da voz materna.

É importante ressaltar que a “mãe” é alguém de quem o recém-nascido depende, para receber cuidados, alimento, calor, contato dérmico, estimulação, etc. Sem esse relacionamento e sem receber os cuidados maternos, o bebê não seria “humanizado” e “libidinizado”, e não desenvolveria portanto, suas capacidades humanas de pensamento e afeto.

Lembremo-nos de que, para Bion, esta mãe é inicialmente um objeto parcial, isto é, *“um objeto s ensório, emocional e intencional, antes que físico...”* e é chamado de “parcial”, *“...embora, do ponto de vista do bebê, a parte seja tudo o que existe no objeto”* (Hinshelwood, 1992)

Groisman e Kusnetzoff (1984) afirmam que, ao nascer, o ser humano é o mais dependente dos animais e objeto de impacto cultural da sociedade, a qual se faz presente através de seus pais. A partir de como um bebê é cuidado, higienizado, alimentado, carregado é que o psíquico se inaugura.

Assim, o mais antigo e indiferenciado sentimento de identidade surge da relação mãe-bebê. Chegando à adolescência este sentimento de identidade, um tanto indiscriminado, é revivido e o indivíduo busca outra vez uma nova identidade. Erikson (1972) analisa esse crescimento do indivíduo, considerando as fases psicosssexuais do desenvolvimento, e observa que a identidade não é um sistema interno, fechado, impenetrável à mudança, mas sim considera haver também um processo psicossocial em que ocorrem intensas trocas entre interioridade e sociedade e já não só entre mãe e bebê. A mãe, naquele momento da infância, é a representante do social.

Segundo apontam as estatísticas, é no período da adolescência que incidem em grande parte os distúrbios psíquicos que podem mais tarde transformar-se em patologias: neuroses, psicoses, drogadição, alcoolismo, entre outras. Kusnetzoff (1982) considera que isto transforma a população adolescente em população de alto risco, isto é, pessoas que em função de sua maneira de ser, de agir, de suas características específicas, têm mais chances de desenvolver problemas quanto à sua saúde mental.

Quando *“observamos que 85% das doenças mentais - e sendo as formas mais graves, como as psicoses afetivas e os distúrbios de personalidade - têm seu início na adolescência”* (Adamo,1991), percebemos o grau da vulnerabilidade dos adolescentes.

Sabemos que poderão apresentar problemas psíquicos mais graves se já vivenciaram dificuldades emocionais durante a infância e menos graves se tiveram um desenvolvimento psicosssexual mais tranquilo.

Sendo assim, acreditamos que um apoio e uma orientação por parte do profissional de Saúde Mental têm grande importância também nesse momento evolutivo da vida, pois observamos que o adolescente permite e propicia a aproximação de outras pessoas, dando abertura para ser ajudado e podendo, assim, obter uma estruturação mental mais forte e integrada. Podemos observar isto no conto se prestarmos atenção à abertura que o protagonista dá ao criado, às pombas, às rãs e aos cães.

É preciso considerar que, durante a adolescência a nova força adquirida pelos impulsos derruba as defesas do período de latência e um novo sistema de defesas precisa ser reconstruído.

Para entendermos essa reconstrução e a reorganização da estrutura psíquica, parece-nos que seria adequado compararmos o conflito edípico nas situações de adolescência e infância.

Ao viver a problemática edípica, a criança tem de reprimir seus impulsos hostis e sexuais, que sempre estão presentes, em benefício das ligações afetivas com seus pais. Ao chegar à adolescência, o processo de maturação sexual leva a uma nova intensificação temporária dos impulsos pré-edípicos e edípicos, surgindo então, uma enorme angústia pois, agora, é possível a realização das fantasias incestuosas, as quais precisam ser então abandonadas pelo jovem.

As ligações afetivas do adolescente com seus pais não podem ser tão intensas quanto as da criança a fim de garantir sua liberdade de escolha de um novo objeto. A sua afetividade é reorientada para sua própria faixa etária, ocorrendo assim, adaptação à realidade social e adulta à medida que ele renuncia aos desejos incestuosos, substituindo esses objetos proibidos por outros socialmente permitidos.

Nesse sentido, poder manter certas identificações fundamentais com os pais, não precisando rechaçá-los totalmente, pode ser evidência de que o adolescente pôde renunciar aos seus desejos edípicos infantis, o que fornece substrato para novas relações objetais.

Pode ocorrer grave patologia quando o adolescente não mantém esse substrato e rompe totalmente suas ligações afetivas com seus objetos de amor infantis por não conseguir dominar seus excessivos conflitos com eles. Esse rompimento total pode impedir a substituição desses objetos de amor infantis por novas pessoas e, conseqüentemente, a construção de novas relações e identificações.

Percebemos que a adequada solução do conflito edípico, situação esta que é reestruturante para o psiquismo, traz uma liberação dos laços simbióticos com a família, isto é, dos laços de dependência intensa, onde há fusão e indiscriminação. A solução deste

conflito possibilita o estabelecimento de uma autonomia do ego muito importante para a formação da identidade.

O estabelecimento do Superego, com seus valores internalizados, auxilia o adolescente a caminhar em busca de solução para seus conflitos edípicos. Este Superego, porém, ainda deve, como na infância, reforçar o tabu do incesto e, ao mesmo tempo, criar condições para que o ego derrube a repressão e guie o jovem no seu caminho para a maturidade das relações pessoais e amorosas.

Nesse caminhar observamos que há um luto pela perda do objeto de amor incestuoso e então as identificações do adolescente com seus pais perdem um pouco da sua importância. Eles buscam novos objetos de identificação fora de suas casas e ocorre um estabelecimento de novas relações objetais e reorganização das defesas egóicas e das estruturas psíquicas.

Toda essa transformação que o adolescente vem sofrendo cria enorme quantidade de energia psíquica que se expressa através dos impulsos sexuais e hostis. As tendências narcísicas possibilitam a elaboração dessas transformações intensas e, conseqüentemente, o crescimento do jovem.

Quando se está considerando o Narcisismo no Adolescente é preciso lembrar que: *"...os narcisistas são pessoas feridas... Freqüentemente a decepção, cujas feridas ainda estão em carne viva, não se limitou a um dos pais, mas a ambos. Que objeto lhes resta para amar senão eles mesmos?"*. (Green, 1988).

Aqui, Green está apontando as importantes frustrações decorrentes da perda dos pais idealizados e da infância, como origem do narcisismo. Porém, Freud considera que o Narcisismo pode ser fruto também do excesso de gratificação por parte dos objetos infantis do amor, pois os pais, em função do seu próprio Narcisismo, consideram os filhos "o centro e o âmago da criação - sua Majestade, o Bebê" (Freud, 1914).

Pensamos que, na adolescência, esta ferida narcísica ressurgir de maneira gritante, todavia, ressurgir também a oportunidade e possibilidade de novas soluções com a retomada tão viva desse conflito, já que estão agora presentes novas capacidades egóicas, diferentes das encontradas na criança. Assim, avaliamos que o adolescente, revivendo o narcisismo, pode elaborá-lo de uma maneira mais saudável e menos dolorosa.

Com frequência, a conduta e atitudes narcísticas do adolescente têm grande importância na reconstrução do seu Ego e Superego. O surgimento temporário de tais atitudes egocêntricas podem ter um efeito muito estimulante para o desenvolvimento do ego e para o processo de maturação psíquica e inclusive favorecer a modificação gradual do superego com um deslocamento parcial de suas funções para o ego.

Nesse entendimento, a criança agiria então mais em função de ordens e proibições superegóicas, enquanto que o adolescente já poderia ter uma ação mais reflexiva e elaborada e, portanto, mais egóica.

Quanto à sua filosofia de vida, os adolescentes podem oscilar entre tendências opostas que dependem do predomínio da influência do Ego, Superego ou do Id sobre o pensamento, podendo apresentar-se em alguns momentos como conservadores, puritanos, reacionários e, em outros, revolucionários e hedonistas.

Já, quanto ao humor, o adolescente apresenta oscilações que vão da depressão à euforia e estas parecem retratar suas tentativas de elaboração dos lutos sentidos pela perda de objetos infantis de amor, próprios deste período.

Quanto à sua sexualidade, durante as etapas em que se sente fortalecido por desejos libidinais, embora amedrontado por suas tendências homo e heterossexuais, o adolescente pode preferir dirigir seu amor à humanidade e "causas" ao invés de ligar-se à outra pessoa, gratificar-se em experiências religiosas de união mística com Deus, celebrar solitárias orgias com a natureza, poesia, música ou arte. Tais etapas recordam certas experiências observáveis em psicóticos, pois, nestes, como nos adolescentes, tais experiências de êxtase implicam em fantasias de fusão com os objetos, baseadas em primitivas identificações e relações de objeto narcísticas.

Nos psicóticos, o estado onipotente é alcançado por experiências místicas e por idéias de grandiosidade e reforçam o Narcisismo e o Isolamento. Já nos adolescentes, os estados de onipotência e êxtase abreviam o narcisismo, pois o voltar-se para si mesmo pode provocar um processo de intensa elaboração e expansão do seu eu, ressurgindo, então, a ligação da libido a novos objetos.

À medida que o adolescente tem êxito na busca de novos objetos de amor e de um novo e desenvolvido “eu”, atenuam-se muito as flutuações entre seus períodos de intensificação e as fases opostas de desinvestimento narcísico e instintual.

O adolescente poderá então afirmar-se como pessoa autônoma, com maior estabilidade emocional e sexualmente madura, com representação consistente e permanente de si mesmo.

Conforme diminuem seus conflitos narcísicos, sexuais, de ambivalência, as suas oscilações da auto-estima e seus problemas de identidade, o adolescente pode alcançar novos objetivos, mais evoluídos e dirigidos para fora de si mesmo e para a relação objetal. Consequentemente, sente-se então, preparado para relações heterossexuais, mais amorosas, profundas, duradouras, genitais e também para pensar sobre seu futuro, tendo uma noção mais clara da passagem do tempo.

Quando o adolescente alcança este nível, dizemos que ele chegou ao final da adolescência e encontrou a si mesmo. Estabeleceu-se a sua nova identidade.

3.3. O GRUPO NA ADOLESCÊNCIA

Conforme já dissemos, inúmeros estudiosos apontam que o adolescente tem uma natural tendência grupal, que nos é comprovada pelas inúmeras associações, grupos e “gangs” que forma. Tal tendência de viver em grupo facilita a presença de um profissional, com seus conhecimentos científicos e normas técnicas, para interagir com este adolescente em relação horizontalizada e democrática, sendo que os resultados do encontro profissional-adolescente podem irradiar-se rapidamente e influir no grupo todo.

Quando se faz um trabalho nessa faixa etária, geralmente enfoca-se a crise da adolescência, concentrando-se inicialmente na elaboração das perdas e de seus respectivos lutos. As vivências, pelas quais o adolescente passa no processo puberal, ocasionam grande ansiedade, gerando mecanismos defensivos em graus variáveis.

O contato com outros adolescentes diminui os sentimentos de “vergonha” e a convivência em grupo com pessoas de ambos os sexos permite-lhes um aprendizado do que significa o outro, desenvolvendo sentimentos de solidariedade e respeito.

O grupo deve ser organizado a partir da faixa etária, uma vez que pode-se utilizar técnicas diferentes para cada idade tais como as lúdicas, as dramatizações e as verbalizações.

Durante o processo grupal cada pessoa traz seu referencial de família e de sociedade, e, com o passar do tempo, estabelece vínculos de diversos tipos como os transferenciais, de troca de experiências, de confrontação, de competição, entre outros.

A situação grupal favorece a reedição das vivências do desenvolvimento libidinal, não só pelo fenômeno da transferência em relação ao terapeuta (ou ao coordenador) mas também com os demais componentes do grupo.

Sabemos que há vários autores que contribuíram para os trabalhos com grupos, porém, fundamentamo-nos, neste apanhado teórico, apenas em Freud e Bion.

Mesmo tendo desenvolvido todo seu trabalho com tratamentos individuais, Freud evidencia em toda sua obra seu fascínio pelos fenômenos sociais. Disso são testemunhas os seus vários trabalhos relativos à antropologia e à sociologia, tais como: “A Moral Sexual Civilizada e a Doença Moderna” (1908), “Totem e Tabu” (1913), “O Mal-estar na Civilização” (1930), “Moisés e o Monoteísmo” (1939).

No “Discurso de Budapeste” (1918), contido no artigo “Linhas de Progresso na Terapia Analítica”, Freud lamenta que as psicoterapias permaneçam restritas a uma fração mínima das classes mais abastadas. Prevê um futuro em que o Estado possa compreender que as classes menos favorecidas economicamente possuam tanto direito aos tratamentos

psicoterapêuticos quanto às intervenções cirúrgicas e aos demais tratamentos. A esse respeito, escreve *“nós nos depararemos com a tarefa de adaptar nossa técnica às novas condições”*.

O artigo “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921) traz uma fundamental contribuição para a grupoterapia e, de certa forma, prepara o terreno onde esta técnica germinará.

O núcleo dos mecanismos psicológicos que formam a mentalidade grupal é a Identificação, a qual é entendida como a expressão mais primitiva de um laço emocional com outra pessoa ou também pode ser vista como uma ligação mútua entre os componentes do grupo, favorecendo sua coesão.

O grupo, no qual se estrutura a personalidade do indivíduo, é constituído pela família. No primeiro ano de vida, a criança tem seu objeto amoroso na pessoa de um dos pais e todos os instintos sexuais, que desejam direta satisfação, estão depositados nesse objeto. A repressão leva a renunciar a esses desejos infantis, e, uma vez abolida a finalidade sexual, eles irão emprestar energia para a inserção do indivíduo nos agrupamentos sociais do meio ambiente, onde ele evolui.

Bion (1975) defende a idéia de que o homem é um animal gregário, isto é, que os fenômenos grupais são inerentes à mente humana.

Nos seus trabalhos com grupo, Bion (1975) baseou-se nas teorias de Freud, entre elas a do Complexo de Édipo, mostrando a importância do grupo familiar para o desenvolvimento do ser humano. Apoiou-se também nas teorias de M. Klein (1981), em particular nas suas hipóteses sobre as primeiras relações objetais, as ansiedades psicóticas e os mecanismos de defesa primitivos. Estes estudos de Klein e Bion possibilitam-nos entender que o indivíduo não só pertence, desde o começo de sua vida, a um grupo familiar, mas que seus primeiros contatos com sua mãe e com as pessoas que o rodeiam são de profunda importância para o seu desenvolvimento posterior.

Essas vivências iniciais são reativadas em muitas das situações adolescentes, nas quais o jovem tem que estabelecer contato com a vida emocional do grupo, o que o confronta com o dilema de evoluir, diferenciar-se e enfrentar os temores associados a esta evolução.

Temos observado que os grupos, geralmente, apresentam grande especificidade, surgindo então modelos especiais e singulares. Nesse sentido, eles constituem-se numa estratégia muito útil.

Os nossos grupos de adolescentes (G.P.O.), embora sejam grupos psicodinâmicos, de orientação e prevenção, também são bastante específicos e por isso receberam uma definição, já expressa anteriormente, cuja particularidade se refere ao fato dos grupos usarem, para nortear as ações do profissional de saúde mental, técnicas de Psicoterapia Dinâmica Breve e de Dinâmica de Grupo, sempre sob um enfoque psicodinâmico.

Para fazermos trabalhos preventivos e de orientação, quanto aos temas Drogadição, Sexualidade, Dinâmica Familiar, Estudos e Profissões, consideramos importante conceituá-los.

Em momento anterior, neste mesmo capítulo, já nos detivemos na conceituação de família e julgamos importante voltarmos-nos agora para os demais temas.

Segundo M. Suplicy (1983), reprodução e sexo são necessidades biológicas naturais, porém, frequentemente as atitudes da sociedade são irracionais e baseadas na culpa e na repressão. Este modo de encarar a sexualidade tem trazido efeitos negativos para a qualidade de vida e, para modificar isto, a autora enfatiza que a expressão do amor e da sexualidade devem ser favorecidos desde o nascimento.

Conforme já estudamos anteriormente, Freud demonstra que o desenvolvimento da sexualidade inicia-se no primeiro ano de vida e transcorre através das fases psicosssexuais: oral, anal, fálica e genital.

O seu conceito de sexualidade, desenvolvido a partir da experiência e da teoria psicanalíticas, é bastante amplo, conforme explicita Laplanche (1983):

“... sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental...”.

Com relação ao tema Tóxicos, que também precisa estar inserido em trabalhos preventivos, tradicionalmente é conceituado como um estado de intoxicação consequente ao uso ou abuso de uma droga, prejudicial ao indivíduo e à sociedade.

Todavia concordamos com Masur (1986) que a Toxicomania *“é a tradução de complexos problemas humanos, psicológicos e sociais”*

A palavra “Tóxico” vem do grego “toxikón” e na tradução literal temos “toxi” igual a veneno e “kón” igual a mania. Avaliamos que ter “mania de veneno” tem uma conotação de loucura e por isso merece um destaque especial e urgente dentro da prevenção em Saúde Mental.

Quando surge o uso de drogas, na Adolescência, pensamos que o importante é determinar a causa e as angústias que estão provocando esse uso. Assim será possível enfrentar o problema de maneira efetiva e completa.

Para trabalhar com o tema “Estudos e Profissões” também consideramos que devemos partir do conhecimento da personalidade do adolescente como um todo, para entender e trabalhar com as angústias despertadas a partir dos seus interesses e opções profissionais.

A decisão quanto ao estudo e à profissão tem sido encarada pela sociedade e pela família como um importante momento vivido pelo jovem na sua integração ao mundo adulto e ao mercado de trabalho.

Sabemos que estudar é aplicar a inteligência e a memória para aprender. Trata-se então de um ato construtivo através do qual o homem busca crescimento e usa sua Libido em prol de si mesmo.

Quanto à escolha profissional, pensamos que a idéia de vocação, como algo pré-estabelecido no indivíduo, não é verdadeira. As pessoas apenas têm aptidões básicas e interesses proeminentes que podem ser desenvolvidos e respeitados ao se escolher um estudo ou uma profissão. Assim, ninguém nasce pré-destinado para ser analista de sistemas, ou biólogo, ou médico, ou advogado, mas sim todo indivíduo tem aptidões e interesses específicos que devem ser levados em conta na escolha do estudo e da profissão.

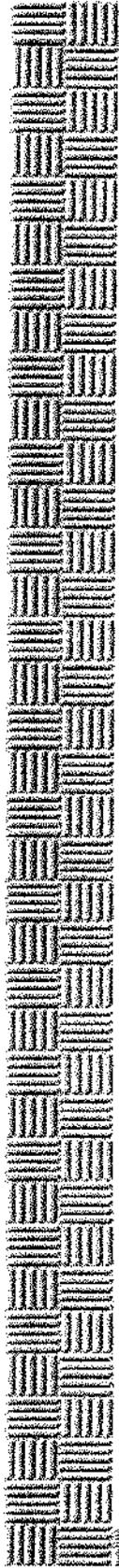
Os testes, inventários, instrumentos padronizados de investigação dos interesses e aptidões servem como método auxiliar, para um diagnóstico inicial, que exige reflexão e confirmação posteriores.

É preciso conversar sobre as razões de escolha das áreas de estudo ou profissão. Sabemos que muitas vezes o indivíduo parte-se para um curso ou um trabalho em busca de status, ou de dinheiro, deixando de lado os verdadeiros desejos e tendências, podendo, então, ficar ressentido e amargurado, em função de se frustrar com as oportunidades profissionais e com o mercado de trabalho da área inadequadamente escolhida.

Para que o jovem possa escolher adequadamente, é importante que seu ambiente familiar, escolar e de trabalho sejam abertos, com uma vida "intelectual" intensa e dinâmica, para que os interesses possam ser desejados. É preciso que haja abertura para a curiosidade, esta mola propulsora para o progresso, para as informações, debates, a fim de que ele desperte para uma vida profissional que poderá ser então, ativa, enriquecida e feliz.

Faz-se necessário ajudar o adolescente a descobrir suas aptidões, interesses, identificações e averiguar a possibilidade de desenvolvê-los.

A inclinação natural dos jovens de se agruparem e de sentirem no grupo de iguais maior continência para suas ansiedades, além de menor exposição às críticas, favorece este tipo de trabalho. Este é, de fato, o modo preferencial de abordá-los, na medida em que ajuda-os a descobrirem suas aptidões, interesses, identificações e a averiguarem a possibilidade de desenvolver suas características e potencialidades.



4. Método

4.1. DESCRIÇÃO

A partir de leituras, observações, aplicações de instrumentos e de uma abertura total dos sentidos, da sensibilidade e do intelecto à experiência, é que foi possível ir aprendendo e escrevendo sobre a realidade em estudo. Foi necessário ir, ao mesmo tempo, anotando e elaborando, na tentativa de não deixar escapar nada do vivenciado.

Trata-se, então, de uma pesquisa de campo de tipo Qualitativa e Descritiva, onde, através da entrevista aberta, procuramos conhecer como o ex-mensageiro da Unicamp avalia o Grupo Preventivo de Orientação (G.P.O.) do qual participou.

A entrevista aberta, preconizada por Bleger (1980), foi o instrumento escolhido em função de um referencial psicanalítico de trabalho e pela influência do pensamento bioniano quando este autor nos mostra a importância do “sem memória e sem desejo” na pesquisa psicanalítica, condição esta muito importante para a recepção dos dados, pois é uma situação onde nos livramos dos “pré-juízos” e preconceitos.

Outro fator que faz da entrevista aberta um instrumento muito adequado ao nosso objetivo é o fato dela ser *uma “relação entre duas ou mais pessoas em que estas intervêm como tais”* (Bleger, 1980). Ela não consiste apenas em obter dados, mais sim em uma relação humana, na qual é possível observar o comportamento total do entrevistado, *“aplicando nossa função de escutar... de vivenciar e de observar”* (op. cit.).

O mais importante é observarmos que a **entrevista aberta, na qual a relação está ocorrendo, propicia que o entrevistado reviva a situação questionada e responda em função do sentido e do vivenciado naquele momento, quase suprimindo o tempo decorrido.**

Para Ludke e André (1986), a Pesquisa Qualitativa preocupa-se em buscar os fenômenos, considerando o quadro referencial de significados, dentro do qual as pessoas interpretam seu pensar, sentir e agir. Ela tem como fonte de dados seu próprio ambiente natural, o que dizem seus sujeitos e o pesquisador como seu instrumento principal. Os dados coletados são predominantemente descritivos. Estes autores ressaltam

também que: *“o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”*.

Para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa, freqüentemente usa-se a análise de conteúdo, que é uma técnica muito antiga, já bastante utilizada para desvendamento de textos obscuros. Segundo Berelson (1971), *“é uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações e tendo por fim interpreta-los”*.

Na verdade a análise de conteúdo tem estado dividida entre ater-se ao rigor de suposta objetividade dos números ou à observável fecundidade do subjetivo.

Bardin, Minayo e outros adeptos das técnicas qualitativas tentam ultrapassar o alcance meramente descritivo do conteúdo manifesto da comunicação para através da inferência, porém com vigilância crítica, alcançar uma interpretação mais profunda. Bardin (1979) define-a como:

“um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter por procedimento sistemático e objetivo de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativo às condições de produção e recepção destas mensagens”.

Os dados, após terem sido colhidos e organizados segundo a sistemática de Análise de Conteúdo, podem ainda ser interpretados segundo diversos prismas, sendo que nesta pesquisa faremos, posteriormente, uma interpretação sob o enfoque psicanalítico.

Sendo a Análise de Conteúdo um instrumento especialmente útil quando se deseja investigar algo a partir da própria expressão dos sujeitos, quer seja em dissertações, depoimentos, redações, entrevistas, testes projetivos, etc, ela parece ser o instrumento mais adequado para o que se propõe neste trabalho, uma vez que, o que será analisado serão as falas dos sujeitos, e tendo em vista o nosso objetivo de inferir, com precisão, aspectos da vivência do G.P.O.

Em outras palavras, a análise de conteúdo é uma técnica cujo objetivo é a busca de sentido ou sentidos de um texto.

Goldberg e Franco (1980) explicitam alguns requisitos básicos para a análise de conteúdo, entre eles: a objetividade, a sistematização e a quantificação.

Quanto à objetividade, esta deve estabelecer claramente quais passos no processo de pesquisa precisam ser executados de forma precisa e explícita, destacadamente no que diz respeito à elaboração de categorias de tal modo que outros pesquisadores, ao investigar o mesmo conteúdo, possam obter resultados semelhantes.

A sistematização implica na inclusão e exclusão de conteúdos ou categorias, tomando por base dois indicadores, sendo que o primeiro deles pressupõe que todo conteúdo relevante seja analisado por intermédio de categorias também relevantes, considerando-se os objetivos da pesquisa. O segundo indicador implica em que os resultados da Análise de Conteúdo possam ser generalizados.

A quantificação, por sua vez, implica na tradução, para dados numéricos, dos aspectos relevantes do conteúdo da comunicação. No âmbito deste requisito, o significado do termo quantitativo, aplicado à Análise de Conteúdo, gera discordância entre os autores. Porém, podemos resolver esta questão, considerando que: *“...explícita ou implicitamente, muitos dos mais rigorosos estudos quantitativos usam procedimentos não-numéricos em vários estágios da pesquisa”* (Goldberg e Franco, 1980). Além disso, o mais importante não é ser quantitativo, mas sim haver relevância nas medidas usadas.

Portanto, a Análise de Conteúdo possibilita fazer inferências válidas e reaplicáveis, respeitando-se a informação coletada a fim de se determinar o significado do próprio conteúdo. O conteúdo pode ser abordado sob vários ângulos, dependendo das unidades que se utilizar, unidades estas que podem ser uma palavra, um parágrafo ou um texto como um todo.

No tocante ao presente trabalho, a primeira decisão a ser tomada para a Análise de Conteúdo das entrevistas registradas foi quanto à escolha das Unidades de Análise.

Segundo Goldberg e Franco (1980), estas Unidades estão divididas em Unidades de Registro e Unidades de Contexto. A Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, podendo ser uma palavra, um símbolo, um tema, uma personagem ou um item. Já a Unidade de Contexto é mais ampla e inclui a Unidade de Registro, podendo então ser uma sentença, um parágrafo, um conjunto de parágrafos, uma página, etc.

Por outro lado, Ludke e André (1986) colocam que, para que este conteúdo da comunicação seja inteligível, faz-se necessário criar categorias de análise, categorias estas que refletem os propósitos da pesquisa, devendo respeitar os seguintes critérios: homogeneidade interna e externa, inclusividade, coerência e plausibilidade.

Embora não exista uma norma fixa para a construção de categorias, é importante o profissional fazer um exame do material, procurando encontrar os aspectos relevantes da comunicação, partindo-se daí para a observação daqueles temas que se repetem no texto. Os aspectos que surgem com determinada regularidade é que servirão de base para o primeiro conjunto de categorias. Feita esta primeira avaliação de categorias, parte-se para um aprofundamento da análise, buscando-se enriquecer o sistema de construção de categorias. Para finalizar, uma última avaliação deve considerar as categorias do ponto de vista da abrangência e delimitação.

4.2. SUJEITOS

4.2.1. População estudada e sua caracterização

A população consta de 300 adolescentes trabalhadores da Unicamp, sendo que em 1987 conseguimos formar grupos com 97 desses trabalhadores denominados "Mensageiros". Eram de ambos os sexos e estavam na faixa etária de 15 a 18 anos. Geralmente provinham de classes sociais de baixa renda e estudavam no período noturno, sendo que a grande maioria desta população continua trabalhando na Unicamp, em outras funções.

A descrição do seu cargo-função, com suas atribuições de trabalho, referia-se à execução de tarefas diversas tais como serviços de xerox, entrega e recebimento de documentos, realização de serviços externos em bancos, correios, tarefas simples de datilografia, etc. (anexo 1).

Os Mensageiros constituíam, na Unicamp, uma verdadeira comunidade, isto é, uma formação social complexa com características específicas e individualizantes e objetivos comuns e, desde abril de 1987, passei a ser a psicóloga clínica responsável pelo atendimento de suas necessidades psicológicas.

4.2.2. Caracterização dos sujeitos

A amostra de sujeitos, para aplicação dos instrumentos, é constituída por 20 mensageiros, isto é 20,6% da população de 97 jovens que compuseram os seis primeiros G.P.O.(s). Esta amostra foi retirada aleatoriamente das listagens dos G.P.O.(s) formados para serem atendidos no 2º semestre de 1987, dentro do programa de Prevenção em Saúde Mental. Estes sujeitos situam-se, hoje, na faixa etária de 20 a 24 anos.

4.2.2.1. Perfil do sujeito

O perfil do nosso sujeito está descrito nas Tabelas de números 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

TABELA 1. Distribuição segundo a idade atual dos sujeitos, UNICAMP, 1995.

IDADE	FREQUÊNCIA
21 anos	01
22 anos	08
23 anos	10
24 anos	01
TOTAL	20

TABELA 2. Distribuição segundo o estado civil, UNICAMP, 1995.

ESTADO CIVIL	FREQUÊNCIA
Solteiros	18
Casados	02
TOTAL	20

TABELA 3. Distribuição segundo o sexo, UNICAMP, 1995.

SEXO	FREQUÊNCIA
Masculino	12
Feminino	08
TOTAL	20

TABELA 4. Distribuição segundo a Escolaridade, UNICAMP, 1995.

ESCOLARIDADE	FREQUÊNCIA
1o. GRAU INCOMPLETO	03
2o. GRAU COMPLETO	08
2o. GRAU INCOMPLETO	04
UNIVERSITÁRIO COMPLETO	00
UNIVERSITÁRIO INCOMPLETO	05
TOTAL	20

ESTUDANTES (atualmente) 08

NÃO-ESTUDANTES (atualmente) 12

NOTA: Cursam Universidade: 02 sujeitos

4.2.3. Ambiente e equipamentos

A pesquisa foi realizada em salas de atendimento do Ambulatório de Psiquiatria do Adolescente, no Hospital das Clínicas da Unicamp.

Para não criar constrangimento, os sujeitos foram avisados de que eu faria anotações das entrevistas. Com isto, objetivávamos a fidelidade na coleta dos dados da pesquisa. Estava à minha disposição papel, lápis, roteiro da entrevista, questionários. Havia também uma carta de agradecimento pela colaboração com a pesquisa que eu entregava aos sujeitos, ao final da entrevista.

4.3. OBJETIVO GERAL

Este estudo se propõe à avaliação do “Programa de Prevenção Primária em Saúde Mental” desenvolvido junto à comunidade de menores trabalhadores da Unicamp (Mensageiros).

4.4. OBJETIVO ESPECÍFICO

Apreender e analisar o parecer dos sujeitos sobre o que significou, para cada um deles, a vivência dos G.P.O.(s) aos quais compareceram e, a seguir, fazer uma Análise de Conteúdo através de levantamento e estabelecimento de Categorias, a partir dos dados coletados.

4.5. INSTRUMENTOS

4.5.1. Projeto piloto

Para averiguar a viabilidade e adequação dos instrumentos propostos foi aplicado um projeto piloto a quatro sujeitos da população pesquisada. Isto nos possibilitou considerar os instrumentos abaixo descritos, como os mais indicados para alcançar os objetivos propostos.

Estes quatro sujeitos não foram considerados para o levantamento e análise dos dados, pois o Projeto Piloto levou-nos à modificação dos instrumentos iniciais.

4.6. PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para localizar em quais unidades, faculdades, ou setores da UNICAMP, os jovens estariam trabalhando, fizemos uma consulta à Diretoria Geral de Recursos Humanos, que nos forneceu os ramais telefônicos dos seus locais de trabalho.

Fizemos então contatos telefônicos com os sujeitos e agendamos encontros para a aplicação das entrevistas.

Após atualizarmos os dados de identificação do sujeito, sua vida escolar e profissional, iniciamos a coleta dos dados da pesquisa através da entrevista aberta, na qual procuramos fazer uma pergunta bastante ampla e neutra, que propiciasse a sinceridade e nenhuma indução de direcionamento das respostas dos entrevistados.

A pergunta foi feita da seguinte forma:

Você, juntamente com outros colegas seus, (cito nomes), esteve comigo em 1987, quando era mensageiro da Unicamp, fazendo um Grupo de Orientação Psicológica sobre...

Descreva sinceramente, por favor, o que significou para você, a vivência desse grupo.

Foi escolhido este instrumento, primeiro porque, para este tipo de coleta, é bom estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e sujeito, sendo que a situação face-a-face pode estimular no entrevistado o fluxo natural de informações e, segundo, porque a abordagem adotada se ocupa principalmente da linguagem para avaliar o significado das representações do sujeito sobre o tema em pesquisa. Além disso, os sujeitos podem ser observados naquilo que dizem.



Cada entrevista durava aproximadamente uma hora e trinta minutos.

TABELA 5. Número e Porcentagem dos sujeitos que compareceram a cada G.P.O. específico, em relação ao número de sujeitos pesquisados, UNICAMP, 1995.

G.P.O.	SUJEITOS	%
Sexualidade	55	56,7 %
Tóxicos	10	10,3 %
Relacionamentos familiares	16	16,5 %
Estudos e Profissões	16	16,5 %
TOTAL	97	100,0 %

Podemos observar que o tema Sexualidade foi o mais requisitado. Mais da metade da amostra solicitou este tema para assunto de discussão. Avaliamos este resultado como algo esperado, tendo em vista a naturalidade deste assunto na adolescência por ser esta uma época de surgimento dos impulsos sexuais genitais além da revivescência dos impulsos pré-genitais.

Numa proporção relativamente baixa e com igualdade de importância entre si, estão os assuntos Relacionamentos Familiares e Estudos e Profissões. Isto também está de acordo com o esperado, segundo a literatura sobre Adolescência, pois estes são assuntos normalmente interessantes para o jovem.

Realmente, conforme vimos na fundamentação teórica, o adolescente reedita os conflitos e o relacionamento com os pais. Além disso vive um específico momento de escolha profissional, momento este que está inteiramente ligado ao afastamento da casa paterna, à resolução do relacionamento edípico e familiar e ao início de um novo caminho em busca de novas opções.

A menor porcentagem, dentre as necessidades apontadas, refere-se ao assunto Tóxicos, o qual, em função da curiosidade saudável e natural do adolescente e do marketing feito pela imprensa sobre o tema, torna-se um interesse normal para o jovem. No entanto, avaliamos que, por tratar-se de algo nefasto à vida, este tema tem também um caráter de interesse um tanto anormal ou patológico e já podemos aqui ter uma conclusão parcial: interesses menos normais estão presentes em porcentagem bastante pequena dos jovens.

Estes dados também nos mostram o Perfil do Sujeito da nossa pesquisa e, portanto, do adolescente trabalhador.

TABELA 6. Distribuição dos sujeitos da amostra segundo os G.P.O. freqüentados, UNICAMP, 1995.

GRUPOS FREQUENTADOS	SUJEITOS	TOTAL	%
Sexualidade	S1, S3, S5, S6, S7, S8, S10, S11, S15, S16	11	55%
Tóxicos	S2, S4, S12, S13	04	20%
Relacionamentos Familiares	S14, S19, S20	03	15%
Estudos e Profissões	S17, S18	02	10%
TOTAL	20	100%	

Ao observarmos as tabelas 5 e 6, podemos perceber que 55% da amostra pesquisada pertence aos G.P.O.(s) sobre Sexualidade, porcentagem esta que está muito próxima do resultado de nível de interesse apresentado pelos sujeitos que foi de 56,7 %.

O segundo lugar dos Interesses, com 16,5%, refere-se aos assuntos "Relacionamentos Familiares" e "Estudos e Profissões" sendo que nestes itens pesquisamos uma amostra de 15% e 10% respectivamente.

O terceiro lugar dos Interesses refere-se ao assunto Tóxicos com 10, 3% sendo que neste tópico pesquisamos uma amostra de 20% em função de um maior número de jovens terem respondido ao nosso convite para a entrevista.

4.6.1 Coleta de depoimentos

Através da entrevista individual aberta, nosso objetivo era apreender a avaliação de cada jovem, a mais espontânea possível, sobre o que significou para ele a vivência do G.P.O. que frequentou em 1987.

4.7. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Com relação à presente pesquisa, utilizou-se como Unidade de Contexto cada Depoimento ou Entrevista Aberta e como Unidade de Registro as Sentenças ou conjunto de sentenças indicativas dos temas relacionados com as grandes áreas que estão sendo estudadas. Estas grandes áreas estão discriminadas e descritas a seguir, no item 3.7.1, em ordem alfabética de categorias (de A a G).

4.7.1. Definição das Categorias

Chegamos à definição das categorias por intermédio de repetidas leituras analíticas dos discursos encontrados nas entrevistas abertas (Unidades de Contexto), nas quais foram sendo detectadas as principais representações dos nossos sujeitos sobre a vivência nos G.P.O.(s) com adolescentes trabalhadores da Unicamp. Nestas leituras analíticas, pude contar com o auxílio de dois “juízes”, isto é, duas psicólogas que leram as Unidades de Contexto, colaborando no levantamento de Categorias, dentro da Análise de Conteúdo. Tomamos o cuidado de, neste momento, evitar fazer inferências e procuramos

relatar o descrito pelos sujeitos, obtendo-se então as Categorias abaixo discriminadas e conceituadas, as quais mostram como os sujeitos têm representado, nas suas compreensões, o G.P.O.:

CATEGORIA A - IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES:

Esta categoria contém as falas dos sujeitos que consideram as informações sobre os assuntos de cada G.P.O., oferecidas no transcorrer do grupo, como bastante relevantes.

CATEGORIA B - IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS E DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS:

Nesta categoria incluímos considerações que destacam o surgimento e aprofundamento de amizades como um ganho importante do G.P.O. Estão aqui também incluídos os sujeitos que avaliam a oportunidade de vivência grupal como uma característica positiva do G.P.O.

CATEGORIA C - VISÃO DO G.P.O. COMO UM CURSO:

Nesta categoria estão incluídas as representações que os sujeitos fazem da vivência do G.P.O. como tendo participado de um curso.

CATEGORIA D - PERCEPÇÕES POSITIVAS DO G.P.O.:

Esta categoria é muito ampla e abrangente. Diz respeito às considerações contidas nos depoimentos dos sujeitos no que se refere à: aquisição de consciência de seus papéis no trabalho ou na comunidade; relatos de novos posicionamentos na vida, às vezes, gerando ações, relatos de amadurecimento; sentimentos de ganhos e de mudanças pessoais; afirmações que denotam reconhecimento de valor no trabalho do G.P.O. Contém também falas onde demonstram sentir-se acolhidos e entendidos; ou afirmam que aquilo que

vivenciaram ou aprenderam permaneceu e continua influenciando suas vidas. Além disso, inclui também a percepção do G.P.O. como uma situação de abertura para poderem se expressar e crescer; além de afirmações com o sentido de que atualmente poderiam aproveitar melhor o G.P.O. e de que este os levou a evitar o uso de drogas.

CATEGORIA E - PERCEPÇÕES NEGATIVAS DO G.P.O.:

Esta categoria inclui as considerações negativas expressas nos depoimentos dos sujeitos referentes à desvalorização do G.P.O. desenvolvido. São afirmações isoladas que dizem respeito a queixas de que as informações oferecidas e o tempo disponível foram insuficientes ou que o G.P.O. teria levado ao uso de drogas, ou algum outro comentário com esta conotação.

CATEGORIA F - LEMBRANÇAS NÃO CLARAS:

Nesta categoria estão incluídas as afirmações referentes a não se lembrarem bem da vivência do G.P.O.

CATEGORIA G - REPRESENTAÇÕES DIVERGENTES:

Esta categoria contém informações minoritárias e específicas e diz respeito a afirmações que divergem das demais respostas, relatos sobre assuntos que não se referem realmente ao G.P.O. ou à questão formulada, ou ainda a confissão ou projeção de alguma dificuldade pessoal que impedia o aproveitamento do G.P.O.

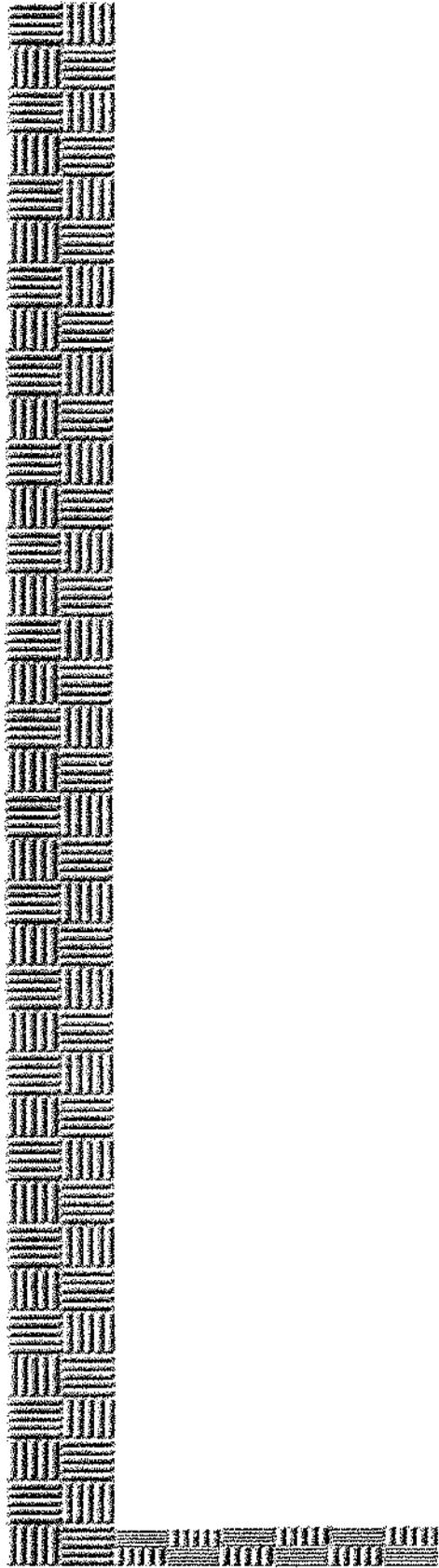
Estas categorias foram as áreas de análise nas quais as representações temáticas emergiram e se destacaram no discurso dos adolescentes. Esses conteúdos, nos capítulos “Análise e Interpretação dos Depoimentos” e “Reflexões Finais”, são revistos e interpretados quanto aos seus significados psicanalíticos, de acordo com as considerações teóricas adotadas neste trabalho.

4.7.1.1. Tabela das Categorias

Tabela 7. Distribuição global do número e porcentagem de sujeitos dentro de cada Categoria, UNICAMP, 1995.

CATEGORIAS	SUJEITOS	N. SUJ.	%
A. IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES	1,2,7,10,13,15,16,17,18,	09	45,0%
B. IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS E DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS	1,2,3,5,7,8,9,10,11,12,13,15,16, 17,19,20	16	80,0%
C. VISÃO DO GPO COMO UM CURSO	2, 3, 5, 7,11,13,14	07	35,0%
D. PERCEPÇÕES POSITIVAS DO GPO	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14, 15,16,17, 18,19,20	20	100,0%
E. PERCEPÇÕES NEGATIVAS DO GPO	2, 3, 5,13,14	05	20,0%
F. LEMBRANÇAS NÃO-CLARAS	3,5,6,9,11,14,18,19,20	09	45,0%
G. REPRESENTAÇÕES DIVERGENTES	2, 12,14,15,17,18,20	05	25,0%

Obs.: A análise desta tabela está inserida na "Análise dos Depoimentos"



5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Convenções adotadas na apresentação do material

Para possibilitar a organização dos dados da pesquisa, facilitar a compreensão do leitor, assim como manter o sigilo dos nomes dos sujeitos, atribuiu-se um número que identifica cada um deles. Desse modo, os sujeitos foram representados por S1, S2, S3, etc.

Relatamos a seguir algumas das falas relevantes dos sujeitos, que nos fizeram identificar as sete categorias emergentes nos discursos dos mesmos.

Buscamos também, através dos discursos dos sujeitos, analisar psicodinamicamente as categorias presentes na Tabela 7, a fim de obter uma compreensão mais profunda do significado dos G.P.O. (s) para os jovens pesquisados, tendo assim uma compreensão psicodinâmica da vivência dos mesmos.

CATEGORIA A - IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES.

Num G.P.O. como em todos os grupos, ocorrem, concomitantemente, diversos fenômenos e formas de interação. Assim, ao mesmo tempo que o indivíduo está captando informações sobre um assunto, sente a convivência grupal e a importância dos novos relacionamentos, analisa se aquela situação está sendo meramente um curso ou algum outro tipo de vivência, avaliando-a de forma positiva ou negativa.

Especificamente nesta categoria “Importância das Informações”, parece-nos relevante arrolar as falas dos sujeitos que apontam as informações que foram sendo fornecidas, como algo muito importante na vivência do G.P.O.

Observamos que alguns sujeitos consideram as Informações como essencial para a validade do G.P.O., como podemos perceber na fala de S 7: “... *Achei importante; muita coisa eu não sabia ...*”.

Se por um lado o G.P.O. significava uma "válvula de escape" para fugir das obrigações do trabalho : "... *Era oportunidade para não trabalhar ...*" (S 2), por outro era percebido por eles como um espaço para obter informações, aprender, crescer nos mais diferentes assuntos, como nos confirma o próprio S 2 : "...*mas também de ver coisas novas...*".

O aparente desinteresse e o descaso do jovem para com o trabalho podem ser aceitos e entendidos à medida que nos lembramos de que se trata de um indivíduo que, em função da sua faixa etária e momento do processo evolutivo necessita de grande dose de fantasia. Entretanto, vive pressionado, muitas horas ao dia, pela total presença do Princípio da Realidade, no sentido de precisar produzir, realizar, estar atento às ordens, ao trabalho, como sabemos que era a rotina dos Mensageiros da Unicamp, dificultando sua natural necessidade de devanear, sonhar, fantasiar. Isto também nos é confirmado pela fala de S 8 que considera o G.P.O. como uma : "... *oportunidade de conviver..., trocar idéias... Porque a gente fica 8 h no trabalho, 4 h da vida na escola...*".

É interessante, também, percebermos que, nos quatro diferentes temas, os adolescentes deram respostas bastante diversas com relação à Importância das Informações, embora sempre rapidamente fizessem considerações sobre sentirem o G.P.O. como um espaço para ver coisas novas, isto é, falar sobre AIDS, Sexualidade, Profissões, Drogas , Amigos, Família.

Com referência ao tema Sexualidade, podemos citar esse desejo de receber informações com a fala de S 10: "...*Sobre AIDS a gente não sabia nada. Sobre muita coisa eu aprendi. Sobre AIDS a gente não dava importância. Foi uma porta de entrada. ...*" ou como na fala já apontada de S 7 : " ...*Na minha vida teve mudanças; esclareceu, tirou dúvidas, acrescentou...*"

À medida que, para grande parte da população, sexo é ainda nos dias de hoje, um assunto tabu, mal-discutido ou não-discutido em casa, os jovens ressaltam a validade de receberem algumas informações sobre o tema pois, afinal, trata-se de algo que emerge com muita força na adolescência, como já vimos, inclusive por motivos físicos e fisiológicos, mudanças hormonais, corporais e psíquicas.

Conforme já dissemos, acreditamos que a prevenção deve ser feita primordialmente pela família desde os primeiros momentos de vida e de interação mãe-bebê. Porém, na adolescência, o jovem já não oferece muito espaço para a família de origem, surgindo então a necessidade de outro espaço, de outras relações que propiciem o preenchimento das necessidades de informar-se, relacionar-se socialmente, satisfazer curiosidades, e orientar-se.

As informações ajudam o indivíduo a se desenvolver, a crescer, como atesta S 1: *"...Com as informações recebidas eu me liberei mais em todas as questões. Antes eu nem abria a boca..."* ou como testemunha S 9: *"... Era uma orientação e com o grupo eu aprendia muito. São coisas que não se conversava em casa..."*

O adolescente frequentemente cinde o objeto: os pais são vistos como "objetos maus" e pessoas de fora da família, tais como, professores, orientadores, são idealizados e vistos como "objetos bons".

Lembramos também que, ao fazer esta cisão, o adolescente está tentando elaborar a natural necessidade de afastamento afetivo das figuras parentais. Busca também fazer novas ligações com objetos de amor. Isto tudo possibilita seu processo de desenvolvimento emocional.

Este mecanismo de defesa do ego (cisão) pode diminuir a angústia, facilitando assim o uso pelos adolescentes, dos seus recursos psíquicos e daquilo que aprenderam. Podemos observar isto na fala de S 1:

"... Embora eu já tivesse informações... Depois do grupo a gente começou a falar mais. Eu aprendia lá e passava para outras pessoas... No horário de almoço discutíamos assuntos de serviço, etc..."

Este processo de cisão também pode ser percebido, através do conto de Grimm, quando a estória se refere ao aprendizado das linguagens, que pareceu não ocorrer. Na verdade elas ficaram cindidas e guardadas dentro do jovem, como podem ficar as informações do G.P.O., tornando-se extremamente úteis no desenvolvimento da sua vida,

como podemos observar nas falas dos sujeitos S 3 e S 5, respectivamente “... *Naquela época não via o negócio como um progresso... A gente só sabe que é bom mesmo quando já passou...*”. Ou : “...*Hoje não vejo os guardinhas tendo essa oportunidade...*”.

Verificamos, assim, que as informações do G.P.O. podem ser integradas ao adolescente, a posteriori, em função do processo de cisão.

Dentro do tema Tóxicos encontramos também algumas falas que apontam para a validade das informações sobre o assunto, como a de S 2: “...*Nós tínhamos uma orientação. É muito bom. Deveria continuar; não sei se vocês fazem hoje com os guardinhas ...*”, ou a de S 13: “...*Sobre tóxicos aprendi algo...*”. Porém, esse mesmo S 13 diz: “...*mas a gente aprende mais na “boa” , até experimentando...*”.

Isto nos alerta para o fato de que a prevenção deve ocorrer num momento mais precoce da vida dos jovens como é feito em diversos países europeus (Glissant, 1982), através de programas escolares preventivos, para crianças de 11 anos em diante, sendo que, antes dessa idade, o ideal é que o assunto seja discutido pela família. A orientação neste momento poderia ser no sentido de dar instrumentos para que a família sinta-se esclarecida e capaz de lidar com o assunto.

Não podemos deixar que passe a hora mais adequada para a orientação e que fique assim diminuída a efetividade da ação preventiva. Isto parece ter ocorrido com este S 13.

Conforme já vimos, a infância é o melhor momento para se fincarem os pilares de uma boa estrutura egóica e o agente mais adequado para isso é a família, que é o primeiro objeto de amor da criança. No entanto, na Adolescência, em virtude da revivescência dos conflitos pré-edípicos e da sua plasticidade, também há uma situação onde a prevenção é muito viável e eficaz.

Refletindo ainda sobre esta fala de S 13 : “... *a gente aprende mais na “boa” , até experimentando...*”, avaliamos que, realmente, o adolescente frequentemente tem necessidade de experimentar a vida, senti-la ele mesmo, em todos os seus aspectos, inclusive com relação às drogas.

Porém, com o jovem que tenha problemas emocionais mais importantes do que os conflitos próprios da adolescência, já não se trata de apenas experimentar, mas sim de usar a droga como uma maneira de lidar com as angústias, que lhe são insuportáveis.

Já a respeito do G.P.O. sobre “Estudos e Profissões”, verificamos que os jovens também confirmam seus interesses em receber informações como nos mostra a fala de S 17: *“... O pessoal tinha bastante interesse, o pessoal tomou consciência...”*

Observamos que esta maneira de falar, referindo-se aos outros, isto é, projetando e generalizando, contém as percepções e opiniões pessoais, porém, sua verbalização tem a ver com sua identidade, o seu modo de ser e o uso frequente de um mecanismo de defesa do ego, que é a projeção. É uma maneira de diluir a própria responsabilidade e de sentir-se fortalecido pela imaginada identidade NÓS, referindo-se ao grupo ao qual pertence.

Assim, outra fala do mesmo S 17: *“...Ninguém pensava nada antes. Depois começaram a surgir idéias...”* também pode ser entendida como uma projeção do seu próprio interesse pelo G.P.O. e pela comunidade, que foi se desenvolvendo e que o levou a uma concreta e efetiva ação em prol da sua categoria profissional.

Também a fala de S 18: *“... Nas palestras ... a gente ... era orientado em questões profissionais...”* dá-nos um testemunho de como o caráter informativo era sentido como algo importante, dentro deste tópico.

Destacamos também que, neste tema, esta Categoria “Importância das Informações” é proporcionalmente a mais presente dentre as respostas dos adolescentes. Pensamos que isto se deva ao fato de, frequentemente, os sujeitos, que têm, preponderantemente, este tipo de interesse, serem pessoas com as necessidades emocionais básicas já mais resolvidas e atendidas e, por isso, podem voltar-se para interesses mais evoluídos e adultos. Ou seja, elas podem partir em busca de informações sobre cursos, estudos, profissões, para uma ação na comunidade.

Já no tema “Relacionamentos Familiares” não encontramos nenhuma resposta que ressalte a Categoria “Importância das Informações”. Pensamos que isto se deva ao fato de o assunto ser percebido como algo que depende mais dos sentimentos do que do intelecto e, portanto, as informações têm aqui menor destaque.

Concluimos então que receber informações sobre “Sexualidade, Tóxicos, Estudos e Profissões e Relacionamentos Familiares” têm realmente conotações muito diferentes. Realmente, quando comparado com os demais temas, um enfoque informativo sobre o que é ser um pai ou um filho, sobre como pode ser a relação entre eles, se amistosa ou não, tem menor significância.

Porém, isto tudo nos mostra ainda que o adolescente é receptivo, carente de atenções, informações, o que confirma mais uma vez a importância e validade do espaço do G.P.O. , que vai ao encontro de suas necessidades. Isto pode ser observado na fala de S 6: *“... A gente tem de ter um acompanhamento. Em casa foi minha mãe que bateu, educou, sei lá... Não converso com meu pai... O grupo foi bom...”*.

Podemos perceber também, claramente, a influência da repressão na relação família-jovem e a necessidade de um espaço fora do lar para obter orientação.

Percebemos que ocorre todo um processo de desenvolvimento do jovem a partir das informações dos G.P.O.(s). Isto será melhor entendido ao analisarmos as demais categorias e verificarmos a importância e a influência de cada uma delas.

As informações adequadas, no entanto, são sempre um dos requisitos para prevenir desajustes. Elas podem contribuir para muitas situações como evitar que um indivíduo se case prematuramente, o que pode levá-lo a possíveis separações, famílias desestruturadas, filhos sem pais; propiciar ao jovem que se conscientize sobre os riscos das doenças sexuais, das possibilidades de bem estar, alegria, e harmonia na vida sexual, e ainda possibilitar-lhe maiores esclarecimentos e visão sobre as drogas, ajudando-o a obter um melhor ajuste no trabalho e nas profissões.

CATEGORIA B - IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS E DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Conforme já definimos, esta categoria, que é destacada e enfatizada por 80% dos jovens pesquisados, inclui considerações que valorizam a convivência grupal e o surgimento de relações interpessoais, como a mais importante aquisição advinda da vivência do G.P.O., tal como bem demonstra a fala de S 5: “... *Eu achava bom encontrar o pessoal e era um espaço gostoso para a gente se conhecer, estar juntos...*”.

É interessante observarmos que, nos quatro diferentes temas, a grande maioria dos jovens enfatizam a importância desta Categoria.

Com relação ao G.P.O. sobre Sexualidade, verificamos que a quase totalidade dos sujeitos apontam tal importância, como demonstra S 3: “... *A gente não ia muito pelo tema, mas sim pelo encontro...*” ou como destaca S 8: “... *Aprendi muito com as reuniões e com o grupo... oportunidade de conversar com pessoas...*”

A exposição de S 1: “... *Quando falava que tinha reunião de grupo, todos queriam ir...*” confirma a tendência grupal apontada por Deutsch, Knobel e outros. Tal tendência surge em função do adolescente ter perdido a identidade e o corpo infantis. Sentindo-se então enfraquecido, ele necessita do grupo para a construção da sua nova identidade.

Os Mensageiros destacam em suas falas o fato de serem jovens da mesma faixa etária. Sabemos que, na verdade, isto facilita a Identificação e ajuda no fortalecimento da identidade. Observamos isto nas falas: “... *Mais importante foi a iniciativa de fazer um grupo só de pessoas da mesma idade... Fiz muitos amigos. ...*” ou como diz o mesmo S 7: “... *todo mundo da mesma idade... isto incentivou bastante...*”.

Consideramos também que o interesse por novos relacionamentos pode advir da necessidade de retirar a libido dos próprios pais. Surge então a necessidade de investir em alguns outros objetos que tragam equilíbrio à relação objetal, caso contrário ficariam excessivamente narcísicos. A fala de S 6: “... *Não converso com meu pai. O grupo foi*

bom..." e a de S 7, "... na minha vida teve mudanças, esclareceu, tirou dúvidas, acrescentou. Minha mãe não conversava..." ilustram bem a retirada da libido das figuras parentais e o investimento libidinal no grupo.

Além disso, sabemos que o adolescente vive a situação edípica e usa a cisão para lidar com seus sentimentos ambivalentes e persecutórios projetando-os nas pessoas mais próximas. Desse modo passa a temer a relação com o próprio pai necessitando, dessa forma, de novos relacionamentos interpessoais e grupais, a fim de, após a cisão, fazer também introjeções e obter lucros a nível interno, como mostra a fala de S 9: "... Era uma orientação e com o grupo eu aprendia muito. São coisas que não se conversava em casa..."

Percebemos também que o Adolescente denota alguma abertura ao mundo e ao adulto, essencial para o seu crescimento, o que evidencia, mais uma vez, a valorização do espaço grupal e dos Relacionamentos Interpessoais, como vemos nas falas de S 3 e S 5 respectivamente: "... Naquela época não via o negócio como um progresso, mas ia mais pelo grupo em si... O importante era encontrar os colegas..." e "... O importante era que se encontrava outras pessoas e as trocas permitiam amadurecer..."

Isto pode ser interpretado como um indicativo da adequação de se trabalhar segundo a técnica do G.P.O., já que é uma técnica grupal e os sujeitos ressaltam a importância dos grupos.

Destacando a relevância que os nossos sujeitos dão ao surgimento de relacionamentos interpessoais para o aproveitamento do G.P.O., temos as falas de S 2: "... Dali tenho meus melhores amigos... Conheci várias pessoas..." ou como falam respectivamente S 7 e S 8: "... por ser em grupo, facilitou..." e "... Oportunidade de conviver com pessoas da mesma idade..."

No grupo sobre "Estudos e Profissões" metade da amostra considera a vivência grupal e os relacionamentos como importantes. Também, no G.P.O. sobre "Relacionamentos Familiares", mais da metade dos sujeitos dá destaque a esta categoria de resposta. Podemos avaliar que, realmente, a vivência grupal contribui muito para

alcançarmos os objetivos de prevenção de problemas nessas áreas. Isto se confirma também nas falas a seguir: *"... Na época não se pára para chegar a conclusão. Com o passar do tempo você vê a importância ... Todos os debates, palestras... Pessoas ficaram muito unidas..."* (S 18) *"...Ficou amizade entre as pessoas..."* (S 17) *"...Bom se reunir em grupo, discutir... debates; ajuda no amadurecimento de nossas idéias..."* (S 19).

Constatamos então a importância de uma dinâmica que favorece a integração grupal dos sujeitos e o surgimento de amizades, pois assim, pode ocorrer um aproveitamento mais efetivo do trabalho de prevenção. Isto fica evidenciado no G.P.O. sobre Tóxicos, no qual mais da metade da amostra demonstra a importância do Grupo e dos Relacionamentos Interpessoais. Podemos observar essa valorização através das falas de diversos sujeitos: *"... Foi válido prá caramba! Dali tenho meus melhores amigos. Conheci várias pessoas..."* (S 2). *"... O grupo era legal..."* (S 12). *"... Naquele momento o que valeu foram as amizades que ficaram ..."* (S 13).

Percebemos que, quando se respeita a predisposição natural do adolescente de se ocupar com pessoas da mesma idade que a sua, estamos favorecendo a identificação entre ele e o fortalecimento da identidade.

Concluimos então que o adolescente parece intuir a importância de ter tal experiência grupal para favorecer a reedição das vivências do desenvolvimento libidinal e propiciar seu crescimento.

CATEGORIA C - VISÃO DO G.P.O. COMO UM CURSO

Nesta categoria reunimos os discursos dos sujeitos que perceberam distorcidamente o G.P.O. como um "Curso". Dentre as sete categorias levantadas, esta foi a quarta mais presente nos discursos. Temos um exemplo da percepção distorcida desta categoria na fala de S 7: *"... Além das informações do Curso..."*.

Interpretamos que esta parte da amostra entende o G.P.O. como uma relação professor-aluno. Talvez isto signifique uma atitude algo imatura, proveniente de uma visão limitada em que tudo parece ser percebido como “escola”.

Entendemos que estes sujeitos fazem esta interpretação do G.P.O. como um curso na tentativa de defenderem-se da vivência emocional propiciada pelo grupo, pois isto implica no despertar dos sentimentos de forma intensa. Já um “Curso” dá mais a impressão de aprendizado intelectual sem tanto compromisso com os afetos. Isto pode ser captado nas falas dos sujeitos S 5 e S 11 respectivamente : “... *Alguns fingiam que só brincavam para não mostrar interesse no curso...*” e “... *Com esse curso a gente aprendeu a gostar mais um do outro...*” .

Queremos ressaltar nessas últimas falas o disfarçar da emoção e da importância da vivência grupal, pois, na verdade, não é com um curso, mas sim com o relacionamento, que se aprende a gostar.

Apesar de S 5 e S 13 denominarem a vivência do G.P.O. como curso, muitas de suas falas denotam que eles perceberam-no como uma experiência grupal e não apenas como uma fonte de informações, o que seria de se esperar se fosse um curso. Podemos observar isto nas falas : “... *Naquela época não levei muito a sério. Se a Unicamp oferecesse de novo seria bom, aproveitaria mais...*”(S 13) e “... *Era um espaço gostoso para a gente se conhecer...*” ; “... *Hoje vejo os guardinhas não tendo essa oportunidade....*” (S 5)

Além disso, se juntarmos esta fala de S 5 com outras enunciadas por ele, como: “... *No começo a gente leveva na brincadeira ...Havia uma “zoeira” por causa do encontro do pessoal... Olha, a gente vai falar sobre sexo...*”, somos levados a refletir sobre a hipótese de que havia uma falta de espaço e de preparo, por parte dos pais e por parte de uma educação formal, que propiciassem ao jovem oportunidade para falar sobre os temas importantes na adolescência.

Pensamos, então, que o jovem tenta atribuir este caráter de curso para disfarçar a dolorosa sensação de ausência dessa importante oportunidade no âmbito familiar e a sua necessidade de convivência grupal e afetiva.

Vemos, assim, na fala de S 2 do G.P.O. sobre Tóxicos, o apontamento para essa falta de espaço para o jovem falar, conhecer assuntos tão importantes : *“... Os debates tinham coisas profundas, às vezes ficava sem graça em responder...”*.

Podemos inferir, através da análise dessa fala, que o adolescente não sabe o quanto ele conhece ou não sobre um determinado assunto e se o conhece de forma correta, sem preconceitos e distorções, visão esta que pode interferir nas suas próprias vivências e sentimentos.

É interessante observar que os sujeitos dos diversos temas trabalhados apresentam diferentes proporções com relação a essa percepção do G.P.O. como um “Curso”. Assim, os jovens do G.P.O. sobre “Tóxicos” são os que mais têm esse tipo de visão (metade da amostra), seguidos pelos jovens do G.P.O. sobre “Sexualidade” e “Relacionamentos Familiares”, enquanto que no G.P.O. sobre “Estudos e Profissões” este tipo de visão não está presente.

Estas porcentagens nos fazem pensar que sujeitos mais maduros compuseram o G.P.O. sobre este último tema mencionado, pois só indivíduos com as ansiedades mais básicas de afeto e de apoio, já mais elaborados, podem ter maior interesse sobre Estudos e a Profissionalização.

CATEGORIA D - PERCEPÇÕES POSITIVAS DO G.P.O.

Os jovens de nossa pesquisa apontaram o G.P.O. como um espaço adequado para o preenchimento ou discussão de suas necessidades, já que podiam aí compartilhar seus interesses, sentimentos e pensamentos com outros adolescentes.

Frequentemente, observa-se que, nas famílias, há falta de espaço para expressão de valores diferentes aos dos pais, como nos demonstra a fala de S 20: *“...Os assuntos que me interessavam, não interessavam a mais ninguém em casa...”*

Também isto nos demonstra e reforça-nos a adequação e necessidade de um espaço como o do G.P.O.

Os Mensageiros consideraram então que, a partir do bom uso desse espaço oferecido pelo G.P.O., espaço esse que nem sempre percebiam disponível em suas casas, podiam refletir, amadurecer, desenvolver-se. As falas abaixo exemplificam bem o que estamos dizendo: *“... era um espaço gostoso para a gente se conhecer...”*(S 5), *“... Era uma orientação e com o grupo eu aprendia muito . São coisas que não se conversava em casa...”* (S 9).

Percebemos que, no trecho: *“... para a gente se conhecer...”*, (S 5) o jovem destaca um sentido mais profundo de encontro pessoa-pessoa e um conhecimento da realidade psíquica de si mesmo ou do outro.

A frase *“... são coisas que não se conversava em casa...”* (S 9) revela que frequentemente os jovens projetam um Superego exigente e controlador na casa dos pais. Já o G.P.O. era visto por eles como um espaço propício, que proporcionava-lhes liberdade, dentre outras conquistas que necessitavam alcançar.

Na verdade, sabemos que a família é o ambiente ideal para o desenvolvimento e orientação da criança, mas, frequentemente, a estrutura familiar não consegue conter e responder às necessidades de acolhimento e orientação do jovem, surgindo então a urgência desse espaço ser aberto na comunidade, ou seja, no ambiente onde o jovem está inserido. Isto se comprova nas falas dos sujeitos abaixo, quando estão se referindo ao G.P.O.: *“... Na vida pessoal era uma oportunidade de pensar...”*(S 8). *“... Era uma orientação e com o grupo eu aprendia muito...”* (S 9). *“... No grupo eu vi que conversando a gente podia se entender melhor...”*(S 20).

As falas dos nossos sujeitos denotam que eles assimilaram a estratégia da discussão em grupos, passando a utilizá-la em prol de seus interesses, conquistando cada vez mais a conscientização de seus papéis no trabalho e como cidadãos. Percebemos, então, que, tendo havido essa abertura, eles continuaram se encontrando, isto é, passaram a utilizar a natural tendência grupal do adolescente de uma maneira cada vez mais construtiva. Observamos isto na fala de S 1: *"...Depois que terminou o grupo continuamos nos encontrando no horário de almoço e discutíamos assuntos de serviço..."*.

Nossos sujeitos demonstraram ter, realmente, descoberto a vantagem que se pode obter com a reflexão e discussão de um assunto dentro do G.P.O., o qual despertou neles uma crítica sobre a importância da sua inserção e ação na comunidade, sobre as condições de trabalho e a possibilidade de lutar por seus direitos trabalhistas a partir da força grupal, como veremos adiante, nesta mesma categoria.

Observamos que os Mensageiros desenvolveram o conceito de cidadania, isto é, percebendo a necessidade de se envolverem e trabalharem em defesa dos interesses e necessidades próprios e de sua comunidade.

A Psicologia nos diz que o pensamento humano é, normalmente, uma corrente ininterrupta e que o homem, em todos os grupos e situações sociais, está sempre avaliando cada experiência e formando juízos positivos ou negativos, estabelecendo, enfim, seus valores.

Ressaltamos, porém, que alguns sujeitos fizeram seus comentários de forma ambivalente, isto é, ao mesmo tempo em que teciam considerações positivas faziam também colocações com um sentido negativo. No entanto, isto é esperado e compreensível pois o adolescente, na revivescência das fases pré-edípicas e do conflito edípico, como já foi explicitado na Fundamentação Teórica, sente realmente muita ambivalência dentro de si mesmo e projeta-a na realidade circundante. (Aberastury, 1980)

De um modo geral, todavia, percebemos nos depoimentos de todos os sujeitos, de todos os diferentes temas tratados na pesquisa, que eles sempre teciam, em algum momento do depoimento, uma consideração positiva sobre o G.P.O. Podemos citar

exemplos disto nas falas: "... *Nós tínhamos uma orientação. É muito bom. Deveria continuar...*" (S 4). "... *Gostei muito... Achei importante...*" (S 7). "... *Só valeu! Não tenho críticas...*" (S 16). "... *Achei importante. Depois daquela época não teve mais oportunidade desse tipo...*" (S 19).

Estes sujeitos demonstraram sua percepção positiva do trabalho realizado afirmando explicitamente alguns lucros que conseguiram obter no G.P.O., através dos quais definimos esta categoria. Esses lucros se referem a: crescimento pessoal, maior capacidade de reflexão, percepção de uma situação de abertura propícia ao seu desenvolvimento e expressão, conscientização de seus papéis no trabalho e na comunidade e surgimento ou fortalecimento de amizades.

A seguir, faremos um comentário a respeito de cada um destes lucros acima, relacionando-os às falas dos sujeitos.

O lucro que denominamos **Crescimento pessoal** refere-se à percepção do sujeito de ter tido, durante o transcorrer do G.P.O., a oportunidade de crescimento, desenvolvimento e reflexão.

Avaliando a fala de S 20: "... *No grupo eu vi que conversando a gente podia se entender melhor... ver se o problema não era comigo... achar que o problema é nos outros é mais fácil...*", podemos perceber como realmente parece estar ocorrendo um grande desenvolvimento emocional uma vez que ele demonstra estar deixando de usar o mecanismo da projeção, isto é, está tendo clareza de que seria mais fácil, mas não necessariamente verdadeiro, pensar que o problema está no outro. Isto poderia ser mais cômodo para o indivíduo, pois evitaria o surgimento de angústia, porém, já não é apenas a comodidade que o adolescente está buscando e sim o seu desenvolvimento.

É interessante observar que, em qualquer situação relacional, seja ela de orientação, terapia ou aprendizagem, é muito importante e influente a interação entre os componentes do grupo. Consideramos que, dentro do nosso G.P.O., os jovens demonstraram ter percebido um espaço capaz de propiciar-lhes boas relações afetivas, as

quais lhes possibilitam a aquisição de novos conhecimentos, novas vivências, alcançando, assim, uma maior liberação. Consequentemente, sentindo-se livres, amadurecidos, podem expressar suas idéias, terem mais segurança para agir e emitir opiniões. Podemos constatar isso na fala de S 1: *“... Com as informações recebidas eu me liberei mais...”*.

Notamos que S 1 faz uma relação direta entre o G.P.O.: *“... com as informações recebidas...”* e a situação de liberação *“... eu me liberei mais...”*, o que demonstra nitidamente a situação de lucro e crescimento.

Notamos que S 9 também está bem próximo do que estamos dizendo e sua fala é exemplo desta situação de liberação, de crescimento pessoal: *“... Para mim achei bom. Convivendo com o grupo fiquei menos tímida, mais extrovertida, conversei mais com as pessoas...”*.

Uma situação de abertura, outro lucro apontado, que propicia o desenvolvimento e expressão do sujeito, pôde ser detectada, quando apontaram o G.P.O. como um espaço apropriado para colocarem suas idéias e relacionarem-se, como nos aponta S 10: *“... Foi uma porta de entrada. A gente ficava acanhado naquele tempo, mas na sala com portas fechadas, eu, a gente, podia falar...”*.

Percebemos aqui, além da situação de abertura, a valorização do G.P.O. como um espaço de acolhimento, segurança e confiança.

Apontando ainda para esta situação de abertura que traz lucros e desencadeia ações, temos a fala: *“... Ninguém pensava nada antes. Depois começaram a surgir idéias... os informativos, as idéias, campanha de doação de órgãos, de sangue...”* (S 17).

Observamos nesta fala de S 17 que realmente os jovens aproveitaram a situação do G.P.O. para abrirem-se ao novo, como por exemplo, escrever um jornal deles mesmos e sentirem-se aptos a ações tão importantes para a comunidade como as campanhas que passaram a fazer ou incentivar.

Um outro lucro que contribui para a definição de “Percepções Positivas do G.P.O.” é o denominado **Maior Capacidade de Reflexão**, que refere-se ao fato de os sujeitos, de alguma forma, apontarem que o G.P.O. levou-os a desenvolverem a capacidade de pensar, analisar e até mesmo de direcionarem ou redirecionarem suas vidas de uma forma cada vez mais elaborada, amadurecida, construtiva. Podemos ilustrar com a fala de S 8: *“... Na vida pessoal era uma oportunidade de pensar. Ver que tinha um futuro e precisava pensar...”*.

Podemos inferir desta fala a possibilidade de reflexão sobre si mesmo e sobre a importância de se ter perspectiva de futuro, além de se traçar objetivos na vida.

Prestemos atenção também às falas : *“... Serviu para a gente pensar em não usar mais...”* (S 12). *“... Fez com que nunca me envolvesse com droga nenhuma: cigarro, álcool, nada...”* (S 4).

Através destas falas percebemos que eles foram mobilizados a questionar o potencial construtivo ou destrutivo das situações oferecidas pela vida, como por exemplo os tóxicos. Verificamos que isto é a verdadeira prevenção, através da qual se estabelecem escolhas e valores, não havendo então necessidade de proibições ou punições.

A **Conscientização de seus Papéis no Trabalho e na Comunidade** é um lucro advindo do G.P.O., que transparece nitidamente. Percebe-se que, com este tipo de trabalho em grupo, eles desenvolvem consciência de seus papéis como cidadãos, isto é, como indivíduos que têm direitos e deveres civis e políticos para com sua comunidade, seu grupo de iguais, como vemos na fala: *“... Pela oportunidade de fazermos contato com os mensageiros de lá de baixo pudemos conversar e pensar no movimento Mensocamp e batalhar pela estabilidade de nosso emprego...”* (S 4).

Na verdade, essa maior conscientização de seus papéis dentro da sua comunidade, envolvimento com o grupo e com os colegas, bem como disponibilidade para se unirem e lutarem por seus direitos, são observações que se confirmam na fala : *“... Depois que terminou o grupo, continuamos nos encontrando no horário de almoço e*

discutíamos assuntos do serviço...” (S 1) ou como relata S 7: *“... O grupo do jornal, de discussão dos direitos dos mensageiros, nasceu a partir do grupo (G.P.O.) ...”* ou, ainda, como afirma S 15:

“... Quando completamos 18 anos, liderados pela E., fizemos uma Comissão, porque a Unicamp não queria contratar a gente. Isso foi possível graças às reuniões de orientação, porque antes a gente só se conhecia do banco, de falar “oi”. Depois pudemos lutar juntos...”.

Vemos assim que eles puderam introjetar as vivências do grupo e continuar tendo uma ação social mesmo após o término do G.P.O.

Amizades Surgidas ou Fortalecidas refere-se a um lucro realmente importante para o jovem. Se, até mesmo para o adulto, o estabelecimento de relacionamentos afetivos é algo muito significativo, pois o ser humano é um ser social que, quando bebê, não consegue sequer sobreviver sozinho, que dizer então da importância desse valor para o adolescente, que é um ser em reestruturação, dependente das oportunidades que o meio externo possa oferecer-lhe?

Acreditamos que o G.P.O., por ter propostas adequadas para essa faixa etária, conforme vimos mais detalhadamente na categoria “Importância dos Grupos e dos Relacionamentos Interpessoais”, pôde oferecer a estes jovens a possibilidade de se conhecerem e de solidificarem suas amizades num grupo de iguais. Temos constatação disso nas falas: *“... Ficamos nos conhecendo melhor. A amizade ficou mais forte...”* (S 11). *“... ponto mais positivo foram as amizades firmadas...”* (S 13).

Esse espaço no G.P.O. favorece ao adolescente o sentimento de estar sendo acolhido, entendido e integrado, valorizando assim a situação vivenciada. Podemos encontrar esses sentimentos nas falas de alguns sujeitos: *“... Era um espaço gostoso para a gente se conhecer...”* (S 5); *“... oportunidade de conviver com pessoas... da mesma idade...”* (S 8); *“... a gente aprendeu a gostar mais um do outro...”* (S 11); *“Quando falava que tinha reunião de grupo, todos queriam ir, se conhecer”* (S 1).

Conclusivamente percebemos que, de alguma forma, todos os sujeitos dos quatro diferentes temas declararam ter obtido algum lucro e ter o G.P.O. uma valoração positiva. Isto nos faz avaliar que, realmente, a situação grupal do G.P.O., planejada em função das necessidades próprias da Adolescência, oferece condições importantes para o desenvolvimento do jovem e prevenção de problemas específicos deste momento evolutivo da vida.

CATEGORIA E - PERCEPÇÕES NEGATIVAS DO G.P.O.

Quando se é muito jovem, o indivíduo tende a ter bastante entusiasmo, interesse e abertura para as situações novas. Este pode ser um fator atuante, uma vez que a "Percepção Negativa do G.P.O." está pouco presente nos discursos dos sujeitos, correspondendo a uma pequena porcentagem da amostra (20 %) e com poucas "falas" em cada depoimento. Como o próprio nome diz, ela inclui considerações referentes à desvalorização do G.P.O. ou algum tipo de queixa a respeito do mesmo.

Os comentários dos sujeitos demonstram que as avaliações estenderam-se desde aquelas de caráter técnico até considerações que avaliam o conteúdo dos G.P.O. (s).

Com avaliações de caráter técnico, estamos referindo-nos aos comentários que dizem respeito às condições para o desenvolvimento do grupo, tais como: o tempo disponível, a motivação dos sujeitos, condições da instituição Unicamp.

Temos exemplo de uma avaliação mais técnica na fala de S 5: "*... O tempo foi curto e não deu para tirar todas as dúvidas...*".

Com avaliações de conteúdo queremos apontar as considerações que o jovem fez sobre aquilo que foi discutido e vivenciado no G.P.O. Observamos isto na fala de S 3: "*... O debate em si não era tão interessante...*".

Encontramos também falas que, embora não se encaixem nem como uma avaliação de caráter técnico, nem de conteúdo, trataam-se de “Percepções Negativas do G.P.O.”, apesar de uma conotação de ambivalência.

Isto se expressa na fala abaixo citada de S 13, na qual ele desmerece o trabalho preventivo, mas mesmo assim aponta lucros obtidos. Ele diz: “... *Sobre Fósicos aprendi algo, mas a gente aprende mais na “boa”, até experimentando...*”.

Porém, este mesmo sujeito, como já analisamos anteriormente, faz-nos pensar que o problema foi com ele mesmo, com o seu “timing”, isto é, com o momento propício para o trabalho de prevenção, que para ele já havia passado. Naquele momento do G.P.O. , ele não enfocou o trabalho com seriedade, pois já estava mais comprometido emocionalmente e não teve disponibilidade interna para envolver-se mais efetivamente com o G.P.O. Ele mesmo diz: “... *Naquela época não levei muito a sério. Se a Unicamp oferecesse de novo seria bom, aproveitaria mais...*”(S 13).

Avaliamos que ele consegue perceber que o seu momento para a prevenção primária não era aquele, mas, obviamente, a própria pessoa não pode analisar sozinha, qual seria a hora adequada, e imagina que estaria no futuro.

Se nos lembrarmos de que todos os sujeitos (100 %) apontaram, em algum momento das suas falas , impressões positivas sobre o G.P.O., conforme vimos na análise da Categoria “Percepções Positivas do G.P.O.”, podemos confirmar que há, realmente, alguns discursos ambivalentes, como por exemplo a fala de S 3 que primeiro desvaloriza e, em seguida, supervaloriza a vivência: “... *Naquela época não via o negócio como um progresso... A gente só sabe que é bom mesmo quando já passou...*”.

Também no discurso de S 2 notamos que surgem aspectos contraditórios. Apesar dele fazer apontamentos arrolando vários aspectos interessantes e com uma conotação positiva do G.P.O., “... *Foi válido pra caramba...*” podemos nos perguntar se não seria uma percepção negativa, embora menos clara e explícita, ele afirmar : “... *Depois eu entrei em uso...*”.

No entanto, esse sujeito foi colocado no G.P.O. sobre Tóxicos em função da pesquisa de levantamento de dados realizada para a montagem dos G.P.O. (s) que apontou, como seu interesse e necessidade maiores, este tema, além das informações que tínhamos de que se tratava de uma pessoa que já tinha algum envolvimento com drogas, para quem seria indicado, na verdade, Ações de Prevenção Secundária.

Aliás, para alguns dos jovens, de aproximadamente 17 anos, já havia passado realmente o momento mais adequado para a prevenção primária, que deve ocorrer no início da Adolescência.

Além disso, percebemos alguma onipotência nas falas dos jovens, o que é também uma característica própria e compreensível para a idade, como está explicitado na fala de S 14: "... *Não havia necessidade de professor...*".

Verificamos que esta categoria contém sujeitos dos G.P.O.(s) sobre Tóxicos, Relacionamentos Familiares sendo proporcionalmente menos presentes os sujeitos dos G.P.O.(s) sobre Sexualidade, interesse este mais próprio e comum ao adolescente. Observamos também que os jovens do G.P.O. sobre Tóxicos, são, proporcionalmente, os que mais declaram "Percepções Negativas do G.P.O." Estes dados talvez se justifiquem se pensarmos que isto pode estar relacionado ao fato do jovem, por estar emocionalmente mais comprometido e regredido, tirar menor proveito da situação.

Concluimos, então, que esta Percepção Negativa do G.P.O. foi uma categoria pouco presente nas falas dos sujeitos, porém, consideramos importante e interessante conhecê-la e analisá-la a fim de obter instrumentos que orientem na melhor maneira de se fazer novos trabalhos preventivos.

CATEGORIA F - LEMBRANÇAS NÃO-CLARAS

Em todas as vivências há situações que temos mais facilidade em recordar e outras que por motivos diversos esquecemos ou achamos que esquecemos.

Às vezes, em função dos anos decorridos entre um momento e outro, é necessário oferecer um espaço de tempo para que a pessoa possa recordar e trazer à consciência aquilo que está guardado no seu pré-consciente.

Este seria o caminho mais “normal” para trazer à tona lembranças de acontecimentos passados, porém, além deste, há outros caminhos mais complexos, quando simplesmente lembrar traria alguma angústia para o sujeito e, defensivamente, ele se “esquece” ou “nega” ou “desloca” conteúdos psíquicos.

Agindo assim, a pessoa estaria lançando mão de mecanismos de defesa do ego, que são uma maneira de lidar com o material inconsciente, evitando o surgimento de angústia.

Para a pessoa lembrar-se de algum acontecimento, há influência não só do momento emocional que ela vivia na época, como também do estado emocional atual. Estas considerações podem ser constatadas nos sujeitos da nossa pesquisa.

Conforme já explicitamos nas definições das Categorias, “Lembranças Não-Claras” refere-se às afirmações de alguns sujeitos sobre não se lembrarem bem da vivência do G.P.O.

Observamos que há, no discurso de cada sujeito, poucas falas referindo-se a “Lembranças Não-Claras”, enquanto que outras categorias contêm inúmeras falas do mesmo sujeito.

Queremos deixar claro que as porcentagens referem-se ao número de sujeitos, mas não captam e não refletem a quantidade e a expressividade das falas em cada categoria. Apenas através desta análise qualitativa é que estamos propondo-nos retratar o seu significado.

Observamos que os sujeitos desta atual categoria “Lembranças Não-Claras” pertenciam em maior proporção ao G.P.O. sobre Relacionamentos Familiares, havendo também alguns pertencentes aos G.P.O.(s) sobre Sexualidade e sobre Estudos e Profissões e nenhum pertencente ao grupo sobre Tóxicos.

Faremos a seguir alguns comentários sobre as falas desta categoria. Notamos que, no G.P.O. sobre Relacionamentos Familiares, alguns sujeitos dão-nos testemunhos destas “Lembranças não-claras”: “... *Faz tanto tempo! Já bem difícil de lembrar...*” (S20).

No entanto, podemos observar, já na fala deste sujeito, que este “esquecimento” é algo questionável, pois, ao mesmo tempo que ele diz que está difícil de lembrar, mais adiante, ele se lembra e até detalha o funcionamento do G.P.O.: “... *no meu grupo o pessoal expunha também os problemas de casa...*”.

No discurso de S 14, destacamos a preocupação dele em falar sobre a Comissão de Mensageiros da Unicamp e com relação ao G.P.O. diz: “... *Lembro um pouco...*”.

Porém, ele completa o seu pensamento, referindo-se já a outras atividades desenvolvidas: “... *porque a gente tinha muitas reuniões, encontros...*”.

Este mesmo jovem pode ter dificuldade de lembrar-se com maior clareza do G.P.O. por motivos defensivos, pois, como avaliamos mais à frente, na análise das “Representações Divergentes”, ele parece ter uma necessidade um tanto narcísica de valorizar e idealizar o Movimento de Mensageiros por ele criado e negar a influência que o espaço do G.P.O. possa ter tido para o surgimento deste movimento.

Sendo que ele foi um dos líderes fundadores da Comissão de Mensageiros, é natural que se ocupe mais com o que criou. Mesmo assim, ele demonstra que valoriza o G.P.O., o qual chama de Curso, quando diz: “... *Os cursos deram força ao pessoal...*”.

Apesar de S 19 afirmar não lembrar-se bem do G.P.O. : “... *Eu me lembro pouco...*”, ele demonstra ter uma percepção bastante positiva quando diz que conseguiu tirar proveito: “... *Na época de adolescente temos mais conflitos... É sempre bom se reunir em grupo, discutir, debater, ajuda no amadurecimento de nossas idéias...*”.

Quando observamos as falas dos jovens do G.P.O. sobre Sexualidade, percebemos que, algumas vezes, eles parecem estar se referindo a não se lembrarem do conteúdo, de detalhamentos daquilo que viveram, porém, ao mesmo tempo, fazem

colocações que mostram terem retido o sentido do G.P.O., como nos atesta S 3: “...*Lembro pouco ... Naquela época não via o negócio como um progresso, mas ia mais pelo grupo em si, para ver as pessoas...*”.

Apesar de não saber, S 3 captou justamente o que visávamos: o sentimento grupal, pois entendemos que, com este tipo de trabalho em grupo, se tornam viáveis os objetivos preventivos.

Observamos que o mesmo ocorre com S 11 quando ele diz: “... *Não me lembro muito bem do Curso sobre Sexualidade...*”. Em seguida, porém, contestando sua própria afirmação de não lembrar-se, ele continua sua fala especificando lembranças sobre itens conversados em todos os G.P.O. (s) dos diversos temas, quando completa sua frase: “... *mas sim sobre Drogas, AIDS...*”.

No discurso de S 6, podemos observar que, embora não se lembre de tudo, ele encarava o G.P.O. com seriedade e sentia que ele tinha um significado na sua vida quando diz: “... *O grupo foi bom... Tivemos até lazer, acompanhamento psicológico... Não me lembro nem os nomes das pessoas. Me lembro da ocasião que voltei lá... não tinha entendido a pergunta e voltei preocupado...*”

Já os comentários de S 9: “... *Era uma orientação com o grupo e eu aprendia muito. São coisas que não se conversava em casa...*” enfatizam que ele aprendia muito e, embora afirme lembrar-se pouco, esse sujeito valoriza o G.P.O. quando diz: “... *Acho que o tema era importante para os meus 15 anos de idade...*”

S 18 mostra-se confuso quando afirma: “...*na época até tive interesse, mas hoje eu não me lembro...*” Em seguida, ele se contradiz com as falas: “...*acredito que até tenha me ajudado profissionalmente...*”, “ *Acho que peguei daquilo crescimento pessoal...*”. O fato dele apontar estas vantagens obtidas, através do G.P.O., denota que S 18 sentia-o como um espaço importante para orientação e preenchimento das necessidades dos jovens.

A respeito dessa categoria concluímos então que, embora alguns sujeitos relatem algum esquecimento da vivência do G.P.O., eles apontam detalhes que revelam ter também um bom grau de lembranças, o que pode ser indicativo, mais uma vez, de que houve realmente uma introjeção e aproveitamento da experiência.

CATEGORIA G - REPRESENTAÇÕES DIVERGENTES

Esta última categorização dos discursos dos nossos sujeitos refere-se a depoimentos minoritários onde eles apontam situações outras, que não a questionada. Pensamos que isto ocorra em função de necessidades muito pessoais. Esta categoria contém, então, relatos diversificados, presentes, frequentemente, na fala de um só sujeito, e que dizem respeito a diferentes situações, tais como, dificuldade pessoal que impedia de reconhecer o aproveitamento do G.P.O., ou algum uso distorcido do mesmo, enfim ela engloba falas que não se referem a uma avaliação sobre o significado desta experiência na vida do jovem.

Podemos verificar a existência dessas dificuldades pessoais através do depoimento de S 14 que, ao invés de abordar o significado do G.P.O. para ele, passa a discorrer longamente sobre uma situação vivida naquele mesmo momento, para a qual um dos fatores desencadeantes foi o G.P.O. . Ele diz: *"... A Comissão chamou primeiro C.M.U., Comissão de Mensageiros da Unicamp e depois COMSUCAMP ... A Comissão marcava duas a três reuniões por mês. Era fantástico! A diretoria tinha de vinte e cinco a trinta pessoas no início!..."*

Num entendimento psicodinâmico do discurso deste sujeito, repleto de frases referentes a esta categoria, podemos pensar que ele parece idealizar a comissão de mensageiros formada naquela época, da qual ele foi um líder entre os criadores, negando, no entanto, a ligação entre o G.P.O. e o surgimento dessa Comissão. A análise mostra-nos que, quando o jovem projeta características específicas na vivência do G.P.O., como por exemplo, vivências narcísicas, idealizações, ele não consegue reconhecer a ajuda que recebeu para o seu bom desempenho, projetando esse apoio recebido nos outros, como demonstra sua própria fala: *"... os cursos deram força ao pessoal..."*.

Contrariamente a esse sujeito, temos a fala de S 7 que expressa o reconhecimento da importância do G.P.O.: "... o grupo do jornal, de discussão dos direitos dos mensageiros, nasceu a partir do grupo de orientação ...". Podemos inferir que o reconhecimento feito por ele foi possível por haver certa maturidade, por estar este jovem menos egocêntrico.

Voltando, no entanto, ao discurso de S 14, observamos que ele realmente mantém a mesma postura e diz: "... não havia necessidade de professor...".

Isto tudo sugere que este jovem não colocou a Idealização, que é frequentemente usada pelos adolescentes, nos pais ou em líderes da comunidade, mas apenas em si mesmo, narcisicamente, negando o valor das situações que contribuíram para o desenvolvimento de sua liderança.

Observamos, nas falas contidas nesta categoria, que quem nos faz perceber um uso distorcido do G.P.O. é apenas S 2 quando diz: "... Era oportunidade para não trabalhar...".

É importante destacarmos que há uma baixa porcentagem de sujeitos nesta categoria (30 %) e estes apresentam poucas falas denotando este tipo de percepção, semelhante ao que ocorre na categoria "Lembranças Não-Claras" e ao contrário de outras categorias, onde há inúmeras colocações em cada depoimento.

Do G.P.O sobre Sexualidade, que é o mais comum, e, portanto, normal, entre os interesses do adolescente, encontramos um só sujeito que respondeu com uma Representação Divergente enquanto observamos a presença de vários jovens dos demais temas, mesmo que com uma fala apenas.

É interessante observarmos que, dentre as poucas falas desta categoria, dois jovens fazem afirmações sobre o uso frequente de Tóxicos entre os Mensageiros. S 12 diz : "... A princípio teve muita mentira. A maioria usava droga, não pesada, mas usava maconha, lança-perfume, não heroína ou cocaína..." e S 18, por sua vez, afirma :

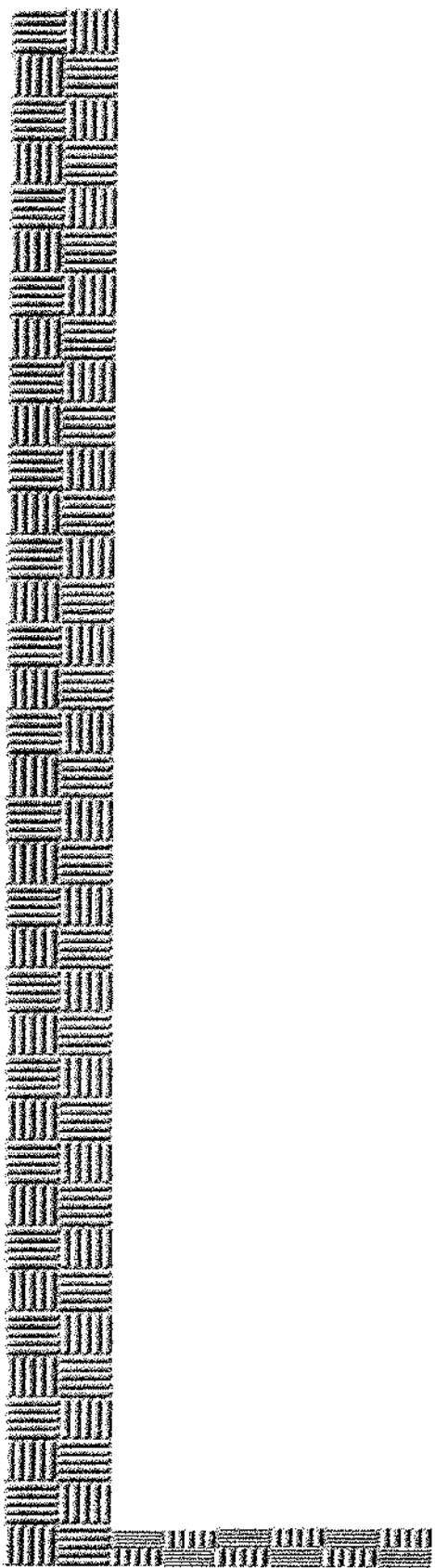
"... Na época, muitos fumavam, bebiam, usavam drogas...". Isto contraria as constatações da nossa pesquisa onde ficou nítido o não envolvimento dos jovens com as drogas.

Observamos também no depoimento de S 17 que este usou a entrevista para falar de situações especialmente importantes para ele, parecendo, portanto, que ele sentia o G.P.O. da mesma forma que os sujeitos citados anteriormente, a saber, como um espaço de liberdade. Referindo-se à Comissão de Mensageiros e ao G.P.O. esse sujeito expressa: *"... Mágicas: pessoas que não entram para valer... O que dá pena hoje é de gente que tinha desconfiança de que a gente estava a fim de lutar por aquilo..."*.

Da mesma forma, S 18 faz colocações desta categoria "Representações Divergentes", para comentar suas percepções pessoais e recordações daquele momento da vida, denotando a mesma sensação de liberdade. Ele conta: *"... Fiz uns três ou quatro exames psicotécnicos ..., O neurologista me disse que só ficam comigo as coisas que me interessam, o que não, eu deixo pra lá..."*.

Já S 20 coloca uma única "Representação Divergente", relatando dados de como era sua rotina, de como era ocupado. Ele diz: *"... Eu trabalhava, estudava e dava aula de violão... tocava de fim de semana..."*.

Consideramos que os resultados obtidos nesta categoria são indicativos de que os jovens, geralmente, conseguiram manter-se atentos ao G.P.O., que este parece ter sido adequado às suas necessidades tanto no que diz respeito ao seu conteúdo como a sua forma de desenrolar-se, e que eles sentiram o G.P.O. como um espaço adequado em que eram respeitados e podiam, portanto, colocar-se com abertura e sinceridade. Concluímos, então, que esta técnica do G.P.O. atinge o adolescente de uma maneira eficaz, o que pode propiciar o alcance dos objetivos propostos de prevenção em Saúde Mental.



6. REFLEXÕES FINAIS

"Eu digo o que sei, aquilo em que acredito, como vejo as coisas. Mas sei muito bem que a verdade é inflexível e todas as abordagens dela, rudimentares e grosseiras". (Jung, 1982)

É assim que, como Jung, sentimos-nos ao final deste trabalho. E também como Botega (1989), percebemos que a conclusão é um momento de fechamento da investigação, mas traz em si ricas possibilidades de abertura para novas idéias, pesquisas e descobertas.

Este percurso foi muito enriquecedor e teríamos muito mais a pesquisar, perguntar, discutir, elaborar, mas é preciso pôr um ponto final. É preciso percorrer novos caminhos e, apesar do ponto final, é importante ir deixando possibilidades de novos questionamentos ou para o repensar destes por outras pessoas, sob novos prismas.

Desde a aplicação do programa preventivo, temos percebido um indício subjetivo da validade do mesmo nos olhares e nas atitudes dos antigos Mensageiros que encontrávamos pelo Campus, os quais mostravam-se atenciosos, gentis e prestativos, denotando terem estabelecido laços afetivos conosco, o que nos revela sentimentos de gratidão e carinho, resultados de um trabalho efetivo e indicativos de capacidade e possibilidade de viver relacionamentos construtivos.

Este sentimento de gratidão é algo que Margareth Little (1992) expressa sentir por seu analista Winnicott, no seu livro "Ansiedades Psíquicas e Prevenção", no qual diz que *"o sentimento dominante é de profunda e permanente gratidão..."*. É interessante também retomarmos aqui a idéia de M. Klein (1974) quando esta nos revelou que a gratidão é um dos principais derivados da capacidade de amar, que este sentimento tem suas raízes na mais precoce infância e é essencial para as relações objetais durante a vida toda.

No entanto, esse indício subjetivo da validade do programa preventivo não era suficiente, não bastava “conhecermos” a realidade de uma maneira intuitiva. Precisávamos avaliar⁴ por meios científicos se os Grupos Preventivos de Orientação, [G.P.O.(s)] haviam cumprido seu objetivo de contribuir com a formação de um indivíduo psicologicamente melhor estruturado e com capacidade de enfrentar as diferentes situações da vida.

Mesmo a simples observação do perfil dos nossos sujeitos pode revelar-nos que tal programa surtiu efeito visto que eles são hoje jovens inseridos de uma maneira construtiva dentro da nossa sociedade. Seus dados de identificação, colhidos após um “rapport” e uma pequena entrevista aberta, mostram-nos jovens que não estabeleceram relacionamentos sexuais de forma irresponsável e não tiveram filhos. São solteiros em sua maioria, não tendo, portanto, feito casamentos precoces. Mantêm vinculação de trabalho com a Unicamp e mais da metade ainda é estudante, sendo que 25% deles chegaram à universidade. Além do mais, na sua grande maioria são jovens que não se deixaram influenciar pela crescente tendência, na última década, de uso de drogas. Estes dados nos mostram, portanto, que são pessoas construtivas que estão investindo em seu próprio crescimento.

Queremos que fique nítido que o nosso trabalho é empírico. Iniciou-se a partir de uma experiência prática, que foram os nossos G.P.O.(s), desenvolvendo-se no sentido da confirmação dos dados da literatura sobre adolescência e prevenção primária na saúde mental comunitária.

Para que possamos, logo mais, partir para as conclusões da nossa análise dos resultados, queremos lembrar que trabalhamos nos nossos G.P.O.(s) a partir do levantamento inicial dos interesses dos adolescentes, realizado em 1987 onde constatamos que a Sexualidade foi o assunto que despertou maior interesse entre os Adolescentes. Trata-se de um tema bastante presente e natural nesta fase do desenvolvimento, e na formação dos

⁴ A avaliação não pôde ser realizada logo após o término da aplicação dos G.P.O. (s) do nosso programa por motivos de mudanças estruturais dentro da Unicamp. Porém, o fato dessa avaliação só ter sido feita agora, em 1993/1994, parece ter sido algo mais significativo pois os adolescentes transformaram-se em jovens-adultos, com uma maior capacidade de análise e de crítica a respeito da experiência que vivenciaram.

G.P.O.(s) foi o que incluiu o maior número de jovens. Os temas Relacionamentos Familiares e Estudos e Profissões estavam presentes com porcentagens iguais entre si e bem menores que os percentuais do assunto Sexualidade. Já Tóxicos apresentou-se como o menos requisitado, isto é, com a menor porcentagem dentre os temas pesquisados. Em função dessas necessidades e porcentagens foi que formamos os nossos G.P.O.(s)

A eficácia do programa por nós desenvolvido foi confirmado cientificamente na análise dos depoimentos, na qual verificamos que a totalidade dos sujeitos pesquisados respondeu avaliando positivamente o programa, percebendo-o como uma oportunidade de reflexão, orientação e de convivência dentro de um grupo, com outros jovens e o profissional. Seus relatos denotam que eles sentiram, no G.P.O., continência afetiva, além de terem desenvolvido consciência de seus papéis no trabalho e na comunidade, terem amadurecido, assumindo novos posicionamentos, tornando-se, assim, mais ativos na sociedade. Apresentaram ainda sentimentos de crescimento e percepção de mudanças pessoais. Sentindo-se acolhidos, desenvolveram tanto uma nova capacidade de reconhecimento e de gratidão, como também uma percepção do grupo (e do mundo) como um espaço disponível para sua expressão e crescimento.

A sua percepção de grupo, como um espaço disponível para lidarem com seus conflitos e o fato dos jovens fazerem uso frequente e maciço de mecanismos primitivos de defesa do ego, dentre eles a Cisão, conforme já explicitamos anteriormente, facilitou a aproximação entre os mesmos e o profissional de saúde mental. Assim, os adolescentes-trabalhadores projetavam nos pais, os quais eram vistos por eles como aqueles que faziam-lhes restrições e ditavam-lhes regras, a imagem do pai mau, e sobre o profissional que organizava os G.P.O (s) e que oferecia a oportunidade de estarem com seus colegas e de conversarem sobre suas dúvidas e conflitos, projetavam a imagem do pai bom.

Conforme seus relatos, os nossos G.P.O.(s) eram um espaço onde eles sentiam que podiam expressar-se espontaneamente e onde encontravam continência para esses sentimentos cindidos de amor e ódio, os quais também eram projetados respectivamente no profissional e na própria família. Isto nos remete à idéia de que essa continência favoreceu-lhes a elaboração de tais sentimentos, podendo então, voltarem-se para as figuras parentais e para os novos relacionamentos mais integrados e restaurados.

Constatamos que a maneira de ser própria do adolescente trabalhador, a sua abertura, o seu relacionamento com o grupo e com o orientador como objeto bom, contribuíram para que pudéssemos fornecer-lhe informações que foram então bem recebidas. Observamos, dessa forma, que também as informações transmitidas através dos G.P.O.(s) abriram um espaço para reflexões, encaminhando o jovem no sentido de integração do objeto bom e mau que estava cindido.

Sabemos que os adolescentes trabalhadores poderiam ter apresentado esse crescimento, amadurecimento e desenvolvimento da capacidade de insight, como decorrência do processo de reestruturação, próprio da adolescência. Porém, os seus relatos apontam, indiscutivelmente, para o G.P.O., como um instrumento que proporcionou-lhes real influência e possibilitou a eficácia do plano preventivo.

O G.P.O., enquanto uma técnica que permite interagir com um grande número de pessoas e em função da natural tendência grupal do adolescente, foi o instrumento que privilegiamos para a realização do nosso trabalho de Prevenção Primária em Saúde Mental. Este instrumento oferecia-lhes um espaço para refletirem sobre seus desejos, angústias e assuntos importantes, tais como, sexualidade, afetividade, família, namoro, profissão, escola, estudo, vocação, drogas, entre outros.

Conforme demonstraram nas suas respostas que constituíram a Categoria "Percepções Positivas do G.P.O." os nossos sujeitos sentiram-se realmente atendidos em seus interesses e necessidades, uma vez que responderam maciçamente terem obtido algum lucro com a vivência do G.P.O. Aliás, analisamos que um dos fatores que contribuiu para a obtenção desses resultados deve-se ao fato de termos trabalhado, respeitando os interesses específicos detectados nos nossos adolescentes, o que nos faz concluir que cada novo grupo deve estar centrado nos interesses dos seus integrantes.

Obsevamos nos nossos G.P.O.(s) que os assuntos não devem ser estanques, mas devem permitir ligação com outros tópicos, pois são todos interessantes e importantes para os jovens e podem ser melhor aprendidos se são trazidos da mesma maneira que surgem nas situações da vida, isto é, de uma forma complexa e interligada.

Pensamos que, se o levantamento de interesses para a formação de um G.P.O. fosse feito hoje, provavelmente apresentaria variação nas porcentagens de interesses dos jovens nos diversos temas e apontaria um índice aumentado com referência ao tema Tóxicos⁵, pois vivemos condições sociais e econômicas, muito diferentes das encontradas em 1987.

Além da escolha temática adequada, a obtenção de informações sobre um assunto é outro fator presente para a eficácia do G.P.O., porém, nossos sujeitos apontaram que, o fator mais significativo é a convivência grupal com outros jovens de sua faixa etária.

Realmente, o adolescente parece intuir a importância da vivência grupal para a reedição dos sentimentos e experiências do desenvolvimento libidinal, principalmente na revivescência da situação edípica, o que propicia o seu crescimento emocional e estabelecimento da nova identidade.

A valorização do grupo, constatada nos depoimentos dos jovens, comprovou-nos que o G.P.O. favoreceu o fortalecimento das suas identidades, confirmando a afirmação de Deutsch (1983) de que o adolescente sente que *"...em grupo somos fortes..."*.

A explicitação dos sujeitos, ao afirmarem que existem poucas oportunidades da natureza do G.P.O., é mais um argumento favorável à realização dos mesmos. Pensamos que a falta de oportunidades como essas, para a discussão e reflexão de assuntos de destaque nesta faixa etária, pode levar o adolescente a atuar, agir sem pensar e ter, então, vivências precipitadas e inadequadas.

É importante, porém, lembrar que oferecíamos também outras condições facilitadoras do trabalho preventivo na Adolescência, tais como: palestras, pesquisas de interesses, atividades esportivas e artísticas, conforme já relatamos no Capítulo "Historiando...".

⁵ Essa nossa hipótese baseia-se na verificação de que atualmente, atendendo à necessidade surgida, têm crescido o número de instituições que se abrem ao atendimento de drogaditos

Pensamos que o oferecimento destas atividades também deve ter contribuído para a eficácia do G.P.O., pois os jovens parecem tê-lo percebido como indicativo do nosso envolvimento e interesse por eles, embora apenas alguns tenham participado efetivamente de tais atividades facilitadoras.

Observamos que o fato do Agente de Saúde Mental pertencer à mesma comunidade que os adolescentes trabalhadores, possibilitou uma relação mais igualitária, harmoniosa e eficaz entre eles e isto constituiu-se num outro fator que também viabilizou a realização do programa preventivo.

A partir da nossa experiência recomendamos que além de compartilhar a mesma comunidade que o jovem, é importante que o profissional receba Supervisão⁶. É essencial também que ele seja uma pessoa com maturidade emocional e capacidade de "rêverie", isto é, que ofereça continência para as angústias do adolescente e que contribua para a elaboração das mesmas.

Em síntese, concluímos que o momento de abertura e de reestruturação próprios da adolescência, as características de flexibilidade e continência necessárias ao profissional, bem como a adequação de um instrumento que atinja as suas necessidades específicas, são condições essenciais que propiciaram a eficácia do programa preventivo.

Em linhas gerais, um trabalho em Saúde Mental é eficaz desde que o programa de Prevenção Primária seja aplicado quando se está iniciando o processo de reestruturação psíquica da adolescência, momento este oportuno já que o jovem apresenta grande flexibilidade psíquica e precisa desligar-se da casa paterna para encontrar e construir um novo ambiente, que seja continente e propício ao seu desenvolvimento.

Pensamos que a Prevenção Primária poder-se-ia iniciar num momento mais precoce da Adolescência, o que, na verdade, seria mais adequado. Além disso, fato de termos percebido que dois entre os nossos sujeitos chegaram a fazer uso de drogas, revela que para eles, o momento adequado para um tal trabalho já havia passado e teria sido, então, com estes sujeitos específicos, mais adequado, aplicar ações de Prevenção Secundária.

⁶ Denominamos "Supervisão" da mesma forma como o termo é comumente usado, isto é, refere-se à prática de reflexão sobre o trabalho realizado, com um profissional de Saúde Mental, podendo ser realizada em grupos ou em duplas.

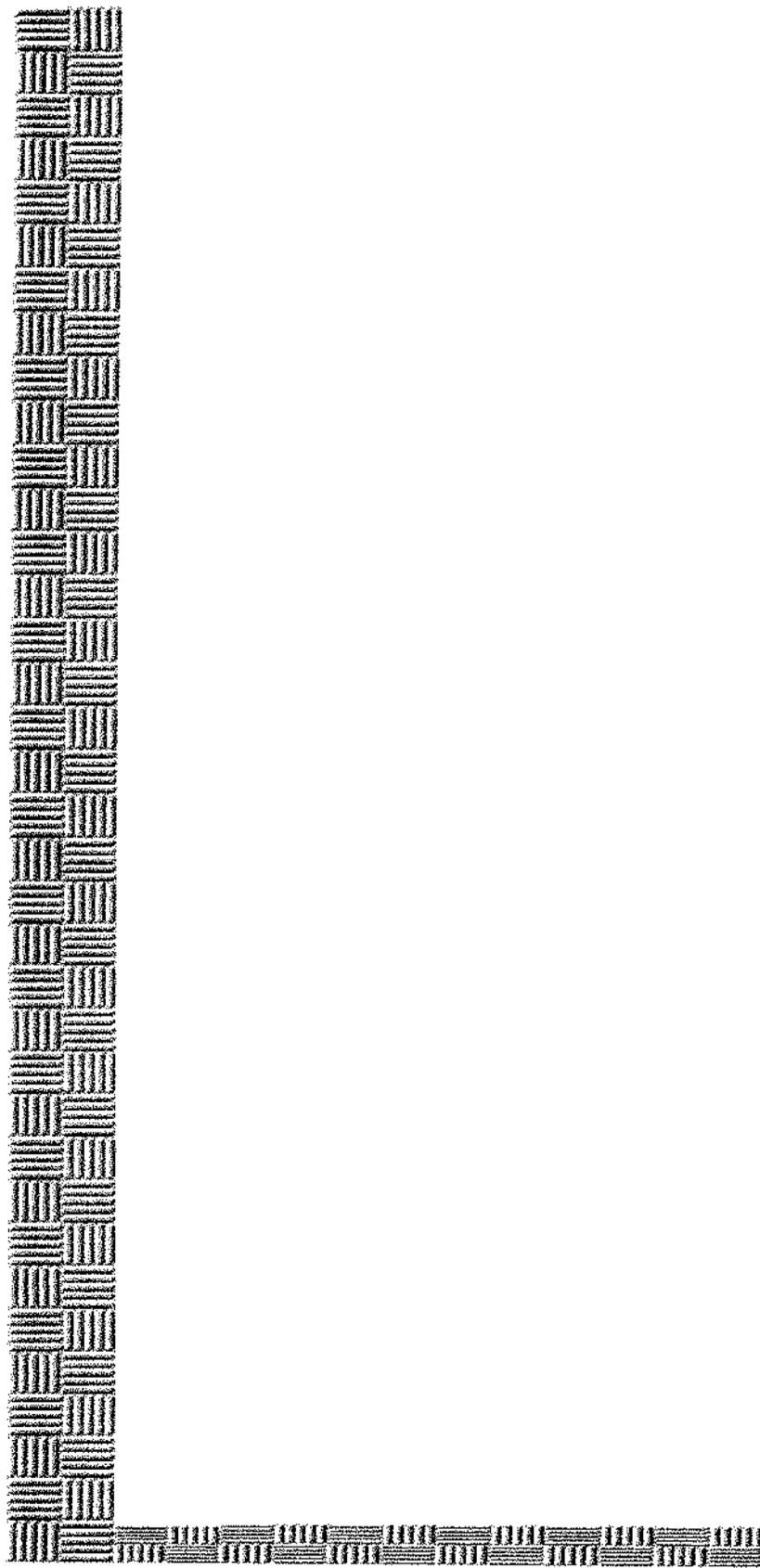
Ao executarmos esta pesquisa comprovamos a possibilidade, simplicidade, exequibilidade, importância e eficácia do “Programa de Prevenção Primária em Saúde Mental com o Adolescente Trabalhador da Unicamp”, aplicado em 1987. Acreditamos que podemos contribuir para a criação de uma metodologia de trabalho preventivo e alertar para a necessidade de ações preventivas que colaborem com o desenvolvimento integral do indivíduo.

Verificamos também que o nosso estudo dá subsídios para o entendimento da problemática do menor trabalhador, uma vez que constatamos as reais necessidades do adolescente de oportunidade para convivência grupal, para reflexão, expressão de suas idéias, necessidades e conflitos, a fim de que ele possa trabalhar e produzir adequadamente.

Esperamos que nosso trabalho possa fornecer instrumentos para que a prevenção seja aplicada e avaliada quanto à sua eficácia, junto a outros segmentos jovens de nossa sociedade, dentro de outras Comunidades, Escolas, Postos de Saúde e Empresas.

É preciso não perder de vista que o ideal é trabalhar, em termos de prevenção, bem antes da adolescência, desde o momento da concepção, da estruturação das famílias, dos cuidados necessários ao desenvolvimento na infância, até chegarmos ao adolescente, que precisa ser atendido de uma forma global, multidisciplinar e integrada.

Além disso, embora a Adolescência seja descrita como uma fase difícil, conflitiva, ambivalente, que contém aspectos psicóticos e psicopáticos, percebemos nos seus depoimentos que os adolescentes apresentavam também desejo de crescimento, de desenvolvimento, de relações amorosas, harmoniosas e construtivas, o que nos faz continuar, cada vez mais, trabalhando com afinco e desejando encontrar na sociedade outros profissionais que se motivem, porque vale a pena investir nos nossos jovens.



7. SUMMARY

This thesis demands an evaluation of primary prevention practicability in the area of mental health with Unicamp working adolescents, who have been taking part of the preventive program applied in 1987.

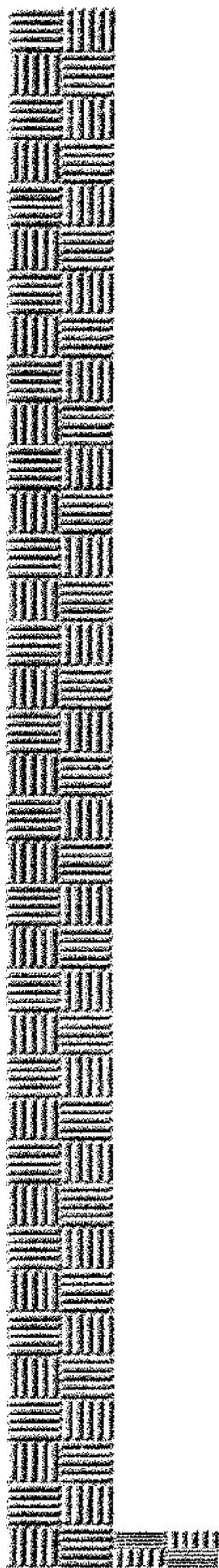
After a survey about their interest and necessities, we elaborated a program with the chosen themes: sexuality, relationships in the family, studying and careers to take and drugs. As a foundation to preventive actions theoretic items were raised upon mental health, prevention, groups and psicodinamic aspects from adolescence.

The evaluation of the adolescents testimony was done through the content analysis, proposed by Berelson, Bardin, Mynaio and others authors, which turned out to be highly switable and contributed a lot for our comprehension of the adolescents.

From this analysis we came to confirm the adolescents capacities and characteristics, which have presented theirselves, sometimes doubtful, ambivalent, omnipotent, but able to openings, flexibility and affection. It has also confirmed the fitness of the professional as someone close to adolescent and taking part with him in the same community.

After the evaluation of the preventive program, we hope to contribute to a large knowledgement in how to fit, to our adolescent, preventive actions which may efectively promote better mental health, better reflexion, chosing and deciding capacities. And that these capacities can promote the adolescent an the community well-being.

We long for providing to other professionals an encouragement to work in many communities and organanizational structures, at the level of prevention.



8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. e col. Adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1980.
- ABERASTURY, A e KNOBEL, M. Adolescência normal. 3ª edição Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- ADAMO, F. Desenvolvimento psicológico do adolescente. In: Tratado de Adolescência. Um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1991.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. 14 Ounces for prevention: a casebook for practitioners. Washington, DC, 1988.
- ANDOLFI, L.. A terapia familiar. Lisboa, Ed. Vega, 1980.
- ARRUDA, S. L. S.. Vivências clínicas de um grupo de mães cujos filhos estão em psicoterapia. Campinas, SP, 1991 (Tese de doutorado, UNICAMP).
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Relatório do grupo de trabalho constituído para estudar a problemática social do alcoolismo e da toxicomania. Deputada Erci Ayala, São Paulo.
- BARDIN, L.. Análise de conteúdo. Lisboa, Ed. Vega, 1979.
- BASTIDE, R.. Sociologia das doenças mentais. S. Paulo, Nacional, 1967.
- BERELSON, B.. Content analysis in communication research. N. York, Hatner Publ. Co., 1971.
- BERGE, A.. Como educar pais e filhos. Rio de Janeiro, Agir, 1968.
- BETTELHEIM, B.. A psicanálise dos contos de fada. R.J., Paz e Terra, 1979.
- BION, W.R.. Experiências com grupos. São Paulo, E.P.U., 1975.
- _____. Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- _____. Os elementos da psicanálise e o aprender com a experiência. Rio de Janeiro, Imago, 1966.

- BLEGER, J. Psico-higiene e psicologia institucional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- _____. Temas de psicologia. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- BOHOSLAVSKY, R. Orientação vocacional: a estratégia clínica. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- BOTEGA, N.J. No hospital geral: lidando com o psíquico, encaminhando ao psiquiatra. Campinas, SP, 1989. (Tese de doutoramento apresentada a FCM UNICAMP).
- BLOS, P. Adolescência: uma interpretação psicanalítica. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- BUCHER, R. Drogas e drogadicção no Brasil. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- CAMARGO, Luiz O. L.. O que é lazer (Coleção Primeiros Passos). São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CAPLAN, Gerald. Princípios de psiquiatria preventiva. Rio de Janeiro, Zahar, 1962.
- CARUSO, Ilda. A. Vocação: objeto de escolha X escolha de objeto. In: Perfil boletim de psicologia do Departamento de Psicologia Clínica UNESP, 1: 70-77, Assis, 1988, set.
- CASTEL, S. Conceito atual de farmacodependências. In Revista Insight, ano III, nº 29, maio 1993, p. 26-29.
- CASSORLA, R,M,S.. Simbiose na Adolescência: implicações clínicas. In: Tratado de Adolescência. Um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1991.
- C.I.E.E. CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA ESCOLA. Dicionário das profissões. São Paulo, C.I.E.E.- S.P., 1981.
- D'ANDREA, F. F.. Desenvolvimento de personalidade. São Paulo, DIFEL, 1984.
- DECHERF, G.. O Édipo em grupo. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- DEUSTCH, H.. Problemas psicológicos da adolescência. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

- DARIA, Madre Cristina, S. Psicologia do ajustamento neurótico. Petrópolis, Vozes, 1974.
- DROGAS E VOCÊ. Folhetos das Edições Loyola s.d.
- ERIKSON, E.. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- FERREIRA, B. W. Adolescência: teoria e pesquisa. Porto Alegre, Sulina, 1978.
- FIORINI, H.. Teoria e técnica de psicoterapias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- FREUD, A. O ego e os mecanismos de defesa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983 (C 1946).
- _____. Psicoanálisis del desarrollo del niño y del Adolescente. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- FREUD, S.. Obras completas. Primeira Edição em Português. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- _____. Além do princípio do prazer e psicologia de grupo e a análise do Ego. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976., v. 18, p. 13 - 179 (ed. original 1920 e 1921).
- _____. Cinco lições de psicanálise. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 19, p. 13 - 51 (ed. original 1909).
- _____. A dissolução do Complexo de Édipo. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.19, p. 215 - 24 (ed. original, 1924).
- _____. O Ego e o Id. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, 1976. v. 19, p. 13 - 87 (ed. original 1930).
- _____. Formulação sobre os dois princípios do funcionamento Mental. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976 v. 12, p. 277 - 286 (ed. original 1925).

- _____. Os instintos e suas vicissitudes. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro. Imago, 1974, v. 14, p. 128 - 162 (ed. original 1915).
- _____. O mal-estar na civilização. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro. Imago, 1974, v. 21p. 81 - 104 (ed. original 1930).
- _____. A moral sexual civilizada e a Doença Moderna. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v. 9, p. 187 - 212 (ed. original 1908).
- _____. Totem e Tabu. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.13, p. 13 - 198 (ed. original 1923).
- _____. A interpretação dos sonhos. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro. Imago, 1972. v. 4 e 5, (ed. original de 1900).
- _____. Linhas de progresso na terapia analítica. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12, p. 199 - 211 (ed. original 1918).
- _____. A Psicologia de grupo e análise do Ego. In: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro. Imago, v. 18, p. 89 - 182 (ed. original 1921).
- FRITZEN, S.J.. Exercícios práticos de dinâmica de grupo. Petrópolis, Vozes, vol. 1 e 2, 1981, p. 26.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Sexo e juventude. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GARBARINO, M.F.. Adolescência II. Buenos Aires, Rocco, s/d.
- GERSCOVICH, J.. Prática clínica da moderna psicanálise em grupos. Petrópolis, Vozes, 1980.
- GEREVINI, J. E.. Atenção primária e adolescência: conceitos básicos para uma proposta de trabalho. Rev. Associação Brasileira de Psiquiatria, 4 (7): 157-165, 1990, jul/ago.

- GIGLIO, J.. Saúde mental do estudante universitário, Campinas, SP 1972. (Tese de Doutorado, UNICAMP).
- _____. Contos maravilhosos: expressão do desenvolvimento Campinas, UNICAMP, Núcleo de Estudos Psicológicos, 1991.
- GLISSANT, E. (ed.). Educação Preventiva contra as drogas. Um estudo da UNESCO. O Correio da UNESCO, ano 10 (3): 5-7, 1982.
- GOLDBERG, M. e FRANCO, L.. Análise de conteúdo. Notas Metodológicas, 1980, mimeo.
- GREEN, A.. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo, Escuta, 1988.
- GROISMAN, M. e KUSNETZOFF, J.. Adolescência e saúde mental. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- HINSHELWOOD, R.D.. Dicionário do pensamento Kleiniano. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- JAPIASSU, H.. Introdução à epistemologia da psicologia. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- JERSILD, A. Psicologia da Adolescência. São Paulo, Nacional, 1971.
- JUNG, C.G.. O eu e o inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1982.
- KALINA, E.. Psicoterapia de adolescentes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- _____. Viver sem drogas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- KAPLAN, H. e SADOCK, B.. Compêndio de psiquiatria dinâmica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- KLEIN, M. O Complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades. In: Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- _____. Inveja e gratidão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

- Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- Psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- O Sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- Novas tendências na psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- KLEIN, M. e outros. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- KNOBEL, M.. Adolescência e sexualidade. Estudos de Psicologia. Campinas, Rev. Instituto de Psicologia-Puccamp, 3 e 4 (1), 1984, ago/set.
- A psicoterapia breve. Coleção Temas Básicos de Psicologia. v.14 São Paulo, E.P.U., 1986.
- Temas de psicologia analítica. Campinas Núcleo de Estudos Psicológicos - UNICAMP, 1991.
- KILANDER, H.F.. Educação sexual nas escolas. São Paulo, Paulinas, 1983.
- KUSNETZOFF, J.C.. Introdução à psicopatologia psicanalítica. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- Psicanálise e psicoterapia breve na adolescência. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- LAPLANCHE, J. e J. B. Pontalis. Vocabulário da psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 1983. 7ª edição.
- LEVAV, I.. Prevención primaria en los programas de salud mental.? Possible o imposible? A hora o luego? Acta Psiquiatrica Psicologica America Latina, 38 (1): 31-34, 1992.
- LEVISKY, D.L. Adolescência: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E.D.A.. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, E.P.U., 1986.
- LUZIO, C.A. e outros. Saúde mental: o desenvolvimento de um programa em saúde pública. São Paulo, Departamento de Psicologia Clínica, Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, Revista Perfil, 3: 39-40, 1990.
- MACEDO, R.M.. Psicologia e instituição: novas formas de atendimento. São Paulo, Cortez, 1986.
- MARCELLI, D. e BRACONNIER, A.. Manual de psicopatologia do adolescente. Porto Alegre, Masson, 1989.
- MAHLER, M.. O processo de separação e individuação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- MARCELINO, N.C.. Lazer e humanização. Campinas, Papirus, 1983.
- MAGRO, M.C.. Estudar também se aprende. São Paulo, E.P.U., 1979.
- MAAKAROUN, M. F. (organizadora) Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1991.
- MALAN, D.. As fronteiras da psicoterapia breve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- MASUR, J.. O que é toxicomania. Coleção Primeiros Passos. 149. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MAYLE, P. e outros. O que está acontecendo comigo? São Paulo, Círculo do Livro-Nobel, s.d.
- MESQUITA, A.M.. Prevenção ao abuso de álcool e outras Drogas. In: Insight, 30 ano III: 28-31, 1993, jun.
- MINAYO, M. C. S.. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3ª ed., São Paulo, Hucitec. ABRASCO,

- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Divisão Nacional de Saúde Mental. Manual de Orientação para Funcionamento e Supervisão dos serviços de Saúde Mental, 1988.
- MINUCHIN, S.. Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- MIRA Y LOPEZ, E. Psicologia Evolutiva da criança e do adolescente. Rio de Janeiro, Científica, C1941.
- MONTE SERRAT, S.. Programas preventivos em farmacodependência. Campinas, Departamento de Pós Graduação da PUCCAMP, Estudos de Psicologia, 1 e 2 (3): 60-73, 1986, Abr./Ago.
- OSÓRIO, L.C.. Grupoterapia hoje. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE E FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Cuidados primários de saúde. Conferência Internacional de Alma-Ata, URSS, 1978.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Seminário Latino Americano sobre Adolescência. OPAS-UNICAMP, 1978.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE. O marco conceptual da saúde integral do adolescente e de seu cuidado. Washington D.C., 1990.
- PETOT, J.M.. Melanie Klein I e II. São Paulo, Perspectiva, 1987 (Série Estudos v. 95 e 96).
- PFROMM NETTO, S. Psicologia da Adolescência. São Paulo, Pioneira, 1974.
- PY, L.A. Grupo sobre grupo. Ed. Rocco, s.d..
- REVISTA VEJA. Mito derrubado: pesquisa mostra que orientação contra drogas funciona. Ano 28, nº 39, 27 setembro de 1995. p.66.
- ROSENFELD, H. Os estados psicóticos. In: Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica, Rio de Janeiro, Zahar, 1968, cap. 10..

SEGAL, H.. Introdução à obra de M. Klein. Rio de Janeiro, 1975.

SERRAT, S.M.. A família do farmacodependente. Campinas, Estudos de Psicologia, Rev. do Inst. de Psicologia, 4(2): 83-87, 1987, jul/dez.

_____. Farmacodependências: estudo de algumas de suas causas. Campinas, Estudos de Psicologia, Rev. do Inst. de Psicologia, 2(1): 5-26, 1985, abr.

_____. Programas preventivos. Campinas, Estudos de Psicologia, Rev. do Inst. de Psicologia, 3(2): 60-73, 1986, abr/ago.

SEGAL, H.. Introdução à obra de M. Klein. Rio de Janeiro, 1975.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Cortez, 1979.

SIMON, R.. Psicologia clínica preventiva-novos fundamentos. São Paulo, E.P.U., 1989.

_____. A formação do especialista em psicologia clínica preventiva, Ribeirão Preto, 1983. (Trabalho apresentado na XIII Reunião Anual de Psicologia de Ribeirão Preto.

SILVA, M.E.L.. Pensando o pensar com W.R. Bion. São Paulo, M.G.M., 1988.

SOBRE O ABUSO DE DROGAS. Folheto das Edições Loyola.

STONE, L.J. e CHURCH, J. Infância e Adolescência. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.

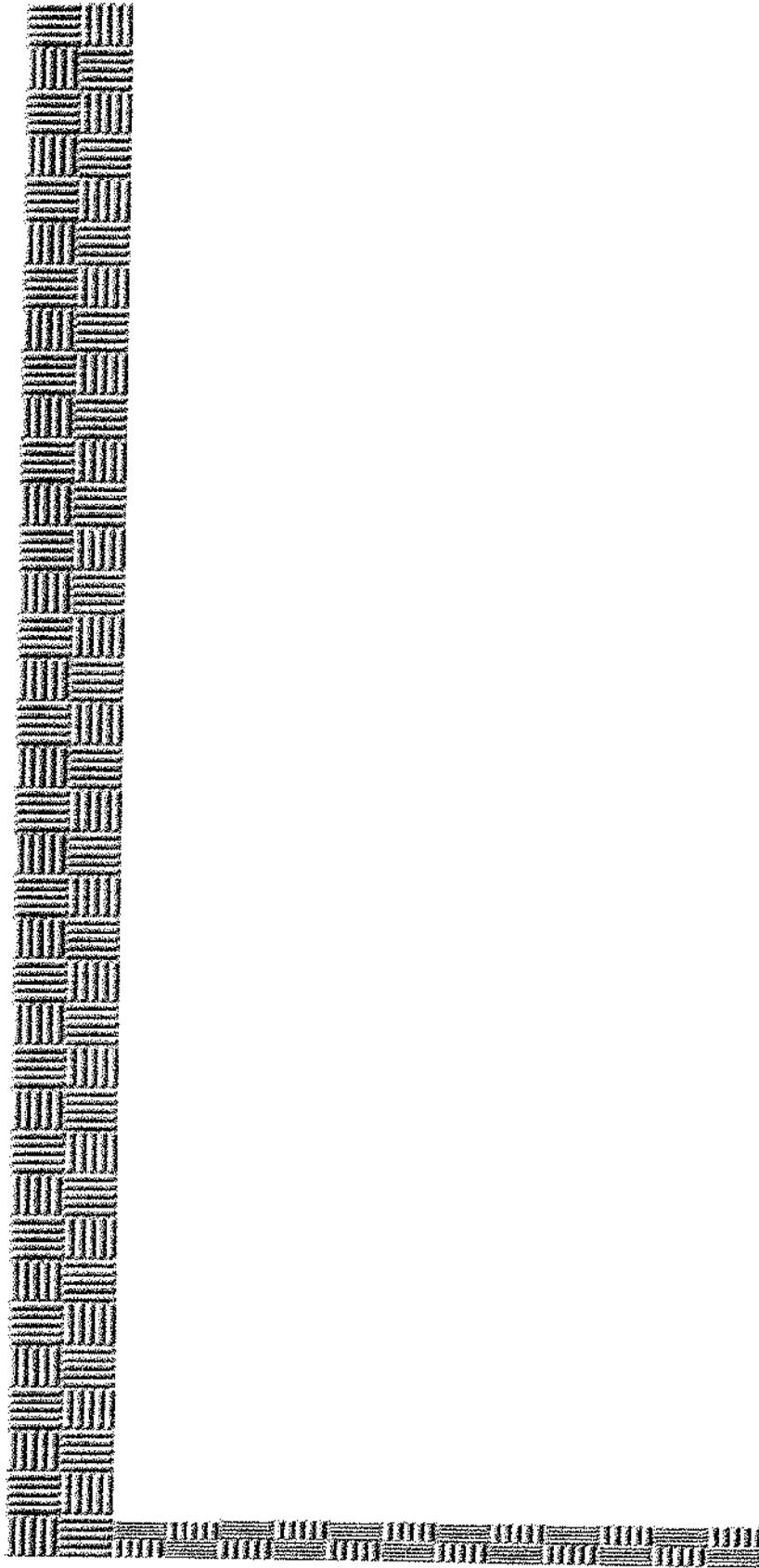
SUPLICY, M.. Conversando sobre sexo. Petrópolis, Edição da Autora, 1983.

VERAS, R.P. e GERALDES, P.C.. Reflexões críticas sobre a proposta de prevenção em saúde mental no Brasil, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 4 (39): 157-165, 1990, jul/ago

YOSHIDA, L. Psicoterapia breve para adolescentes de classe sócio-econômica menos favorecida: estudo da adequação da técnica, Campinas, 1985. (Relatório de Pesquisa - CNPq, UNICAMP).

_____. Psicoterapia de grupo na adolescência. Campinas, 1986 (Trabalho de conclusão do VII Curso de Especialização em Psicologia e Psiquiatria da Adolescência UNICAMP).

_____. Coordenação da Mesa Redonda: A psicologia e o lazer. In: Anais do V Encontro de Psicologia da Região de Campinas. Campinas, Instituto de Psicologia - PUCCAMP e Sociedade de Psicologia de Campinas, 1987.



9. ANEXOS

A N E X O I

DESCRIÇÃO DO CARGO / FUNÇÃO	PÁG. 89
Denominação: Mensageiro (Contratação Especial)	

DESCRIÇÃO SUMÁRIA :

Realizar tarefas gerais de natureza simples, nos diversos órgãos da Universidade

ATRIBUIÇÕES GERAIS:

- Executar tarefas diversas como: "xerox" de papéis, retirada e entrega de materiais de consumo, recortes de Diário Oficial e outras.
- Efetuar a entrega e retirada de processos, documentos e expedientes em geral, entre os vários órgãos da Universidade;
- Auxiliar em tarefas simples de datilografia como: requisições, relações de remessa e outros;
- Auxiliar nos serviços de controle de processos e documentos;
- Realizar serviços externos em bancos, correio e similares;
- Auxiliar nas tarefas técnicas de pequena complexidade e responsabilidade;
- Zelar pela guarda, conservação e limpeza dos equipamentos e materiais peculiares ao trabalho, bem como dos locais;
- Executar outras tarefas correlatas.

DGRH - GAT - 86

ANEXO II

Unicamp, de de 199 .

Prezado(a)

Esta é uma coleta de dados para uma pesquisa destinada à Pós-Graduação em Saúde Mental, que tem por objetivo conhecer quais ações podem ser preventivas e adequadas à saúde do Adolescente Trabalhador.

Solicito a sua colaboração, respondendo sinceramente às questões que lhe serão feitas.

Desde já agradeço sua atenção e prestatividade.

Cordialmente.

Luzia A. M. Yoshida

ANEXO III

Coleta de depoimentos - Entrevista Aberta

Iniciais: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____

Grupo de Orientação Psicológica freqüentado: _____

Você, juntamente com outros colegas seus: _____
_____, esteve comigo em 1987, quando era
mensageiro da Unicamp fazendo um Grupo de Orientação Psicológica sobre
_____.

Descreva sinceramente, por favor, o que significou para você a vivência
desse grupo.

ANEXO IV

Manual

R-4

Questionário do Adolescente

Rynaldo de Oliveira



VETOR
EDITORA PSICO-PEDAGÓGICA LTDA.
Av. Paulista, 2518 – Fone: 259-8779
01310 – São Paulo – SP.

QUESTIONÁRIO DO ADOLESCENTE

"R-4"

1 – INFORMAÇÃO

O presente Questionário surgiu em função da necessidade de uma rápida avaliação das áreas mais conflitantes no comportamento do adolescente.

Acreditamos que possa servir como um guia, como um auxiliar de outros instrumentos de medida, na avaliação dos problemas que, normalmente, implicam em desajuste.

Foi ele montado após contínuas observações e inúmeros contatos com jovens de ambos os sexos, encaminhados para orientação aos Serviços Psicológicos da Clínica N. S. das Vitórias (S. Gonçalo – RJ.), Casa de Saúde Alfredo Neves (Niterói – RJ.) e Delegacia de Entorpecentes de Niterói.

As perguntas do Questionário, que inclusive passaram pelo crivo de Psiquiatras das Casas de Saúde citadas, foram selecionadas dentre aquelas que, além de demonstrarem acentuada validade, se revelaram também, de maior receptividade pelos testandos.

Constitui-se o presente trabalho de 73 perguntas que abrangem seis áreas (*Familiar, Escolar, Social, Sexual, Tóxicos e Individual*) e que deverão ser respondidas apenas com a marcação do SIM ou do NÃO.

Foram elaborados, também, um *Crivo de Apuração* e um *Gráfico de Avaliação*.

Com o auxílio do Crivo, podemos obter, rapidamente, mediante uma simples contagem das respostas marcadas, uma avaliação quantitativa (Grau Bruto) nas diversas áreas; pelo

gráfico, podemos ter uma idéia visual e mais precisa (Grau Padrão) do Ajuste/Desajuste.

O "Questionário do Adolescente", como é óbvio, pelo próprio conteúdo, resente-se de mais sólidos elementos de correlação e de padronização; porém, mesmo assim, graças a sua simplicidade, a sua rápida avaliação e as áreas que abrange, vem se revelando útil e adequado ao fim a que se destina.

A experiência colhida na aplicação do referido questionário já nos permite concluir que:

- um desajuste, apurado em qualquer das áreas pesquisadas, merece destaque especial quando ultrapassa o Grau Padrão 2, 5;
- um desajuste-*Familiar* precede normalmente uma alta contagem de pontos na área *Tóxicos*;
- um forte desajuste na área de *Tóxicos*, como consequência imediata, implica em acentuado desajuste na área *Escolar*;
- há um acentuado interesse dos testandos pelo Questionário;
- é elevado o índice de sinceridade na marcação das respostas;
- as perguntas propostas tem sido facilmente interpretadas;
- numerosos testandos sentem necessidade de justificar as respostas dadas, enriquecendo assim o valor das informações colhidas.

2 – AVALIAÇÃO

2.1 – ÁREAS

Familiar	– Fa	questões 03 a 22
Escolar	– Es	questões 23 a 33
Social	– So	questões 34 a 44
Sexual	– Se	questões 45 a 50
Tóxicos	– To	questões 51 a 56
Individual	– In	questões 57 a 73

2.2 – DESAJUSTES

S – 08 – 10 – 11 – 19 – 21 – 22 – 25 – 27 – 36
39 – 40 – 42 – 43 – 44 – 47 – 51 – 52 – 53
54 – 55 – 56 – 57 – 58 – 59 – 60 – 61 – 65
66 – 67 – 70 – 72

N – 03 – 04 – 05 – 06 – 07 – 09 – 12 – 13 – 14
15 – 16 – 17 – 18 – 20 – 23 – 24 – 26 – 28
29 – 30 – 31 – 32 – 33 – 34 – 35 – 37 – 38
41 – 45 – 46 – 48 – 49 – 50 – 62 – 63 – 64
68 – 69 – 71 – 73

– As questões 1 e 2 não são consideradas para fins de contagem.

2.3 – GRAUS

Grau Bruto – Total de letras S e N riscadas e que aparecem após a justaposição do Crivo de Apuração sobre o Questionário. Contagem por Área.

Grau Padrão – Resultado obtido pela multiplicação do Grau Bruto da Área pelo seu respectivo coeficiente.

– Os graus padrões 9,9 e 10,2, quando obtidos, deverão ser aproximados para 10.

2.4 – GRÁFICOS

– Os graus padrões deverão ser colocados no gráfico e a união dos seus pontos dará o perfil do ajuste/desajuste.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

R-1 – Teste Não Verbal de Inteligência, Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, São Paulo, 1973.

QVI – Questionário Vocacional de Interesses, Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, São Paulo, 1982.

ANEXO V

R-4

Questionário do Adolescente

Rynaldo de Oliveira



VETOR

EDITORA PSICO-PEDAGÓGICA LTDA.
Av. Paulista, 2518 - Cjto. 2 - São Paulo
CEP 01310 - Telex: 258-2693 • 258-8779

QUESTIONÁRIO DO ADOLESCENTE

"R-4"

Nome

Data

Idade

Nível Escolar

INSTRUÇÕES — No seu interesse procure responder com sinceridade ao questionário abaixo. Para isso risque a letra S sempre que a resposta for SIM; quando a resposta for NÃO, risque a letra N.

- | | | |
|---|---|---|
| 01 — Você alguma vez já procurou conhecer-se melhor? | S | N |
| 02 — Acredita que outras pessoas estejam interessadas em ajudá-lo? | S | N |
| 03 — Você incluiria seus pais entre as pessoas que gostariam de tornar sua vida mais agradável? | S | N |
| 04 — Seus pais estão vivos? | S | N |
| 05 — Eles casaram-se oficialmente? | S | N |
| 06 — Você poderia classificar como <i>bem ajustada</i> a vida em comum dos seus pais? | S | N |
| 07 — Você e seus pais vivem juntos no mesmo lar? | S | N |
| 08 — Falta alguma assistência à família, por parte de algum dos seus pais? | S | N |
| 09 — E seus irmãos, são "legais" com você? | S | N |
| 10 — Há alguma incompatibilidade que prejudique o relacionamento entre você e seus irmãos? | S | N |
| 11 — Você acredita que o seu temperamento possa ser o responsável por alguma desarmonia dentro de casa? | S | N |
| 12 — Você se considera ajustado ao seu ambiente familiar? | S | N |
| 13 — Costuma trocar idéias a respeito dos seus problemas, com seus familiares? | S | N |
| 14 — Gosta que seus amigos frequentem sua casa e se relacionem com sua família? | S | N |
| 15 — De um modo geral, é bom o conceito que os de casa fazem a seu respeito? | S | N |
| 16 — E, também de um modo geral, é bom o conceito que você faz de seu pessoal de casa? | S | N |
| 17 — Acha que tem correspondido ao que seus pais esperam de você? | S | N |
| 18 — Você julga que está sendo tratado com a devida compreensão e consideração? | S | N |
| 19 — Há, na família, alguma discriminação contra você? | S | N |
| 20 — Você se esforça para compreender os problemas da família, por achar que os mesmos também lhe dizem respeito? | S | N |
| 21 — Há algum problema que você venha escondendo dos seus pais? | S | N |
| 22 — Gostaria de que seus familiares fossem diferentes? | S | N |

23	– Você está estudando?	S	N
24	– Já escolheu a sua futura carreira ou profissão?	S	N
25	– Seus familiares procuram induzir você a seguir alguma carreira por eles escolhida?	S	N
26	– Você acredita, sinceramente, que se está empenhando com determinação na conquista dos seus objetivos?	S	N
27	– Você se julga responsável por alguma deficiência no seu rendimento escolar?	S	N
28	– De um modo geral, e em função da sua vida escolar, você se considera um aluno comprometido e cumpridor dos seus deveres?	S	N
29	– As pessoas com quem convive o têm na conta de um bom estudante?	S	N
30	– Você é bem conceituado pelos seus professores?	S	N
31	– Você é querido por seus companheiros de aula?	S	N
32	– Seus colegas de aula são, também, na maioria, seus companheiros de "turma"?	S	N
33	– Além das horas obrigatórias de aula, você planejou e segue algum horário de estudos?	S	N
34	– O nível de sua família satisfaz suas aspirações?	S	N
35	– Sente-se contente com o seu atual padrão de vida?	S	N
36	– Há alguma coisa desejada a tal ponto, que a falta da mesma o deixa com um sentimento de frustração?	S	N
37	– Fora da família você tem algum amigo de verdade?	S	N
38	– Esse amigo pode ser apontado com um verdadeiro exemplo a ser admirado e seguido?	S	N
39	– Você faz o seu próprio horário (dormir, fazer refeições, chegar à casa, etc.), sem se prender ao horário do ambiente em que vive?	S	N
40	– Por vezes, em função do ambiente, você é levado a empregar palavras de baixo-calão?	S	N
41	– Seu relacionamento social pode ser considerado como bom?	S	N
42	– Seus familiares fazem algum tipo de restrição aos seus amigos?	S	N
43	– Algum companheiro já se queixou do seu gênio?	S	N
44	– Você se considera um pouco mais agressivo que os outros?	S	N
45	– Você teve ou está tendo alguma orientação sexual adequada?	S	N
46	– Você se sente atraído pelo sexo oposto?	S	N
47	– O sexo oposto o deixa inibido e temeroso?	S	N
48	– Você teve ou tem namorada firme?	S	N
49	– Já teve experiências de relacionamento sexual?	S	N
50	– Essas experiências foram, sempre, normais e entre sexos diferentes?	S	N

51	– E quanto aos tóxicos, a sua curiosidade já o levou a alguma experiência?	S	N
52	– Os tóxicos já lhe acarretaram envolvimento com a polícia?	S	N
53	– Você já se submeteu a algum tratamento especializado devido ao uso de tóxicos?	S	N
54	– Mesmo de maneira branda, superficial e esporádica, você se sente envolvido pelo uso de drogas?	S	N
55	– Alguma vez já insinuaram que você poderia estar usando tóxicos?	S	N
56	– Na sua "roda de amigos", há algum deles que se ligue a tóxicos?	S	N
57	– Você fuma?	S	N
58	– Concorda com a idéia de que o hábito de fumar é um ato inteligente de afirmação da personalidade?	S	N
59	– Você se sentiria perfeitamente à vontade, fumando na presença de seus pais ou de pessoas idosas?	S	N
60	– Gosta muito de bebidas alcoólicas?	S	N
61	– O uso de bebidas alcoólicas já o levou, alguma vez, a estado de embriaguez?	S	N
62	– Você gosta de praticar esportes?	S	N
63	– Uma vida movimentada, ativa e ao ar livre lhe agrada mais do que passar o tempo em leitura, ou assistindo a TV?	S	N
64	– Seus hábitos são vantajosos para sua saúde?	S	N
65	– Você acha que possui algum tipo de mania?	S	N
66	– Será que você se julga deficiente em alguma coisa?	S	N
67	– Gostaria de ser diferente do que é?	S	N
68	– Está satisfeito com a vida que leva?	S	N
69	– Você poderia ser considerado como uma pessoa persistente e dotada de força-de-vontade?	S	N
70	– Responsabilidades e horários lhe aborrecem?	S	N
71	– Você se julga feliz?	S	N
72	– Alguma vez já desejou morrer?	S	N
73	– Você acredita em Deus?	S	N

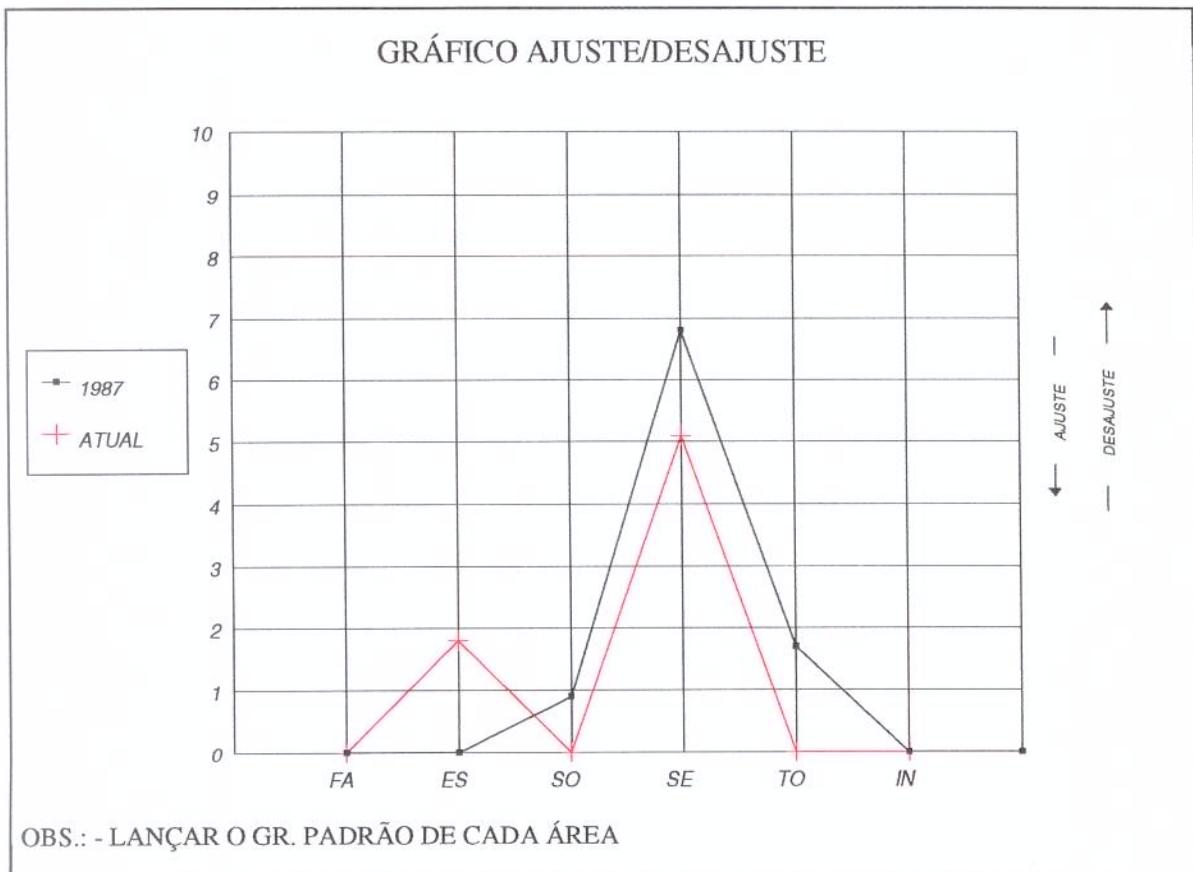
ANEXO VI

AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 1 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	0	0	0	0
ESCOLAR	23 - 33	0.9	0	2	0	1.8
SOCIAL	34 - 44	0.9	1	0	0.9	0
SEXUAL	45 - 50	1.7	4	3	6.8	5.1
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	0	1.7	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	0	0	0	0

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

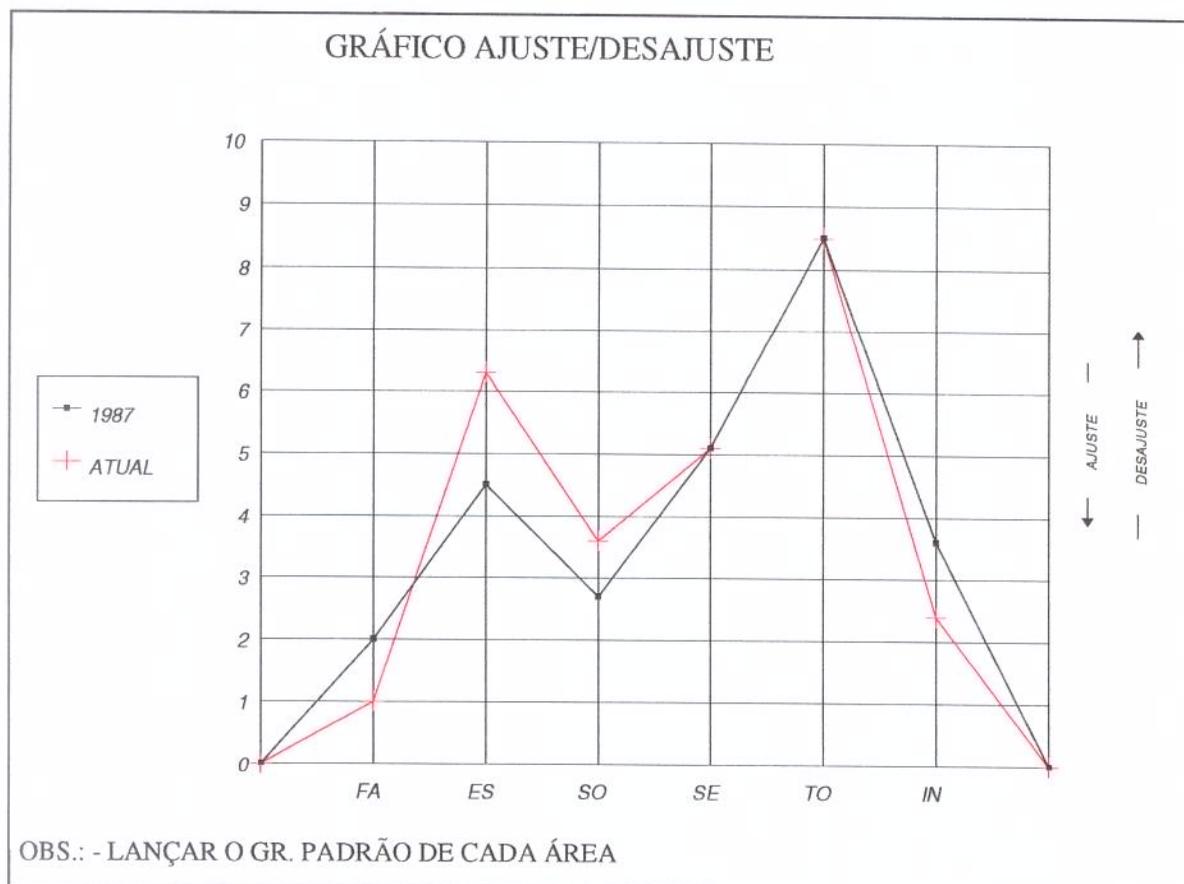


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 2 - G.P.O. - Tóxicos

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	4	2	2	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	5	7	4.5	6.3
SOCIAL	34 - 44	0.9	3	4	2.7	3.6
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	3	5.1	5.1
TÓXICOS	51 - 56	1.7	5	5	8.5	8.5
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	6	2	3.6	2.4

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

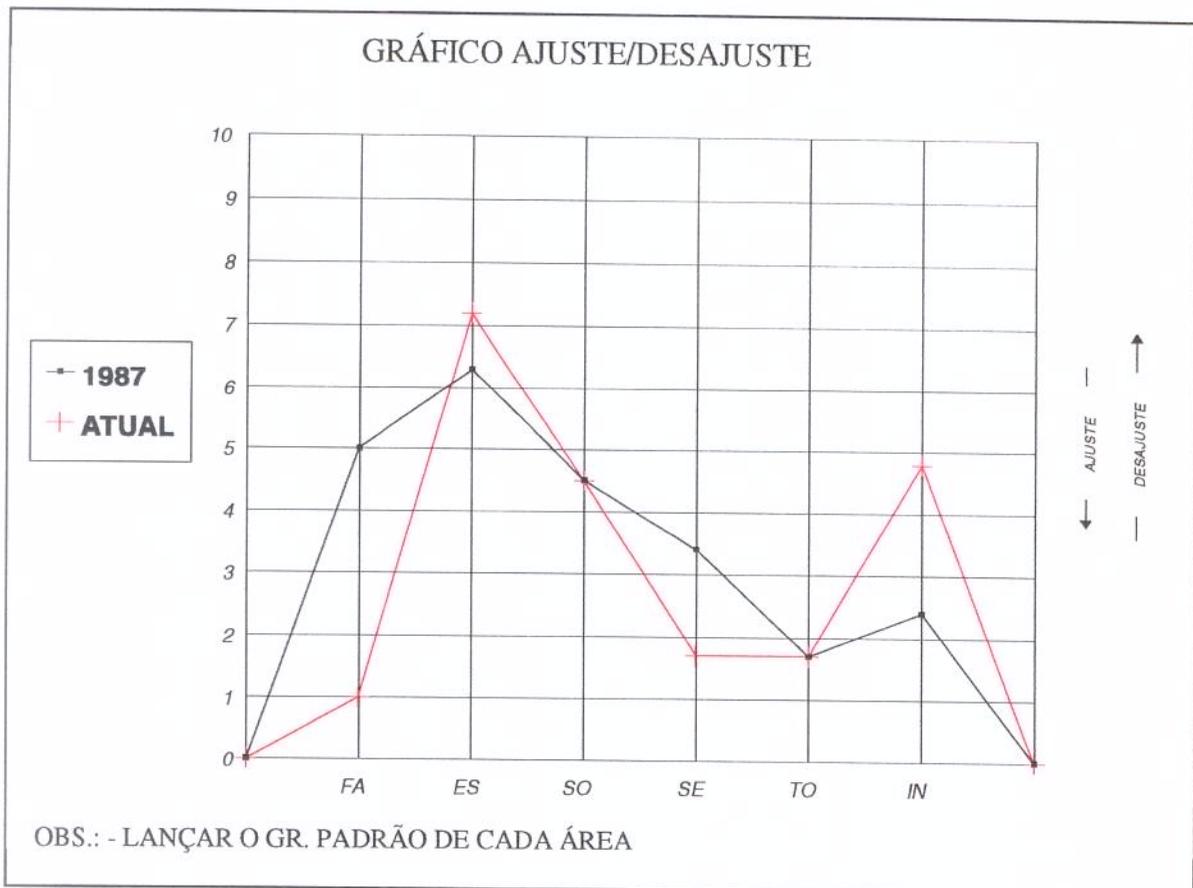


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 3 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	10	2	5	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	7	8	6.3	7.2
SOCIAL	34 - 44	0.9	5	5	4.5	4.5
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	1	3.4	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	1	1.7	1.7
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	4	8	2.4	4.8

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

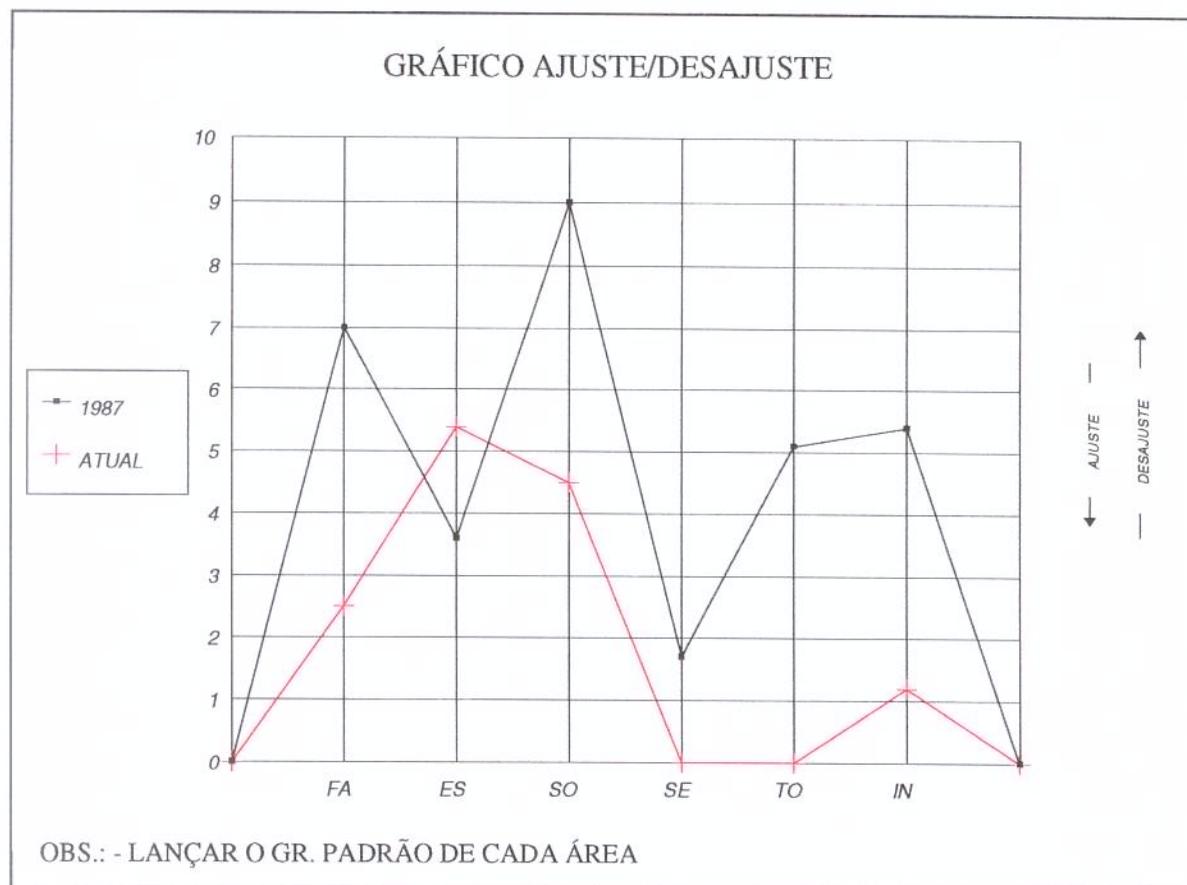


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 4 - G.P.O. - Tóxicos

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	14	5	7.0	2.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	4	6	3.6	5.4
SOCIAL	34 - 44	0.9	10	5	9.0	4.5
SEXUAL	45 - 50	1.7	1	0	1.7	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	3	0	5.1	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	9	2	5.4	1.2

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

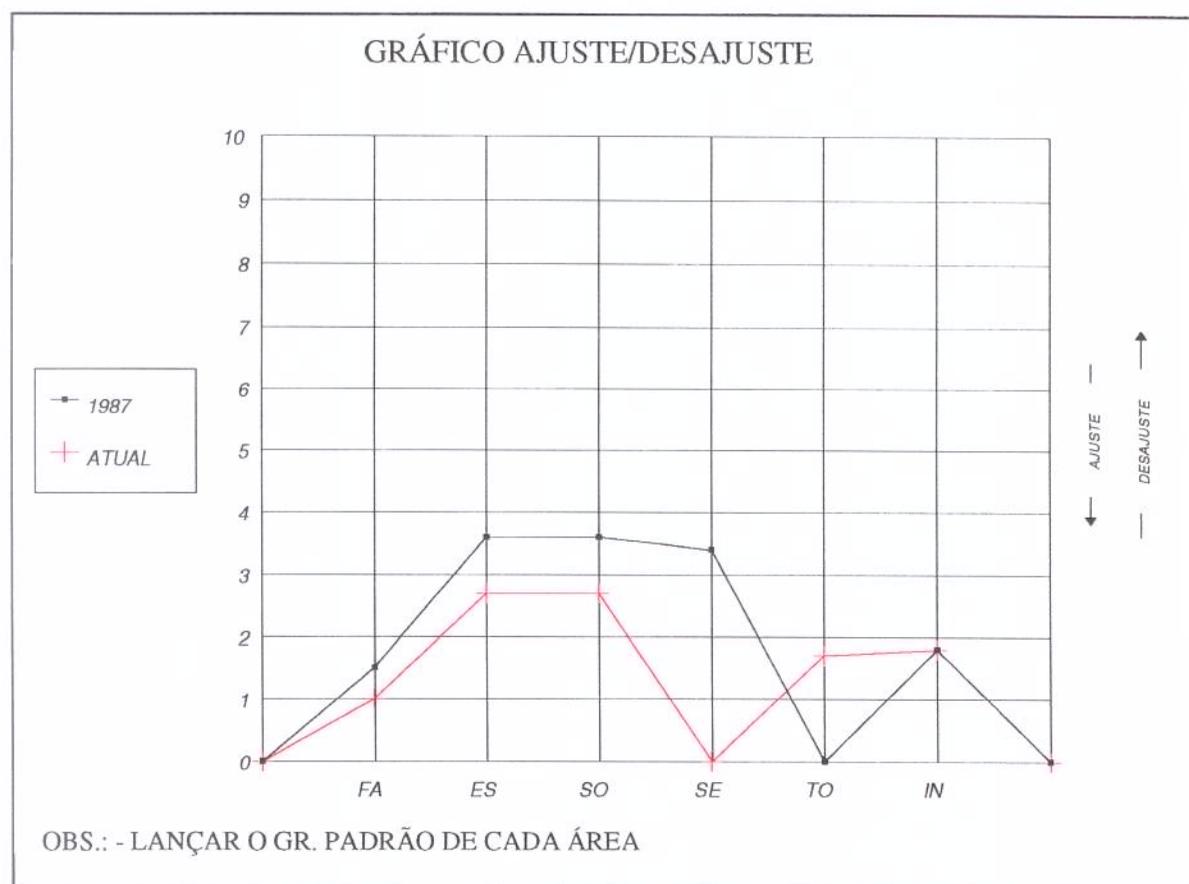


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 5 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	3	2	1.5	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	4	3	3.6	2.7
SOCIAL	34 - 44	0.9	4	3	3.6	2.7
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	0	3.4	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	1	0	1.7
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	3	3	1.8	1.8

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

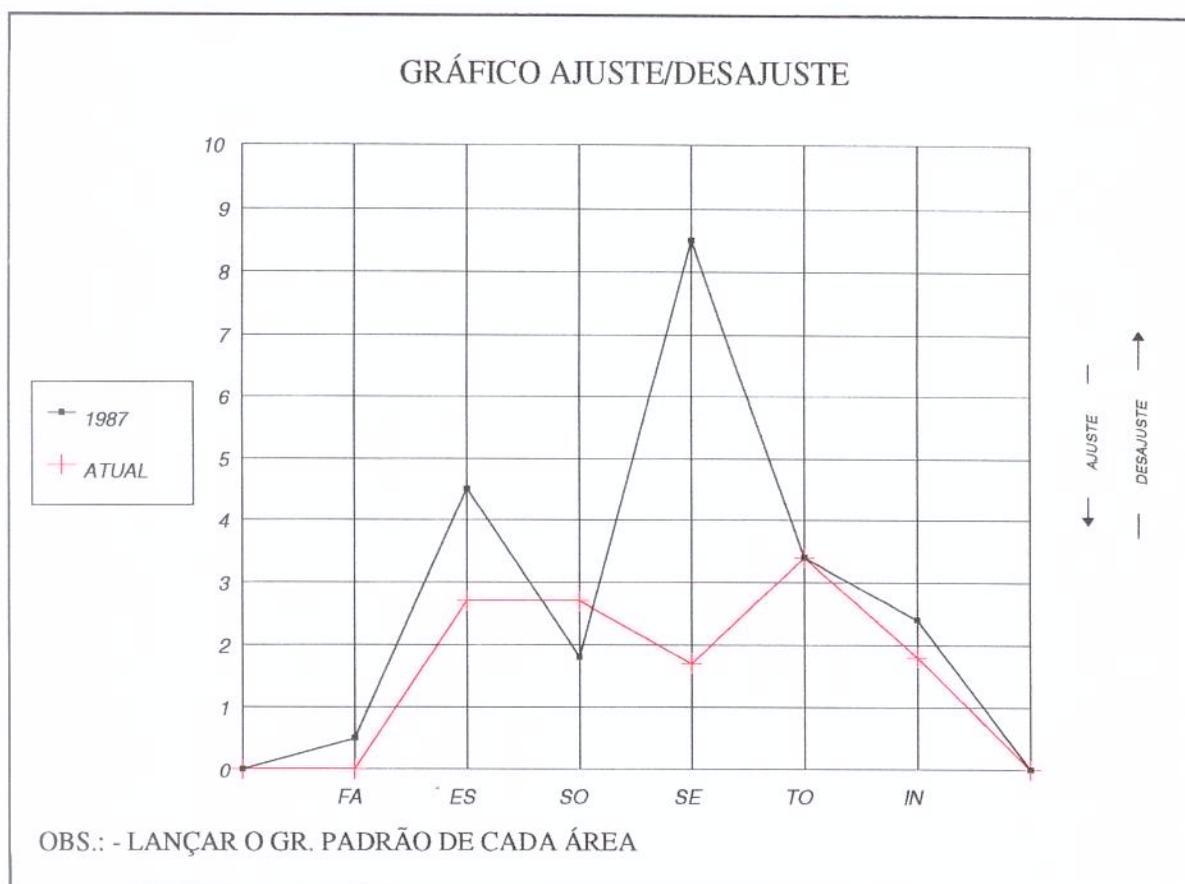


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 6 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	1	0	0.5	0
ESCOLAR	23 - 33	0.9	5	3	4.5	2.7
SOCIAL	34 - 44	0.9	2	3	1.8	2.7
SEXUAL	45 - 50	1.7	5	1	8.5	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	2	2	3.4	3.4
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	4	3	2.4	1.8

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

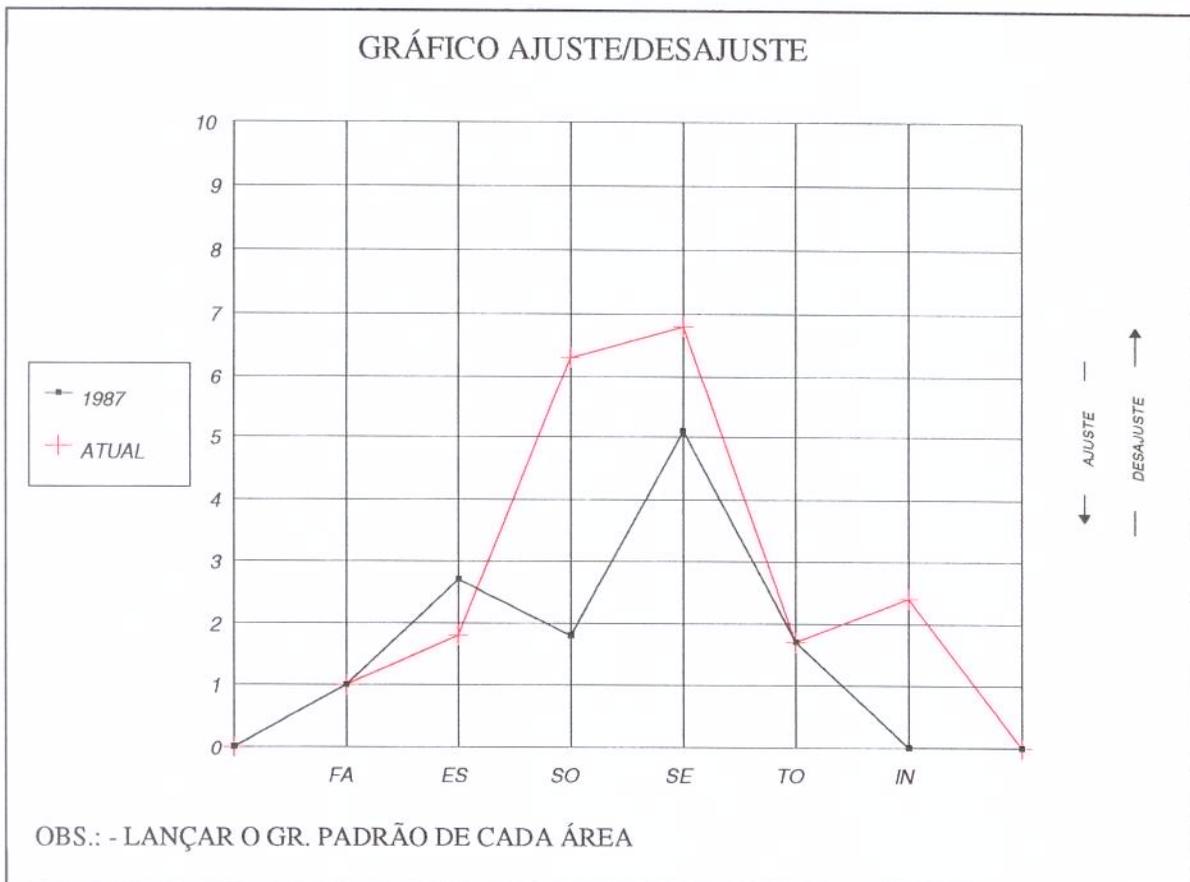


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 7 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	2	2	1	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	3	2	2.7	1.8
SOCIAL	34 - 44	0.9	2	7	1.8	6.3
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	4	5.1	6.8
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	1	1.7	1.7
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	0	4	0	2.4

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

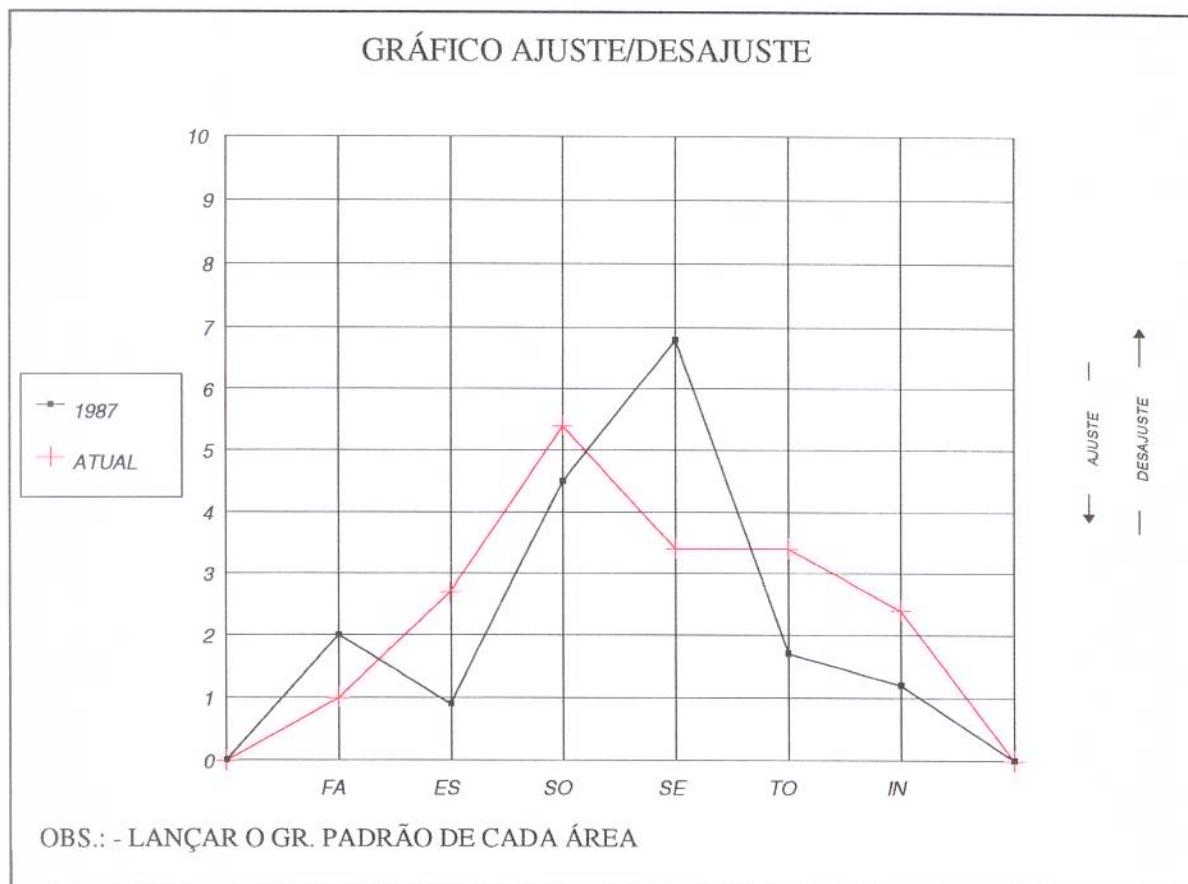


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 8 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	2	4	2	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	1	3	0.9	2.7
SOCIAL	34 - 44	0.9	5	6	4.5	5.4
SEXUAL	45 - 50	1.7	4	2	6.8	3.4
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	2	1.7	3.4
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	2	4	1.2	2.4

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

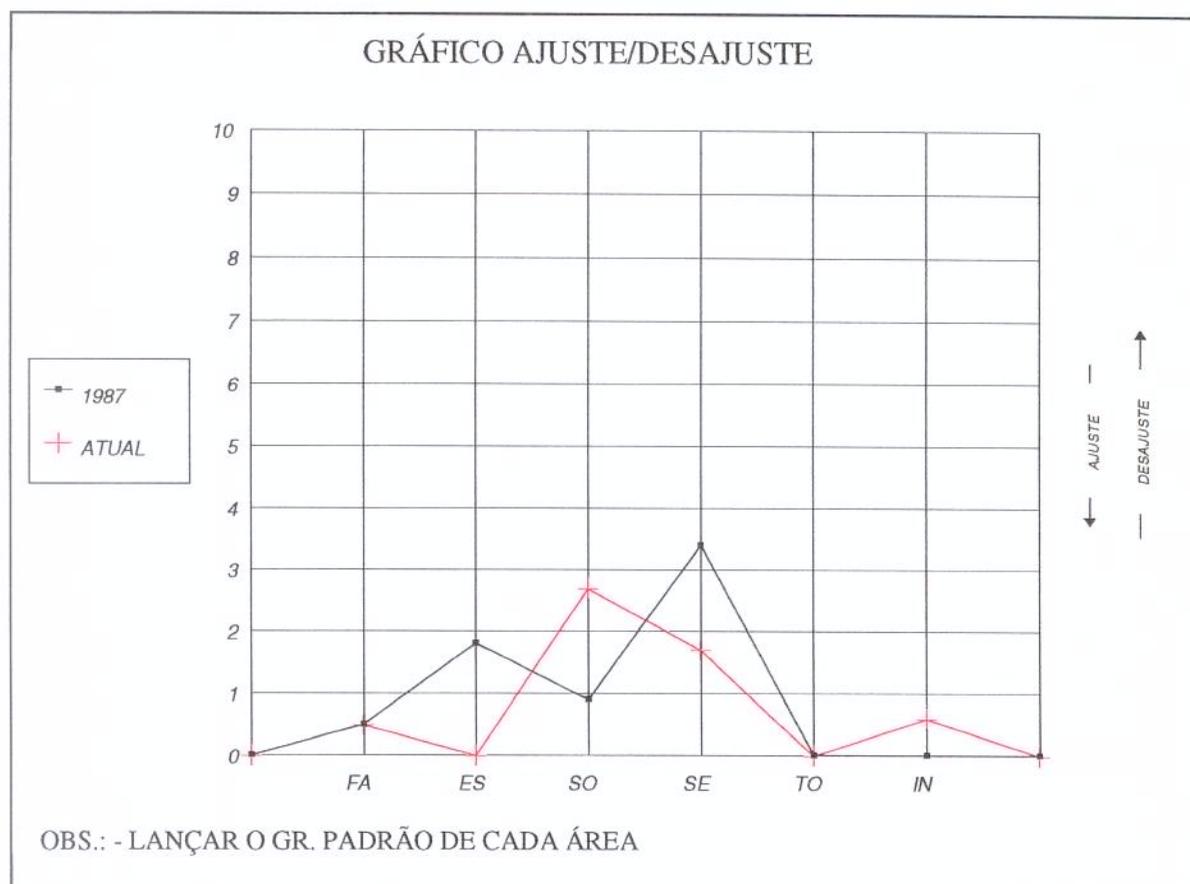


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 9 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	1	1	0.5	0.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	2	0	1.8	0
SOCIAL	34 - 44	0.9	1	3	0.9	2.7
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	1	3.4	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	0	0	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	0	1	0	0.6

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

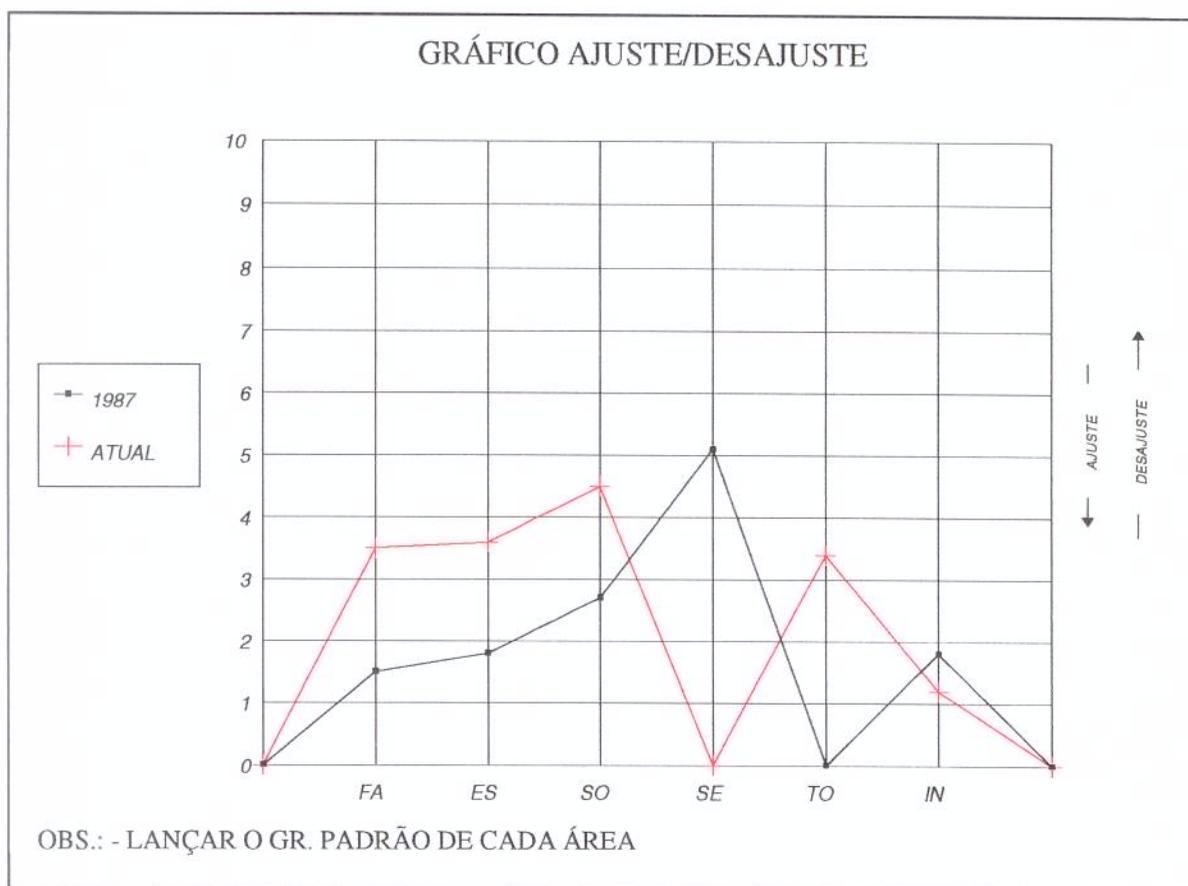


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 10 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	3	7	1.5	3.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	2	4	1.8	3.6
SOCIAL	34 - 44	0.9	3	5	2.7	4.5
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	0	5.1	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	2	0	3.4
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	3	2	1.8	1.2

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

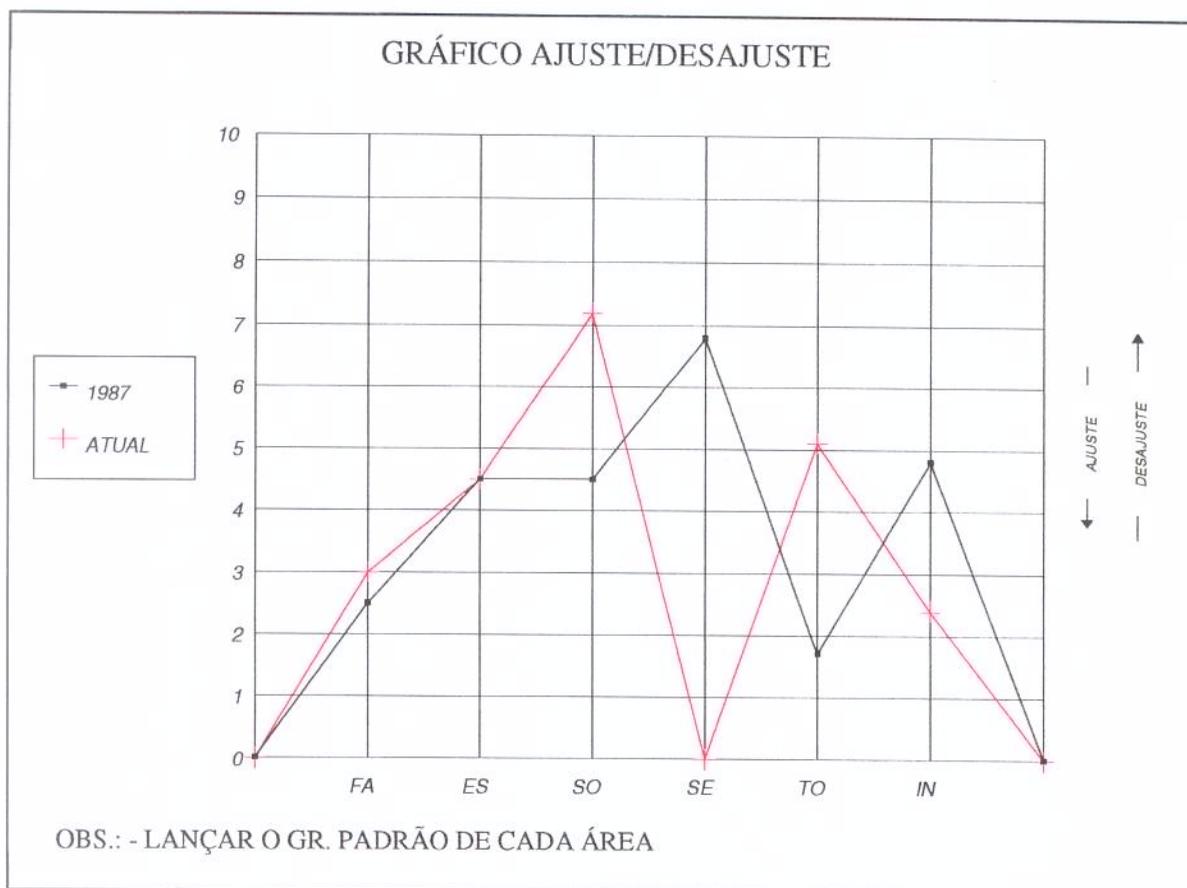


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 11 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	5	6	2.5	3.0
ESCOLAR	23 - 33	0.9	5	5	4.5	4.5
SOCIAL	34 - 44	0.9	5	8	4.5	7.2
SEXUAL	45 - 50	1.7	4	0	6.8	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	3	1.7	5.1
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	8	4	4.8	2.4

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

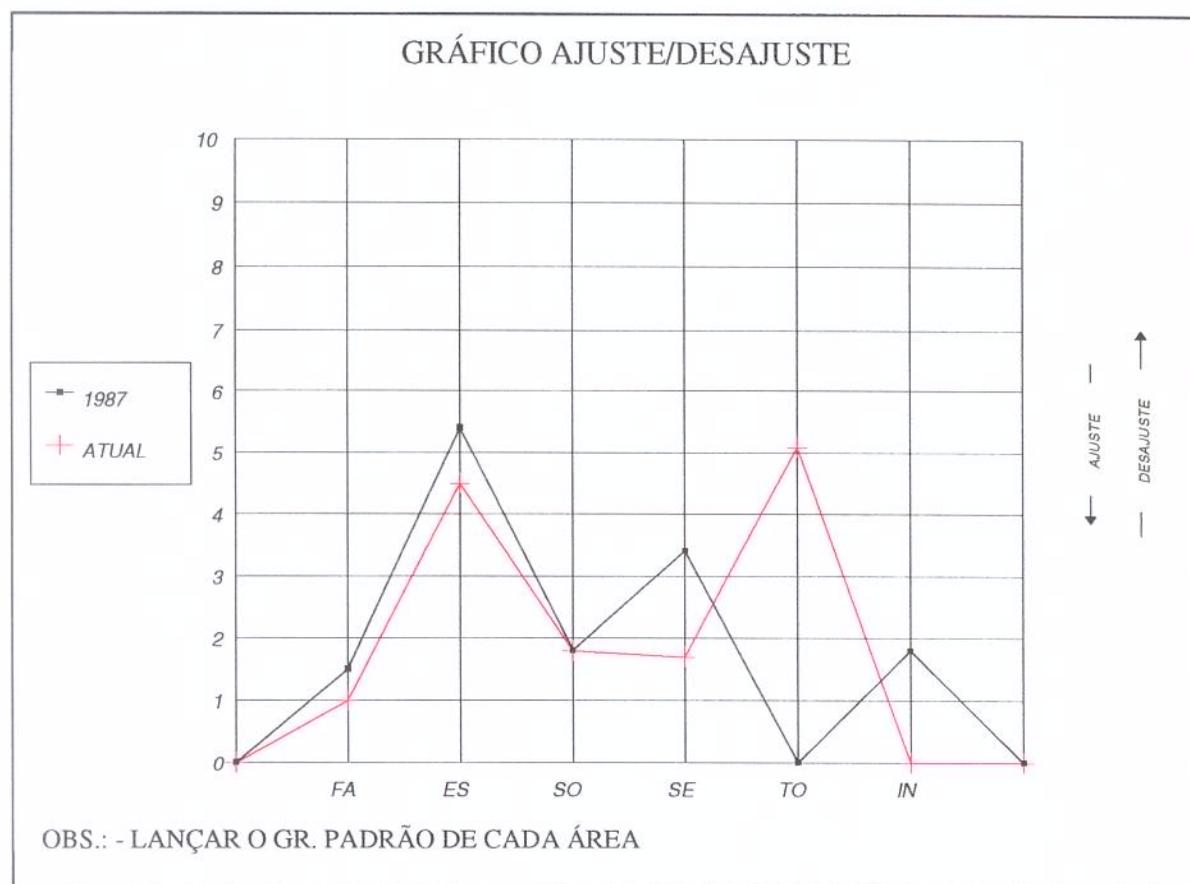


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 12- G.P.O. - Tóxicos

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	3	2	1.5	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	6	5	5.4	4.5
SOCIAL	34 - 44	0.9	2	2	1.8	1.8
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	1	3.4	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	3	0	5.1
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	3	0	1.8	0

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

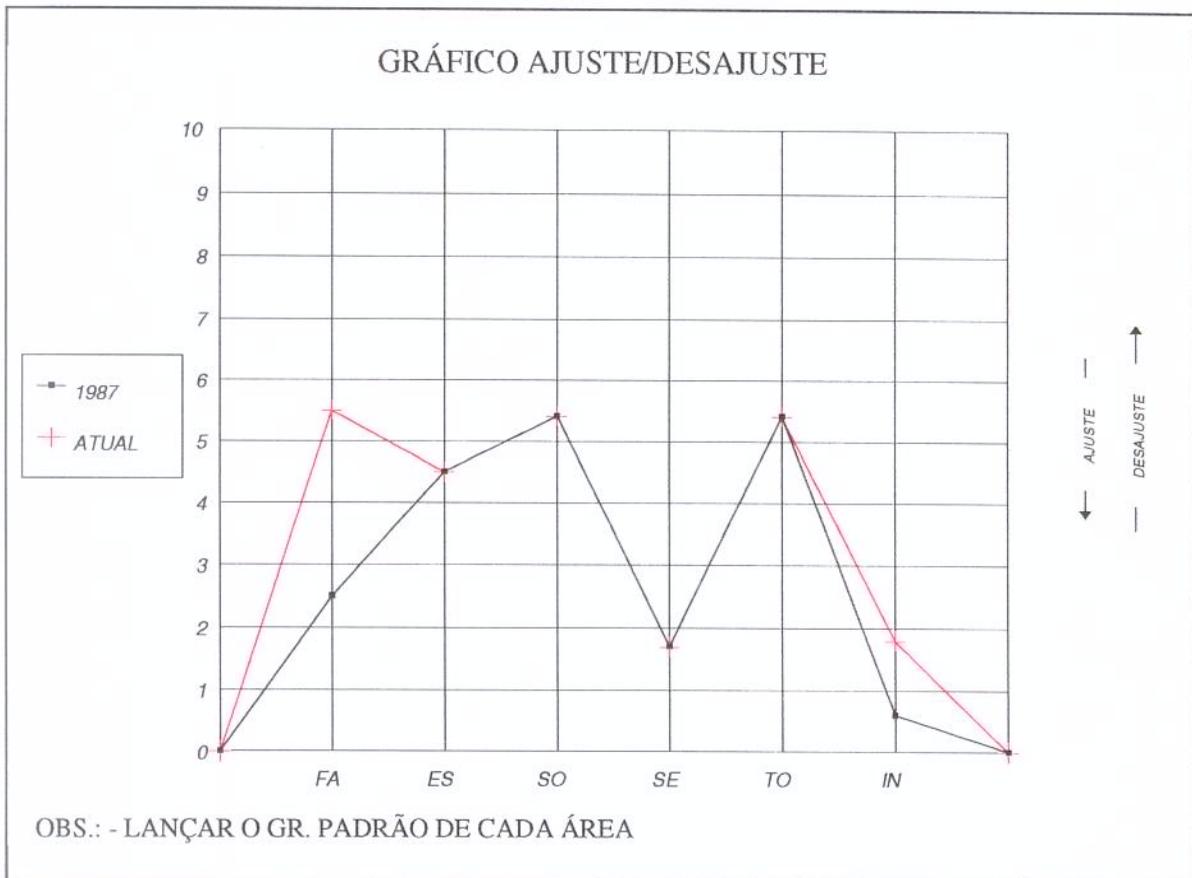


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 13- G.P.O. - Tóxicos

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	5	10	2.5	5.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	5	5	4.5	4.5
SOCIAL	34 - 44	0.9	7	7	5.4	5.4
SEXUAL	45 - 50	1.7	1	1	1.7	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	3	3	5.4	5.4
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	1	3	0.6	1.8

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

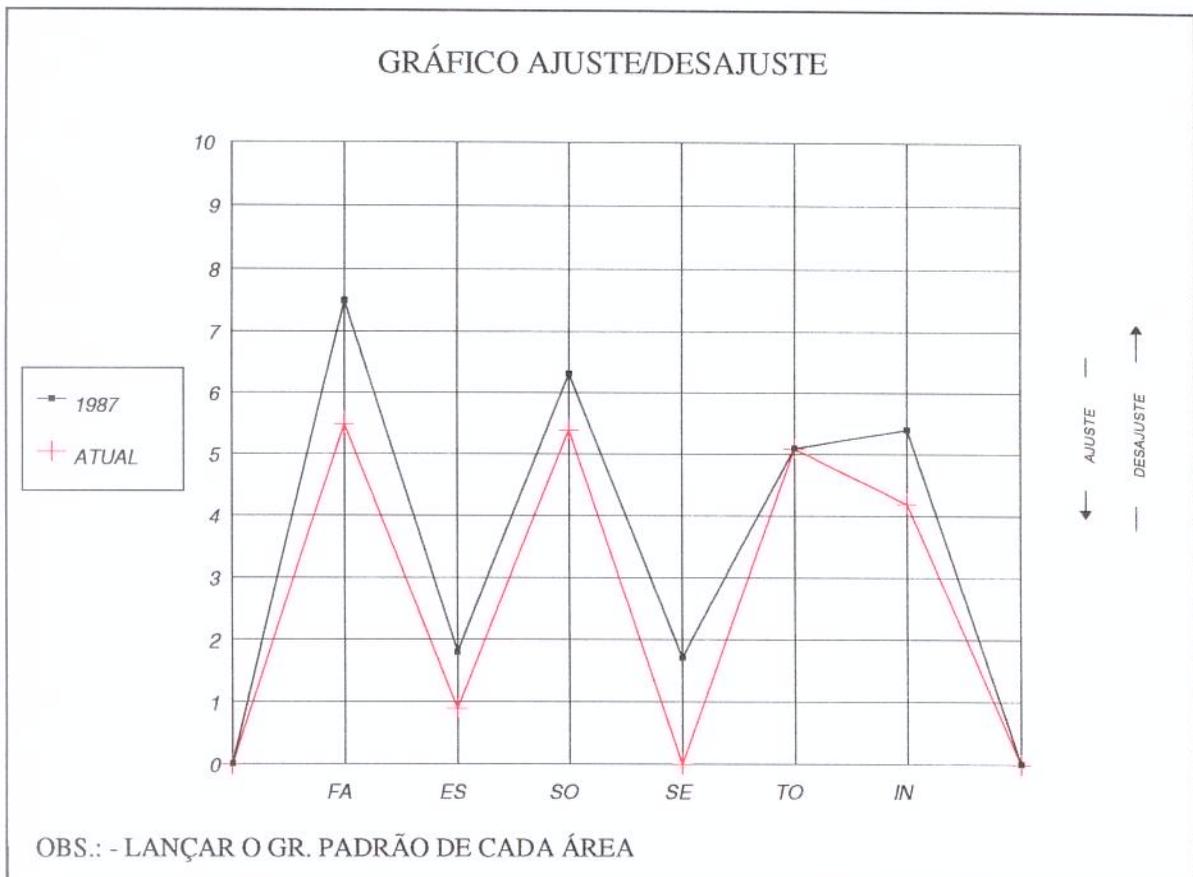


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 14 - G.P.O. - Relacionamentos Familiares

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	15	10	7.5	5.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	2	1	1.8	0.9
SOCIAL	34 - 44	0.9	7	6	6.3	5.4
SEXUAL	45 - 50	1.7	1	0	1.7	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	3	3	5.1	5.1
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	9	7	5.4	4.2

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

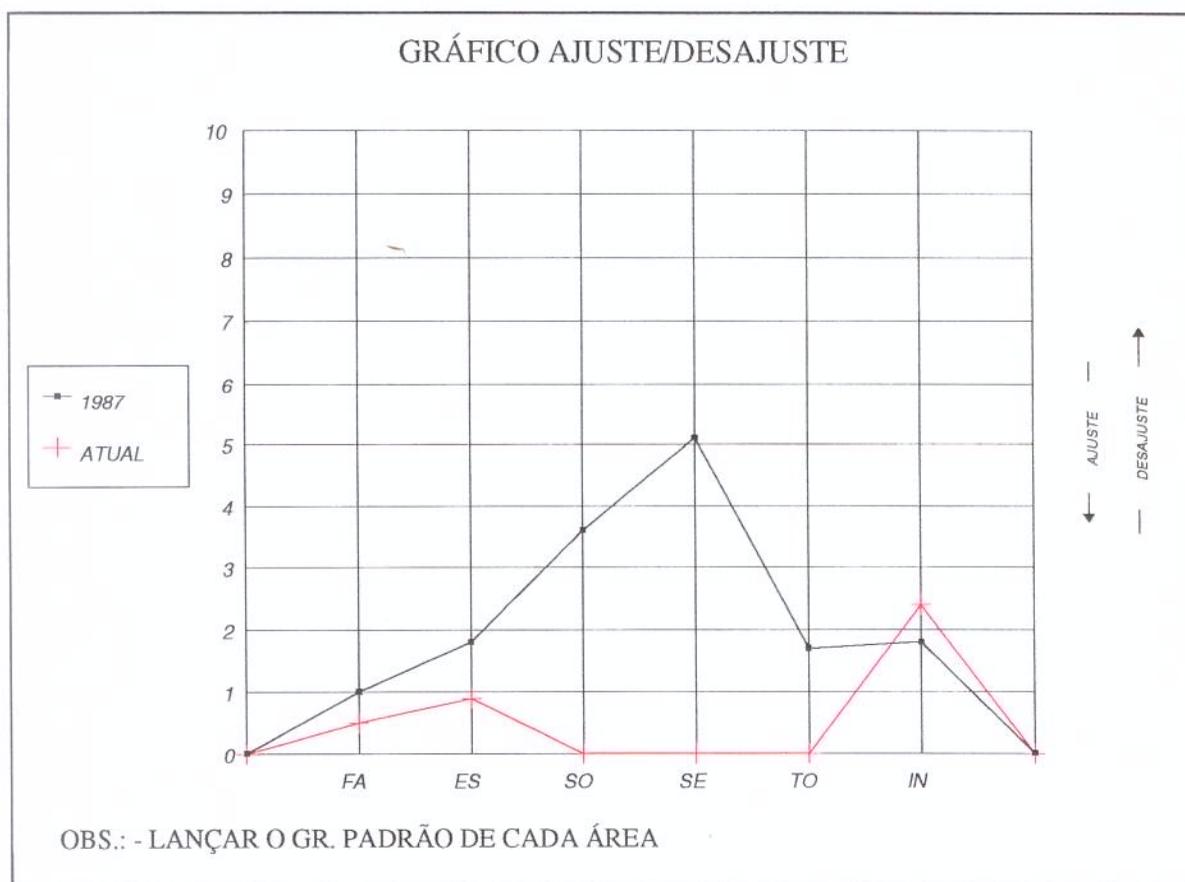


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 15- G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	2	1	1.0	0.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	2	1	1.8	0.9
SOCIAL	34 - 44	0.9	4	0	3.6	0
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	0	5.1	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	1	0	1.7	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	3	4	1.8	2.4

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

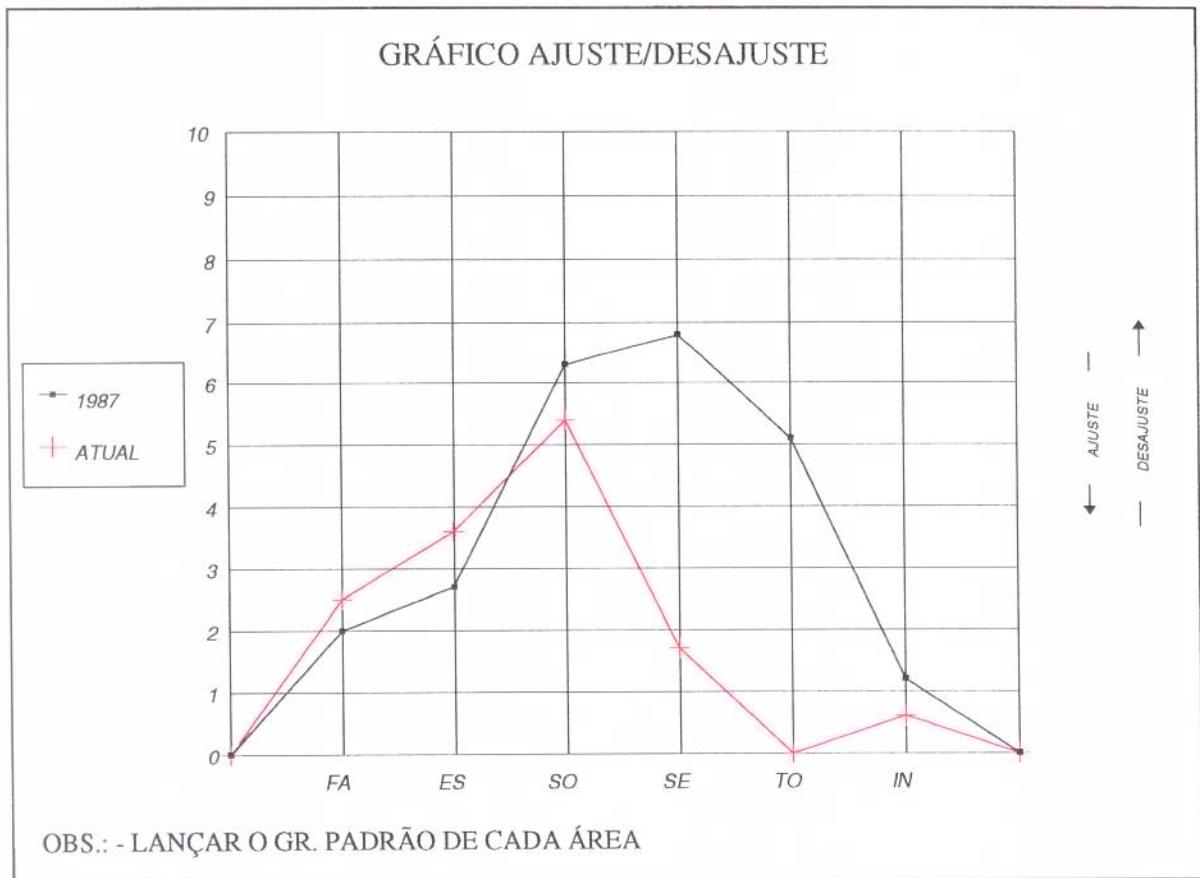


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S16- G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	4	5	2	2.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	3	4	2.7	3.6
SOCIAL	34 - 44	0.9	7	6	6.3	5.4
SEXUAL	45 - 50	1.7	4	1	6.8	1.7
TÓXICOS	51 - 56	1.7	3	0	5.1	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	2	1	1.2	0.6

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

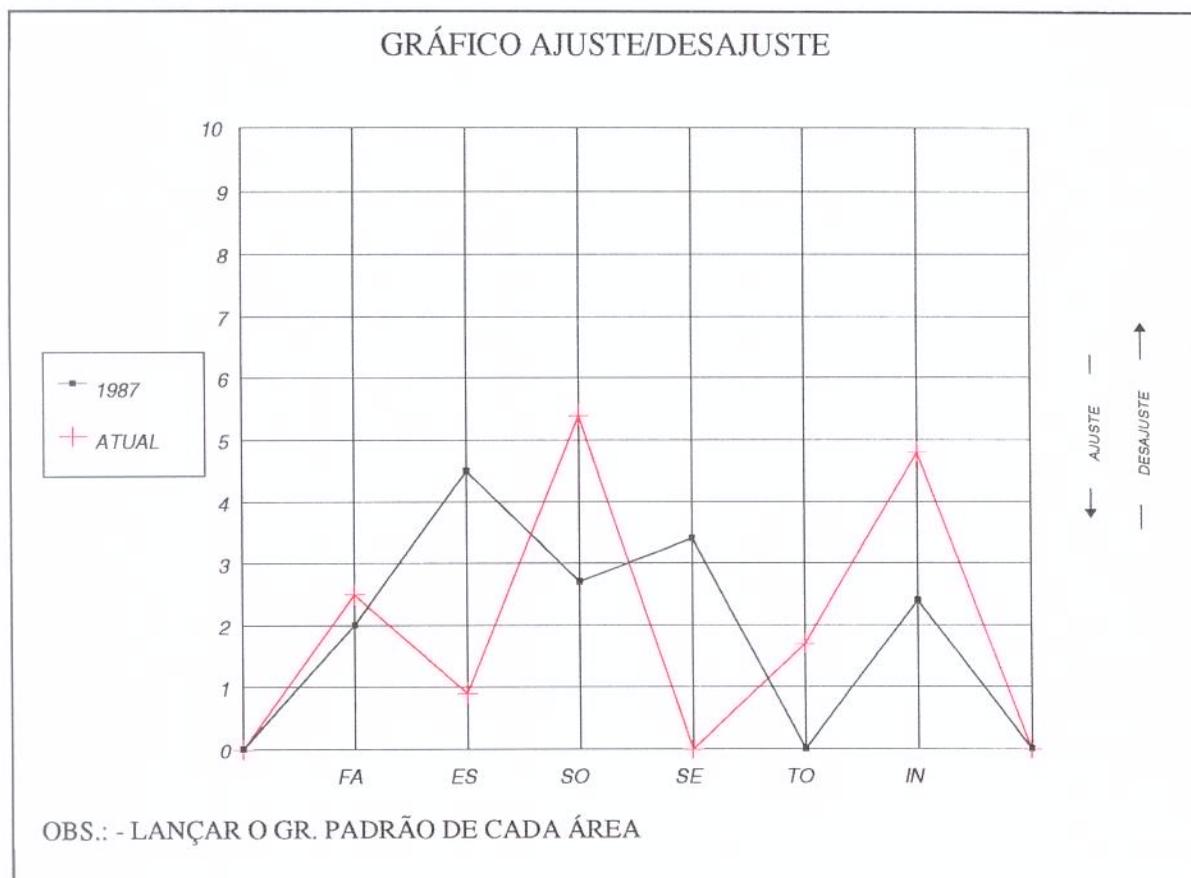


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 17- G.P.O. - Estudos e Profissões

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	4	5	2	2.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	5	1	4.5	0.9
SOCIAL	34 - 44	0.9	3	6	2.7	5.4
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	0	3.4	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	1	0	1.7
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	4	8	2.4	4.8

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

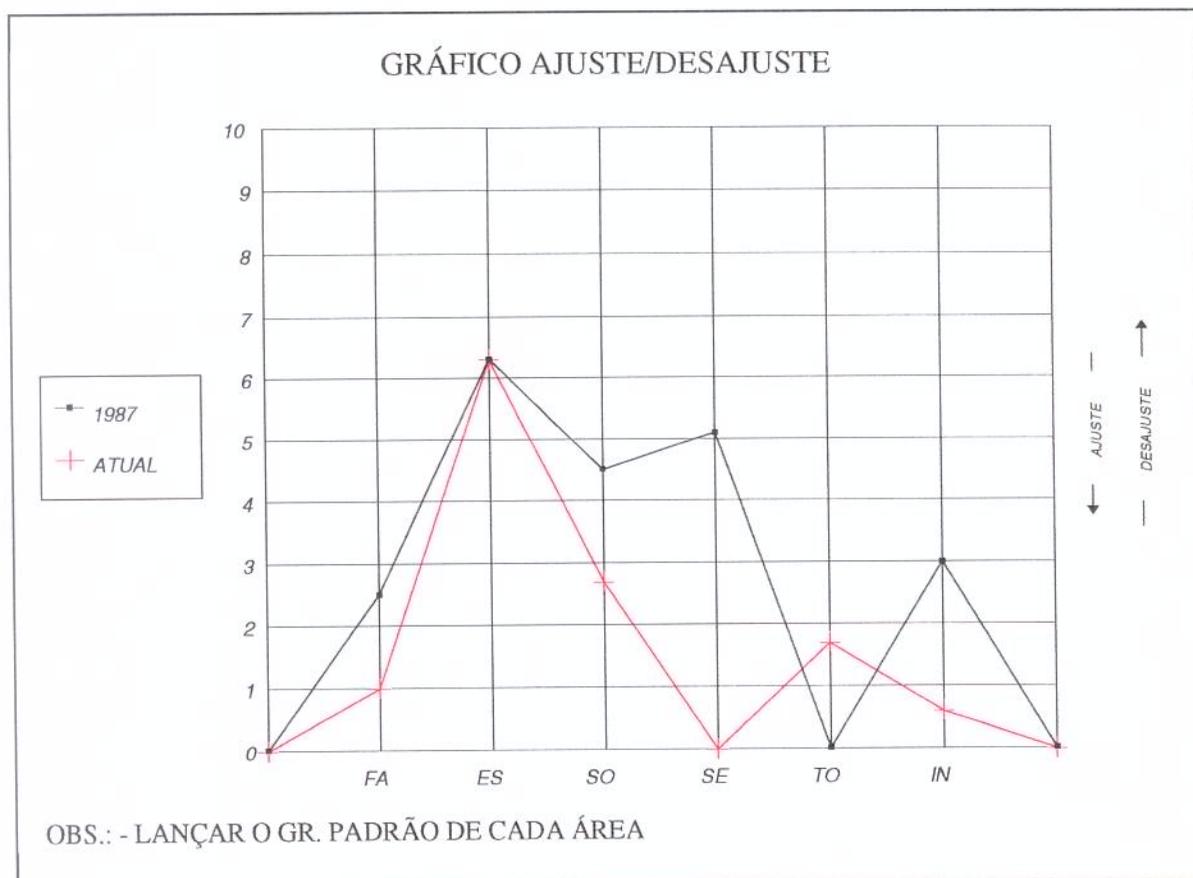


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 18 - G.P.O. - Sexualidade

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	5	2	2.5	1
ESCOLAR	23 - 33	0.9	7	7	6.3	6.3
SOCIAL	34 - 44	0.9	5	3	4.5	2.7
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	0	5.1	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	1	0	1.7
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	5	1	3	0.6

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

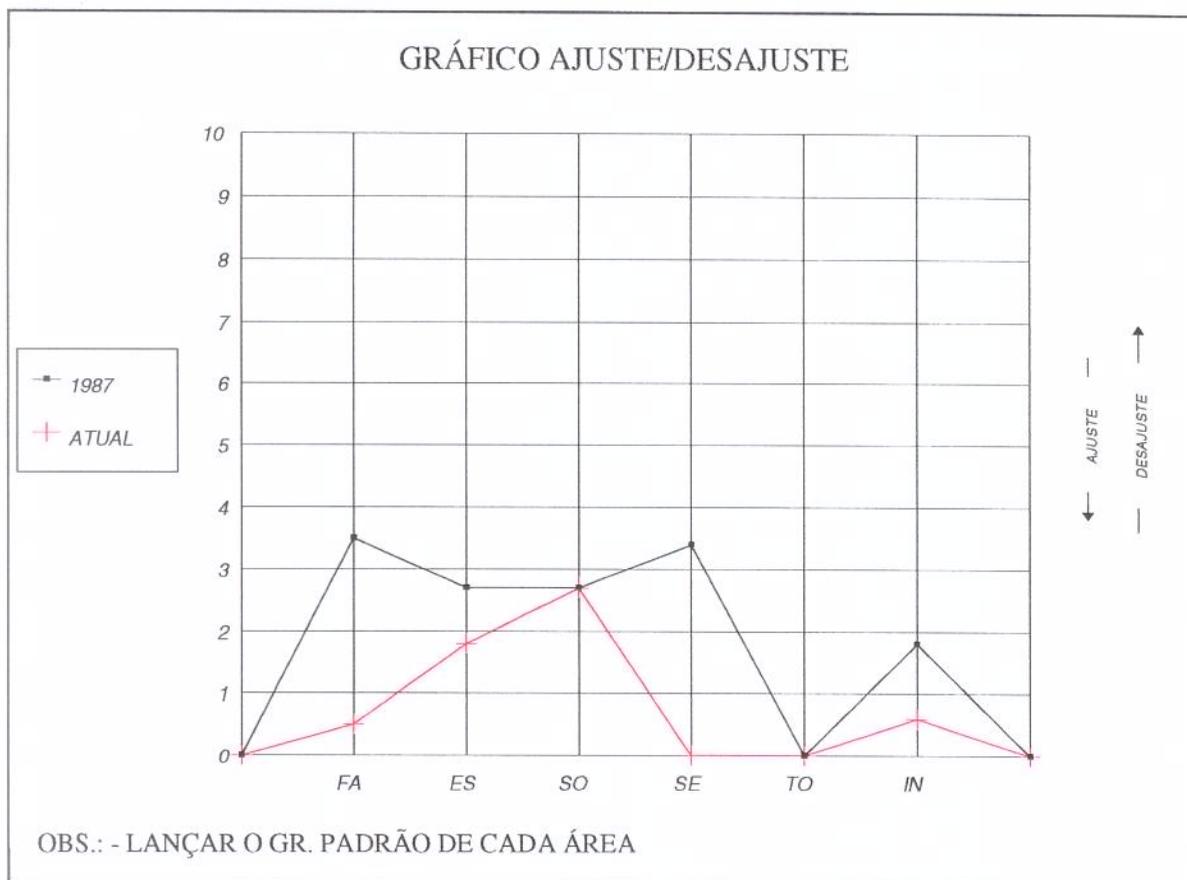


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 19 - G.P.O. - Relacionamentos Familiares

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	7	1	3.5	0.5
ESCOLAR	23 - 33	0.9	3	2	2.7	1.8
SOCIAL	34 - 44	0.9	3	3	2.7	2.7
SEXUAL	45 - 50	1.7	2	0	3.4	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	0	0	0
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	3	3	1.8	0.6

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO

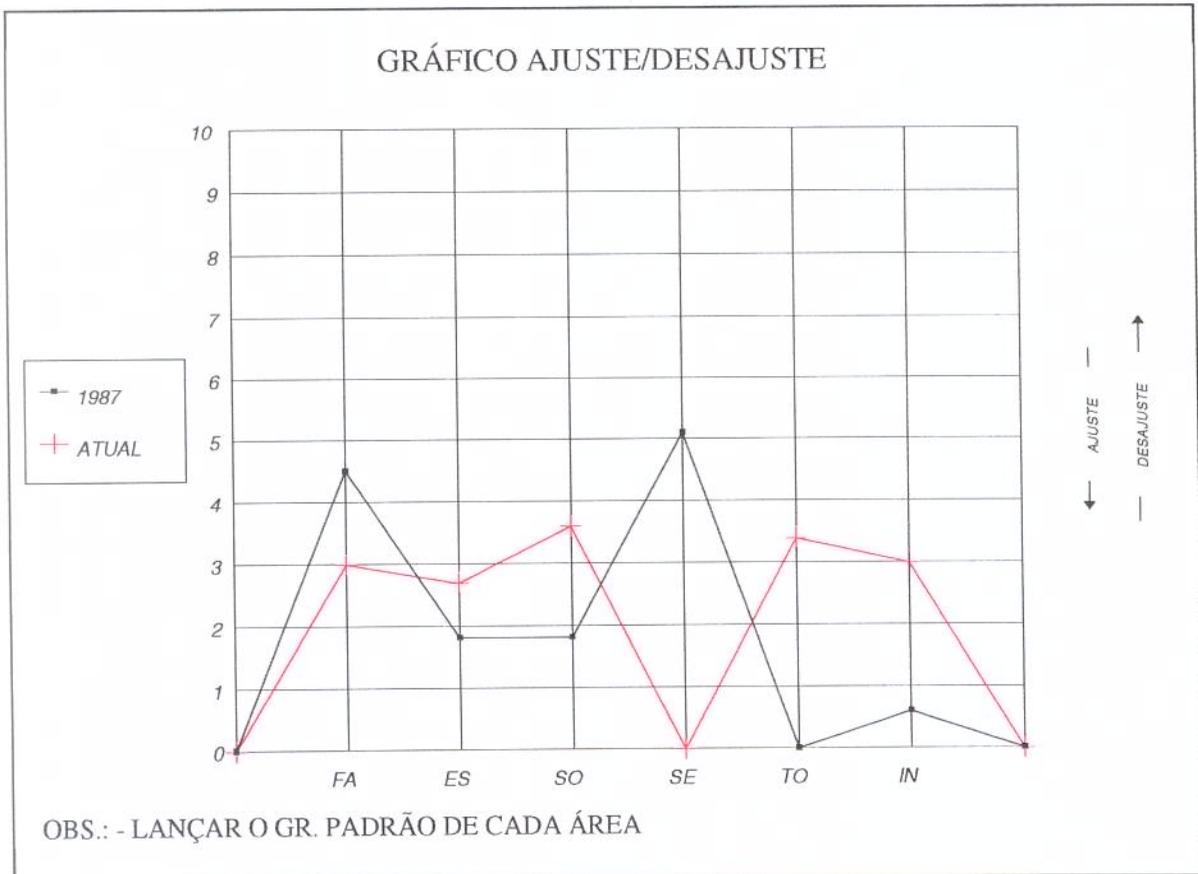


AVALIAÇÃO "R-4"

NOME : S 20 - G.P.O. - Relacionamentos Familiares

ÁREAS		COEFICIENTE	GR. BRUTO		GR. BRUTO	
			1987	atual	1987	atual
FAMILIAR	03 - 22	0.5	9	6	4.5	3.0
ESCOLAR	23 - 33	0.9	2	3	1.8	2.7
SOCIAL	34 - 44	0.9	2	4	1.8	3.6
SEXUAL	45 - 50	1.7	3	0	5.1	0
TÓXICOS	51 - 56	1.7	0	2	0	3.4
INDIVIDUAL	57 - 73	0.6	1	5	0.6	3.0

OBS.: - COEFICIENTE X GR. BRUTO = GR PADRÃO



ANEXO VII

ROTEIROS DOS GRUPOS PSICODINÂMICOS DE ORIENTAÇÃO REALIZADOS DENTRO DO PROGRAMA "PREVENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE MENTAL COM ADOLESCENTES TRABALHADORES DA UNICAMP"

GRUPO 1: PREVENTIVO DE ORIENTAÇÃO SOBRE RELACIONAMENTOS FAMILIARES

Técnica proposta: Dinâmica de Grupo e Psicoterapia Breve Focal com o duração total de 07
encontros.

• 1ª REUNIÃO:

- 1) Técnica de apresentação. Os membros do grupo formaram subgrupos de 2 pessoas que se entrevistavam mutuamente. A seguir, voltavam todos ao grande grupo e cada membro fazia a apresentação do colega entrevistado.
- 2) Apresentação dos Gráficos resultantes dos seus Questionários do Adolescente, respondidos por eles, e discussão reflexiva sobre os seus resultados.
- 3) Estabelecimento de contrato para funcionamento do Grupo de Orientação, com as seguintes características (semelhantes às da Psicoterapia Breve Focal):
 - Foco: Os Relacionamentos;
 - Tempo: 7 Encontros de 1,20h. cada;
 - Regras sobre sigilo e respeito ao grupo.

• **2ª REUNIÃO:**

- 1) Técnica de Dinâmica de grupo "Conhecimento Pessoal" O objetivo desta técnica era proporcionar aos jovens oportunidade de uma revisão e reflexão pessoal, sendo isto demonstrado através do desenho de uma linha com ângulos e curvas, feito por cada pessoa, numa folha em branco, representando fatos da própria vida, os quais seriam explanados ao grupo.
- 2) Solicitação do desenho da Família.
- 3) Discussão dos gráficos de vida obtidos. 3ª, 4ª, 5ª e 6ª Reuniões: Encontros abertos com objetivo de:
 - dar ao adolescente, oportunidade de livre expressão dos seus sentimentos. Pode-se também usar outros recursos técnicos tais como:
 - a) Listar o que gostam ou não nos pais;
 - b) Dramatizar situações;
 - c) Debater os motivos de não falar de seus problemas; com os pais e falar com amigos;
 - d) Redigir sobre o que gostam ou não em si mesmos.

• **7ª REUNIÃO:**

- 1) Reflexão sobre a influência dos relacionamentos familiares sobre os demais relacionamentos dos jovens. Podemos usar o recurso das questões a serem debatidas, tais como:
 - a) Como estão nossos relacionamentos?
 - b) Como sentimos nosso grupo?
 - c) Encerramento com alguma técnica de dinâmica de grupo como, por exemplo, a do "Presente da Alegria".

GRUPO 2: PREVENTIVO DE ORIENTAÇÃO SOBRE TÓXICOS.

- **1ª REUNIÃO:** Tinha o objetivo de conhecer os jovens elementos do grupo.
Usou-se a "Técnica da Apresentação" onde o objetivo é proporcionar oportunidade de se conhecerem (já descrito no Grupo sobre Relacionamentos Familiares).
Leitura e Comentário do Texto: "Os jovens diante do mundo, da família e da escola" extraído do livro "O que devem saber pais, professores e jovens sobre Tóxicos e Alcoolismo" de Edson Ferrarini, lembrando que hoje poderia ser usada outra literatura.

- **2ª REUNIÃO:** Leitura e Discussão em grupo do texto:
"Porque uma pessoa se torna viciada?", do livro citado acima.
Obs.: O texto foi usado apenas como disparador do assunto, mas a seguir acontece um encontro de orientação, com entendimento psicodinâmico do grupo.

- **3ª REUNIÃO:**
 - 1) Elaboração em grupos menores (mais ou menos 3 pessoas) de perguntas que gostariam de colocar sobre Tóxicos e sobre jovens.
 - 2) Discussão, no grupo todo, das questões levantadas no grupo menor.

- **4ª REUNIÃO:**

A partir das perguntas levantadas na reunião anterior, usar a técnica de dinâmica de grupo "Jogo da Verdade". a qual tem como objetivos:

 - a) conhecimento mútuo;
 - b) a liberação da personalidade;
 - c) a desinibição, o desbloqueio.

Membros voluntários do grupo ocupavam uma cadeira localizada no centro do círculo e respondiam questões formuladas anteriormente, com o compromisso de dizer somente a verdade.

Seguíam-se depoimentos e comentários sobre a vivência deste encontro.

• **5ª REUNIÃO:**

Leitura e discussão do texto: "Como os jovens se iniciam nos tóxicos", do livro já citado. Tal texto é usado como disparador do encontro de orientação e reflexão.

• **6ª REUNIÃO:**

Encontro aberto.

• **7ª REUNIÃO:**

- 1) Leitura de uma história de um adolescente drogado.
- 2) Técnica do "Júri": para discussão da história, constituindo-se membros como advogados de acusação e de defesa e um Juiz.

• **8ª REUNIÃO:**

- 1) Comentários sobre os encontros.
- 2) Técnica de dinâmica de grupo: "Presente da Alegria", a qual foi aplicada com o objetivo de promover uma clima de confiança pessoal, valorização e possibilitando o dar e receber um "feedback" positivo num ambiente grupal.

Formaram-se subgrupos menores e cada membro do sub-grupo deveria escrever uma mensagem específica, positiva, para cada colega, dizendo o que gosta ou o que sente nele.

Todas as mensagens seriam endereçadas aos colegas, colocadas numa caixa e lidas por todos.

Seguia-se um comentário sobre as reações despertadas pelos "presentes da alegria".

- Encerramento.

GRUPO 3: PREVENTIVO DE ORIENTAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE

• 1ª REUNIÃO:

Conhecimento dos elementos do grupo:

- 1) Foi usada a "Técnica da Apresentação", onde o objetivo, é proporcionar oportunidade de se conhecerem (já descrita no grupo 1).
- 2) Foram subdivididos novamente, em três grupos, e pedir que elaborem, por escrito, perguntas sobre "o que gostariam de saber sobre sexualidade?"
- 3) Foi pedido que um relator de cada sub-grupo lesse as questões para o grande grupo.

• 2ª REUNIÃO:

- 4) Foi pedido o desenho da figura humana, para entender como estão as identidades, os conflitos, ansiedades e mecanismos de defesa de cada jovem.
- 5) Retomou-se as questões sobre sexualidade formuladas na reunião anterior e iniciou-se uma discussão sobre as mesmas.

• **3ª REUNIÃO:**

Colocou-se à disposição dos jovens, 2 ou 3 exemplares do livro "O que está acontecendo comigo" de Peter Mayle, Arthur Robins e Paul Walter para que lessem em grupos pequenos.

Formação do grande grupo e discussão das dúvidas ou pontos importante e/ou interessantes do livro.

• **4ª REUNIÃO:**

Idem à 3ª Reunião.

• **5ª REUNIÃO:**

Explicação sobre:

- 1) Anatomia e Fisiologia do Aparelho Genital Masculino e Feminino.
- 2) Explicação sobre Concepção, Nascimento etc., baseadas no livro "Educação Sexual nas Escolas" de Maria Helena Matarazzo.
- 3) Colocação de dúvidas, por escrito.

• **6ª REUNIÃO:**

- 1) Novo espaço para colocação de dúvidas, por escrito e discussão das mesmas.
- 2) Se necessário (caso não surjam questões) inserção de assuntos: Menstruação, Ejaculação, Hormônios, Ereção, Prazer, Homossexualismo, Aborto, Problemas psicológicos.

• **7ª REUNIÃO:**

Técnica de dinâmica de Grupo: do "Júri", constituindo-se a banca do advogado de defesa e de acusação e sendo o réu o "Aborto".

- **8ª REUNIÃO:**

Avaliação do grupo e aplicação da técnica "Presente da Alegria" conforme descrita no texto do Grupo de Orientação Psicológica sobre tóxicos. Encerramento.

GRUPO 4: PREVENTIVO DE ORIENTAÇÃO SOBRE ESTUDOS E PROFISSÃO

- **1ª REUNIÃO:**

- 1) Conhecimento dos elementos do grupo (fazer crachás)
- 2) Usar a "técnica da Apresentação" onde o objetivo é proporcionar oportunidade de se conhecerem, (já descrita no Grupo 1.)
- 3) Aplicar o "Inventário de Hábitos de Estudo"
- 4) (fazer as questões verbalmente e os jovens respondem por escrito).

- **2ª REUNIÃO:**

Avaliação dos Inventários.

Discussão sobre os resultados.

- **3ª REUNIÃO:**

Discussão com o grupo da Avaliação-Resumo (do grupo) e dos resultados individuais.

- **4ª REUNIÃO:**

Ler e discutir o texto: "Como estudar" de Paulo Freire.

Abertura para o relato de suas vidas escolares.

• **5ª REUNIÃO:**

Aplicar o "Inventário do Interesses" de Angelini.

• **6ª REUNIÃO:**

Analisar com o grupo, os resultados dos Inventários de Interesses.

• **7ª REUNIÃO:**

Abertura para discussão com enfoque psicodinâmico, sobre seus desejos profissionais.

Sugerir que entrevistem profissionais nos campos de seus interesses.

• **8ª REUNIÃO:**

1) Apresentação de um Panorama de Grupos das Profissões.

2) Deixar à disposição para consultas:

O "Dicionário das Profissões" (C.I.E.E., 1981) e o Texto sobre profissões da Revista "Isto É".

• **9ª REUNIÃO:**

Discussão, com enfoque psicodinâmico, sobre suas vidas escolares, desejos profissionais e viabilidade de execução de seus planos, frente à suas realidades sócio-econômicas e familiares.

• **10ª REUNIÃO:**

Finalização do Grupo usando a Técnica de dinâmica de grupo "Presente da Alegria".

ANEXO VIII

ENTREVISTAS ABERTAS COM OS SUJEITOS.

ENTREVISTA:

"Você, juntamente com outros colegas seus (cito nomes de Mensageiros do seu grupo) esteve comigo em 1987, quando era Mensageiro da UNFCA/MLP, fazendo um Grupo de Orientação Psicológica sobre na Adolescência. Descreva sinceramente, por favor, o que significou para você a vivência desse grupo".

Esta foi a questão colocada, após termos entregue uma carta onde agradecíamos o sujeito por estar colaborando com uma pesquisa de pós-graduação sobre a validade do trabalho de prevenção na área de Saúde Mental do adolescente.

Faremos a seguir um relato das respostas obtidas praticamente "ipsis litteris", nos quais procuramos apenas colocar, entre parêntesis, alguns complementos de frases, afim de que a linguagem coloquial ficasse compreensível.

As letras colocadas entre parêntesis dentro dos relatos (Unidades de Contexto), referem-se às Categorias estabelecidas com a Análise de Conteúdo.

• **SUJEITO 1**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo feminino, solteira, trancou matrícula na universidade.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"Pude conhecer muito bem as pessoas que estavam ali, (B) principalmente as que convivo mais. Aprofundar, conhecer as pessoas. Tinha pelo menos um horário (D) para a gente se conhecer melhor. No trabalho a gente conhece pouco. Com as informações recebidas (A) eu me liberei mais (D) em todas as questões. Antes eu nem "abria a boca" em reuniões. Embora eu já tivesse informações através do ... , depois do grupo a gente começou a falar mais. Eu aprendia lá e passava para outras pessoas (D). Era muito enriquecedor. (B). Quando falava que tinha reunião de grupo, todos queriam ir (B), se conhecer. Depois que terminou o grupo continuamos nos encontrando no horário de almoço e discutíamos assuntos de serviço, etc. (D) Se cada Mensageiro passasse pelo que a gente passou! Valeu a pena!" (D).

• **SUJEITO 2**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, cursa terceiro colegial.

G.P.O. FREQUENTADO : Tóxicos.

" Foi válido (D) pra caramba! Dali tenho meus melhores amigos (B) : A,.... Conheci várias pessoas. Achei interessante o debate (E). Devia ser prolongado. Acho que não teve ponto negativo. O assunto foi legal. Despertou curiosidade. Depois eu entrei em uso (E); outras pessoas também. O grupo foi interessante; as brincadeiras. Era oportunidade para não trabalhar (E), mas também de ver coisas novas (A). Era uma diversão, por causa do encontro (B) com pessoas da própria idade. Os debates tinham coisas profundas, às vezes ficava sem graça (G) em responder "

• **SUJEITO 3**

Identificação: 22 anos, sexo masculino, solteiro, interrompeu primeiro grau em 1988.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"Lembro pouco do Curso (C). Naquela época não via o negócio como um progresso, (G) mas ia mais pelo grupo em si (B), para ver as pessoas. A gente só sabe que é bom mesmo, (D) quando já passou. O debate em si, não era tão interessante (G). O importante era encontrar (B) os colegas, única oportunidade de reunir, porque trabalhávamos em lugares diferentes. Antes de entrar na UNICAMP, como patrulheiro, fiz curso sobre sexualidade, mas era muito infantil. A gente dava risada. Na UNICAMP a gente não ia muito pelo tema, mas sim pelo encontro. (B). Amigos, naquela época a gente fez bastante, mas o tempo vai distanciando. As palestras e as festinhas é que aproximavam mais as pessoas, isto se houvesse agora. Se a UNICAMP chamasse todos os mensageiros desde 1982 para cá, reunisse no Ginásio (de Esportes), penso que daria uns 70% do pessoal da UNICAMP (G)."

• **SUJEITO 4.**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo feminino, casada, segundo grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Tóxicos.

" Não tínhamos uma orientação. É muito bom (D). Deveria continuar, não sei se vocês fazem hoje com os guardinhas. Às vezes eu tinha preguiça de ir, mas a chefia fazia ir. Fez com que nunca me envolvesse com droga nenhuma: cigarro, álcool, nada (D). Fiquei muito agradecida mesmo! Mesmo dentro de casa, mãe, irmã, cinco pessoas fumam e três não fumam. Minha avó, coitadinha, não fuma. Meu avô fumava. Tenho amigo, aqui na UNICAMP, chegou agora a quase overdose. Ele não era mensageiro. Prejudicou a saúde dele (G). Lembro de alguns amigos que eram do grupo, mas perdemos contato. Só encontro com os que trabalham comigo. Pela oportunidade de fazermos contato com mensageiros de lá de baixo (outras áreas da UNICAMP) pudemos conversar e pensar no movimento Mensocamp (D), e batalhar pela estabilidade do nosso emprego (D)."

• **SUJEITO 5**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo feminino, solteira, cursando terceiro colegial.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"O problema é que nem me lembrar, não me lembro (F) direito do curso (C). Não lembro nem de algumas pessoas, direito. Na época foi bom, mas poderia ter sido mais intensivo. Deveria ter sido uma coisa mais aperfeiçoada (C) para os Mensageiros e haver uma continuação disso. Achei que foi pouco e que ficaram muitas dívidas (C). O tempo foi curto e não deu para tirar todas as dívidas. No começo a gente levava na brincadeira. A minha chefia não causava problemas para eu ir, outras sim (G). Havia uma "zoeira" por causa do encontro do pessoal. "Olha a gente vai falar sobre sexo". Depois, no curso, era coisa normal. Alguns fingiam que só brincavam para não mostrar o interesse no curso (C). Eu achava bom encontrar o pessoal e era um espaço gostoso para a gente se conhecer, estar juntos (B), e algumas amizades ficaram presentes até hoje (D). Hoje vejo os guardinhas não tendo essa oportunidade (D)."

• **SUJEITO 6**

IDENTIFICAÇÃO: 24 anos, sexo masculino, solteiro, interrompeu estudos na sétima série do primeiro grau, em 1988.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"A gente tem de ter um acompanhamento. Em casa, minha mãe foi quem "bateu" (educou), não sei o que ... Não conversei com meu pai (G). O grupo foi bom (D). Tivemos até lazer, acompanhamento psicológico. Ajudou. Eu acho que não fui muito ao grupo. Não me lembro nem o nome das pessoas (F). Me lembro da ocasião em que voltei lá para dizer que tinha respondido errado, não tinha entendido a pergunta e voltei preocupado, dizendo que não era nada daquilo (G) (a questão referia-se à atração pelo sexo oposto). A gente era muito bagunceiro, fazia barulho, falava alto" (G).

• **SUJEITO 7**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo feminino, solteira, cursando universidade.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"Gostei muito (D). Lembro bem. Achei importante, muita coisa eu não sabia. Tinha ouvido falar, mas não com detalhes" (A). Por ser em grupo facilitou (B), empolgou, a gente estava sempre junto. Sempre gostei de participar dessas coisas. Era uma Idéia significativa: todo mundo da mesma idade, queriam saber das mesmas coisas, isto incentivou bastante (B). Antes da orientação já tínhamos um pequeno grupo e depois mais pessoas, mais contato, mais amizade (B), que uniu alguns até hoje (D). Pudemos conhecer pessoas que trabalhavam distante. O grupo do Jornal, de discussão dos direitos dos Mensageiros, nasceu a partir do grupo de orientação (D), principalmente com os Mensageiros A... e K... (D) Na minha vida teve mudanças: esclareceu, tirou dúvidas, acrescentou (E). Minha mãe nunca conversara comigo. Além das informações do curso (B), mais importante foi a iniciativa de fazer um grupo só de pessoas da mesma idade. Fiz muitos amigos". (B)

• **SUJEITO 8**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, cursando terceiro ano do segundo grau.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"Foi muito bom para a nossa idade, naquela época (D), porque na escola a gente não tem. (A gente) aprendeu muito com as reuniões e com o grupo; oportunidade de conviver com pessoas e (principalmente) com pessoas da mesma idade (B), trocar idéias. Porque a gente fica 8 h. no trabalho, 4 h. da vida, na escola. Foi um trabalho legal que o pessoal desenvolveu com a gente (D). Pena que acaba! A realidade é diferente. Com o patrulheiro desta época, não está tendo? Que pena! Pessoas não têm oportunidade de participar de grupos. (D) Trabalho "devia" continuar. Incentivava o esporte, a saúde. Na vida pessoal era uma oportunidade de pensar. (D) Ver que eu tinha

um futuro (D) e precisava pensar, pois a gente pensava só em brincar. Nas reuniões tinha de ficar um pouco adulto".

• **SUJEITO 9**

IDENTIFICAÇÃO: 21 anos, sexo feminino, solteira, cursando universidade.

G.P.O. FREQUENTADO: sexualidade.

"Para mim achei bom (D). Convivendo com o grupo (B) fiquei menos tímida, mais extrovertida, conversei mais com as pessoas. Era uma orientação e com o grupo eu aprendia muito (B). São coisas que não se conversava em casa (D). Faz muito tempo, me lembro só disso (F). Não havia nada que eu não gostasse. Acho que o tema era importante para os meus quinze anos de idade" (A).

• **SUJEITO 10**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo masculino, casado, abandonou Universidade no primeiro ano.

G.P.O. FREQUENTADO: sexualidade.

"Foi bom (D). Eu já era mais avançado. Sobre AIDS a gente não sabia nada. Sobre muita coisa eu aprendi (.). Sobre AIDS a gente não dava importância. Foi uma porta de entrada. A gente ficava meio acanhado naquele tempo, mas na sala com portas fechadas eu, (D) a gente, podia falar. Das primeiras vezes a gente ficava acanhado, mas tudo era meio novidade. A gente nunca havia tratado como assunto sério antes. Depois, no ônibus e no trabalho a gente ainda conversava. Foi uma época boa. Amizades surgiram (B), conheci muita gente. (Nós, enquanto) Grupo de Mensageiros, éramos bem unidos. O Grupo de Orientação facilitou as amizades, (B) conhecer realmente as pessoas. Tínhamos liberdade, vocês davam liberdade para a gente se expor" (D).

• **SUJEITO 11**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo masculino, solteiro, segundo grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

"Ficamos "se" conhecendo melhor(B). A amizade ficou muito mais forte. Com esse curso (C) a gente aprendeu a gostar mais um do outro (D), ficar mais unido (A). A gente conversava, não só lá, mas também fora. Começamos a ver as coisas de outra maneira (D). Não me lembro (F) muito do curso sobre Sexualidade, mas sim sobre drogas, AIDS, (ocorridos) no Instituto de Artes (refere-se ao local onde realizamos algumas das atividades). Foi há muito tempo".

• **SUJEITO 12**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a oitava série.

G.P.O. FREQUENTADO: Tóxicos

" A princípio teve muita mentira (G). A maioria usava droga (G), não pesada, mas usava maconha, lança perfume, não heroína ou cocaína. Serviu para a gente pensar (D) em não usar mais, pensar nos efeitos no corpo e nunca mais usar (D). O grupo era legal (B), a gente já se conhecia. A partir disso muita gente desistiu de droga, inclusive eu, graças a Deus. Hoje, quando a gente é convidado a fazer uma "zoeira", não aceita (D) e tenta tirar os outros (D). A gente, com o risco da droga, da AIDS, não pode ter parceiro na droga, não pode arrastar ninguém" (G).

• **SUJEITO 13**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, segundo grau.

G.P.O. FREQUENTADO: Tóxicos.

"Naquele momento o que valeu foram as amizades (B) que fiz. Sobre Tóxicos aprendi algo (A), mas a gente aprende mais na "boa", até experimentando" (G). Naquela época não levei muito a sério (G). Se a UNICAMP oferecesse de novo seria bom, aproveitaria mais (D). Ponto mais positivo foram as amizades (B) firmadas. A gente se encontra e começa a conversar sobre o curso (B), época anterior ao curso, posterior. Há uma certa saudade daquele tempo. Era feliz e não sabia (D)".

• **SUJEITO 14**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, segundo grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Relacionamentos Familiares.

"De forma ampla, a gente estava com organização muito boa (G). Para que a Comissão (de Mensageiros) desse certo, precisamos conhecer mais a realidade dos mensageiros. Foi difícil aquela época. Tive contato com pessoas com problemas familiares e sociais. Os cursos (B) deram força ao pessoal (D). A gente era bem unido. A comissão chamou primeiro C.M.U.- Comissão de Mensageiros da UNICAMP e depois CONSUCAMP. Eu gostaria de recuperar os Informativos (= jornalzinho). Discutíamos com o pessoal da ASSUC (Associação de Servidores da UNICAMP). Não acreditavam na capacidade de fazermos o Informativo. Eu escrevia 95% dos artigos (G). Lembro um pouco (F) (do G.P.O.), porque a gente tinha muitas reuniões, encontros. (F) Temos um grupo de basquete até hoje. (D) Não havia necessidade de professor. (G) A Comissão marcava 2 a 3 reuniões por mês. Era fantástico! A Diretoria tinha de 25 a 30 pessoas, no início!" (G).

• **SUJEITO 15**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo feminino, solteira, 2º ano da universidade.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

“Na época tive bastante conhecimento do assunto, foi bastante interessante. Muita gente aprendeu muito. Muita orientação (A). Convívio foi muito bom. (enquanto a gente era mensageiro). Seria bom se os guardinhas de hoje tivesse a mesma oportunidade. Quando completamos 18 anos, liderados pela E. fizemos uma comissão porque a Unicamp não queria contratar a gente. Isso foi possível graças as reuniões de orientação, porque antes a gente só se conhecia do Banco, de falar oi. Depois pudemos lutar juntos (D). Cada unidade já tinha uma turminha de mensageiros mas com as reuniões, o pessoal foi se unindo mais (D) e das diversas unidades, porque eramos iguais, fazíamos a mesma função. Daquela época só tenho recordações ótimas. Pessoal unido (D). Depois o pessoal se dispersou mais. Cada um por si. Perdendo contato alguns casaram, tiveram filhos. Poucos mantêm contato, pelo menos telefonico. Tenho contato com a E..., L..., K..., M... Os guardinhas de hoje que dizem que passam por um processo para entrar na Unicamp para o trabalho, têm menos maturidade que o nosso grupo de mensageiro (D). Os grupos de orientação influenciaram em muitos mensageiros (D). O cotidiano também influenciava para amadurecer. O importante era que se encontrava outras pessoas e as trocas permitiam amadurecer (B). Algumas pessoas não tiravam proveito. Jam simplesmente para sair do lugar de trabalho, não souberam aproveitar as oportunidades.

• **SUJEITO 16**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo masculino, solteiro, cursando 3º colegial.

G.P.O. FREQUENTADO: Sexualidade.

“A gente aprendia muita coisa que não sabia (A) e tinha maior convivência com o pessoal (B), se unia, se conhecia melhor as pessoas. Ajudou em tudo pois se sentia dificuldade podia procurar alguém (D). Hoje reflete-se em uma liberdade que se tem de

expressão (D.), de você fazer o que quer: dentro do que sabe que é possível. Só valeu! Não tenho críticas. Ajudou a descobrir coisas que até então não se tinha acesso (D.). Antes não tinha oportunidade. Tinha tipo uma mesa redonda e se discutia sobre sexualidade”.

• **SUJEITO 17**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo feminino, solteira, 2º grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Estudos e profissões.

“Começou em 1987. O pessoal tinha bastante interesse. O pessoal tomou consciência (D.). Na época não se pára para chegar a conclusão. Com o passar do tempo você vê a importância, vai evoluindo, bastante importante. Conscientização quanto as doenças, tratamento de dentes, saúde (D.). Todos os debates, palestras, falando sobre isso (A.), até o grupo para conversar abertamente. Grupo para conversar, foi progredindo e foi muito bom para quem aproveitou dos eventos e participou (B.). Lembro até hoje: conversas com Luzia, Sheila. Pessoas ficaram muito unidas (B.). A união foi fundamental durante todos os anos e até hoje (D.) (lembra que as pessoas achavam? Que era politicagem?) nas conversas com grupo. Mágoas: pessoas que não entraram para valer, não aproveitaram a oportunidade, pessoas do grupo (G.) que dá pena hoje é de gente que tinha desconfiança de que a gente estava a fim de lutar por aquilo (G.) pelos mensageiros para continuar na Unicamp, pois era uma corda bamba. Teve pessoas que magoaram bastante. Pessoas do próprio grupo que deram essas mancadas. Machucou tanta desconfiança. Do grupo, os que batalhavam, levavam na costas eram poucos (G.). Ficou amizade entre as pessoas, oportunidade de conversar. Ficou isso com a maioria dos mensageiros (B.). Ninguém pensava nada antes. Depois começaram a surgir idéias, tudo começou passo a passo (D.). O informativo, as idéias, campanhas de doações de órgãos, de sangue. Até hoje, arquivo com tudo o que fez. Projeto, todos os Informativos (jornalzinho), toda ata de reunião, trabalhos externos que eu fiz, eu e um grupo, para a prefeitura, para a população, coisas muito boas, projeto para todo lugar (G.). Isso no finalzinho do grupo, nos últimos 6 meses do grupo, contato com vereadores (G.).

• **SUJEITO 18**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo feminino, solteira, 2º grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Estudos e profissões

"Foi no primeiro ano de Unicamp, lembro mais em 89 com Marisa (F.). Nas palestras perguntava-se o que a gente fazia e era orientado em questões profissionais (A.). Lembro das questões em relação as drogas. Na época muitos fumavam, bebiam, usavam drogas. A que estava sempre acompanhando, não lembro se Luzia ou Marisa... (F.). Fiz uns três ou quatro exames psicotécnicos que eles consideravam como avaliação de D.F. e essas coisas (B.). Eram freqüentes as reuniões, eramos convocados por isso chamamos de palestras. O neurologista me disse que só fica comigo as coisas que me interessam, o que não, eu deixo para lá. É falta de interesse (B.). Na época até tive interesse, mas hoje eu não me lembro (F.). Acredito que até tenha me ajudado profissionalmente (D.). Na época eu não me interessava pelo serviço de mensageiro, gostava mais do serviço de secretária, era o meu interesse. Hoje sou técnica de ... (B.). Cheguei a participar dos grupos mas acho que eles falavam mais de serviço de mensageiro, alertar sobre drogas, conhecimento geral, pois eram crianças que não tinham diálogo com os pais. Lembro da palestra sobre anticoncepcional que deu uma certa bagunça e teve que separar as turmas (B.). Acho que eu peguei daquilo, crescimento pessoal (D.), não quis ficar naquele setor ... Prestei concurso interno para melhorar profissionalmente, buscando satisfação profissional. Quando entrei achava que era só mensageiro. No grupo percebi que podia conseguir mais (D.). Acho que participei bem, no começo só.

• **SUJEITO 19**

IDENTIFICAÇÃO: 23 anos, sexo feminino, solteira, 2º grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Relacionamentos familiares.

“Eu me lembro pouco, fui em uma ou duas reuniões (F.). Gostei muito. Na época de adolescentes temos mais conflitos, era um momento de descontração, que ficávamos a vontade (D.). É sempre bom se reunir em grupo, discutir, debater, ajuda no amadurecimento de nossas idéias (B.). Agora estou mais perto de constituir uma família. É um passo importante. Acho que a família ocupa na vida um espaço fundamental, a gente passa a ver que os pais querem o bem de seus filhos (D.). Achei muito importante. Depois daquela época não teve mais oportunidade desse tipo (D.). Em grupo, não teve mais nada. Eu lembro que a Lúzia conversava com a gente nessas reuniões, depois pedia que o pessoal perguntasse, opinasse, eu lembro que a gente fazia desenho, depois debatia a respeito deles também. Depois disso a gente se reunia para brigar por condições salariais e outras reivindicações (D.), mas essas reuniões não tinha nada a ver com o grupo. As amizades eu já tinha antes do grupo, não formei por causa dele.

• **SUJEITO 20**

IDENTIFICAÇÃO: 22 anos, sexo masculino, solteiro, 2º grau completo.

G.P.O. FREQUENTADO: Relacionamentos familiares.

“Do grupo só lembro de duas pessoas. Do geral de mais pessoa, dos outros grupos. Conheci também gente que só conhecia de vista (B.). Em relação ao relacionamento familiar melhorou um pouco, deixei de ser prepotente, eu era meio o dono da razão (D.). Faz tanto tempo! Tá bem difícil de lembrar (F.). No meio grupo o pessoal expunha também os problemas de casa e tentava chegar a uma conclusão ou, às vezes num comentário a gente se encaizava e discutia. Chegava a conclusão se estava certo ou não, se podia mudar de atitude ou não (D.). Eu trabalhava, estudava e dava

semana (G.). Os assuntos que me interessavam não interessavam para mais ninguém em casa, eu tive muitos amigos, tinha colegas. No grupo eu vi que conversando a gente podia se entender melhor, escutar um pouquinho mais, ver se o problema não era comigo; achar que o problema é nos outros, é mais fácil (D.). Tinha só dois amigos, um antes do grupo e um depois. Ficou amigo só o de antes. Me desentendi com o outro (B.). Acho que sem o grupo não teria tentado mudar um pouquinho, em um relacionamento familiar, sem um cutucadinha a gente não acorda, eu sou meio difícil para parar, para pensar é meio difícil (D.). Porque eu não tinha tempo de fazer nada, eu só pensava em mim.